

**POTENCIALIDADES DO TRATAMENTO DOCUMENTAL E
BIBLIOMÉTRICO DE PERIÓDICOS DA COLEÇÃO
PATRIMONIAL DA BIBLIOTECA DA SECRETARIA GERAL
DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA:
ESTUDO DO GUIÃO (1949-1953)**

Severino Farias de Santana Filho

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da
Informação e da Documentação - Área de
especialização em Biblioteconomia**

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

novembro, 2015

**POTENCIALIDADES DO TRATAMENTO DOCUMENTAL E
BIBLIOMÉTRICO DE PERIÓDICOS DA COLEÇÃO
PATRIMONIAL DA BIBLIOTECA DA SECRETARIA GERAL
DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA:
ESTUDO DO GUIÃO (1949-1953)**

Severino Farias de Santana Filho

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da Informação e da
Documentação - Área de especialização em Biblioteconomia**

novembro, 2015

Relatório de estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Informação e da Documentação – Área de especialização em Biblioteconomia realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria de Lurdes Rosa e Dr.^a Silvana Roque de Oliveira.

À Rayssa Cynara, Ryan e Rahul Lamba

AGRADECIMENTOS

À professora Dr.^a Silvana Roque de Oliveira, pela orientação, partilha do saber, contribuições preciosas, apoio e total disponibilidade que sempre demonstrou ao longo deste percurso.

À Professora Doutora Maria de Lurdes Rosa pela orientação, incentivo e revisão do Relatório.

Ao Doutor Pedro Maximino pela orientação durante o estágio, pelo conhecimento partilhado e pelas explicações esclarecedoras.

Igualmente agradeço ao Dr. Miguel Infante Chefe da Divisão de Serviços de Documentação e de Arquivo da Secretaria Geral e a cada um dos elementos da equipa deste Serviço pelo acolhimento e possibilidade de acesso a todas as informações necessárias para a realização deste trabalho.

À enfermeira Ana Campos Reis, ao enfermeiro João Geraldo, à Dr.^a Cláudia Sofia Agosto e à equipa da Residência Madre Teresa de Calcutá (Unidade de Acompanhamento Terapêutica da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa)

A todos vós agradeço e dedico este trabalho.

RESUMO

POTENCIALIDADES DO TRATAMENTO DOCUMENTAL E BIBLIOMÉTRICO DE PERIÓDICOS DA COLEÇÃO PATRIMONIAL DA BIBLIOTECA DA SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA: ESTUDO DO *GUIÃO* (1949-1953)

Severino Farias de Santana Filho

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência; Catalogação analítica; Análise bibliométrica; *Guião: revista para graduados*; Mocidade Portuguesa.

O presente relatório apresenta as atividades desenvolvidas durante o estágio na biblioteca da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência, no âmbito do Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação, da Universidade Nova de Lisboa. A estrutura do relatório está dividida em duas partes. A primeira apresenta a Instituição do estágio e a Biblioteca, quer a nível da sua missão, quer a nível das suas coleções patrimoniais. Seguidamente são descritas as atividades do tratamento documental, nomeadamente: a catalogação analítica, a indexação e o ficheiro de autoridades da publicação periódica *Guião: revista para graduados* da Mocidade Portuguesa, objeto de estudo direto deste trabalho. Este processo de gestão documental foi acompanhado por um estudo diacrónico da história contemporânea portuguesa da Mocidade Portuguesa, com a finalidade de enquadrar o contexto sociopolítico dos assuntos abordados na referida publicação periódica. Terminado o referido tratamento biblioteconómico, a informação foi imediatamente disponibilizada no catálogo SIBME - *Sistema Integrado de Bibliotecas do Ministério da Educação*. Para além desta divulgação técnica, também foram elaborados vários *posts* no blogue do Ministério da Educação e Ciência de conteúdos sobre o *Guião*. A segunda parte do relatório é constituída por um estudo bibliométrico da revista mencionada, a partir dos dados provenientes da catalogação analítica. Os metadados daí provenientes possibilitaram a elaboração de dois índices quantitativos: de autores e títulos. O índice de autores foi ordenado por autores, cargos na Mocidade Portuguesa e funções na revista. O índice de títulos descreve o título dos analíticos, os grandes temas, os descritores da indexação, as ilustrações, o ano e o número dos fascículos. O estudo propriamente dito quantifica os dados provenientes dos índices e, com a ajuda de indicadores bibliométricos - tais como, análise de produção, análise temática e análise de autoria - estamos na posse dos autores, assuntos e áreas temáticas mais relevantes desta publicação da Mocidade Portuguesa.

ABSTRACT

Potentialities of the Documental and Bibliometric Treatment of Periodicals belonging to the Patrimonial Collection of the Ministry of Education and Science General Secretary Library: Study of “*Guião*” (1949-1953)

Severino Farias de Santana Filho

KEYWORDS Ministry of Education and Science General Secretary Library; Analytical Cataloguing; Bibliometric Analysis; *Guião*; revista para graduados; Mocidade Portuguesa

The present report presents the activities developed during the internship held at the Ministry of Education and Science General Secretary Library, in the scope of the Sciences of Information and Documentation Master Degree, Universidade Nova de Lisboa. The structure of the report is divided in two parts. The first part presents the institution where the internship took place and its library, both at its mission and patrimonial collection level. Subsequently the documental treatment activities are described, namely, the analytical cataloguing, the indexation and the authorities file of the periodical publication named *Guião: revista para graduados da Mocidade Portuguesa* (*Guião*: magazine for graduates of Portuguese Youth), the specific object study of this work. This documental process management was accompanied by a diachronic study of the contemporary Portuguese history of the *Mocidade Portuguesa* (Portuguese Youth), with the purpose of framing the sociopolitics context of the subjects addressed in the referred publication. After the referred biblioteconomic treatment being concluded, the information was immediately released on the catalogue *SIBME – Sistema Integrado de Bibliotecas do Ministério da Educação* (Ministry of Education Libraries Integrated System). Apart this technical divulge, there also were elaborated several posts in the Ministry of Education blog of contents about *Guião*. The second part of the report is composed of a bibliometric study of the mentioned magazine, taken from the data provided from the analytical cataloguing. The metadata which derived from there enabled the elaboration of two quantitative indexes: authors and titles. The authors index was ordinated by: authors ranks held in *Mocidade Portuguesa* and functions in the magazine. The index of titles describes the analytical titles, the indexation descriptors, the great themes, the year, the number and the illustrations of the fascicles. The study itself quantifies the data derived from the indexes and, with the help of bibliometric indicators, such as: the production analysis, the thematic analysis and the authorial analysis, we are in the possession of the authors, subjects and thematic areas which are more relevant to this *Mocidade Portuguesa* publication.

SUMÁRIO

Introdução	1
Motivação	1
Objetivos.....	2
Estrutura do relatório.....	3
PARTE I: O ESTÁGIO NA BIBLIOTECA DA SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA	5
CAPÍTULO I.1. A INSTITUIÇÃO E O ACERVO	5
I.1.1. O Ministério da Educação e Ciência	5
I.1.2. A Secretaria Geral	6
I.1.3. A Biblioteca.....	8
I.1.3.1. O acervo e as coleções	8
I.1.3.2. A coleção Mocidade Portuguesa.....	10
CAPÍTULO I.2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO	13
I.2.1. Métodos e instrumentos normativos	13
I.2.2. Descrição do tratamento documental	14
I.2.2.1. Catalogação analítica	14
I.2.2.2. Indexação	17
I.2.2.3. Ficheiro de autoridade	19
I.2.3. Difusão e disseminação da informação	21
I.2.4. Propostas para a gestão documental.....	22
PARTE II: ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DO <i>GUIÃO: REVISTA PARA GRADUADOS</i> (1949-1953).....	23
CAPÍTULO II.1. REVISÃO DA LITERATURA.....	23
CAPÍTULO II.2. FONTES DE INFORMAÇÃO E MÉTODO.....	29
II.2.1. Organização Mocidade Portuguesa.....	29
II.2.1.1. Estrutura hierárquica.....	30
II.2.2. Publicação periódica: <i>Guião</i>	32
II.2.2.1. Responsabilidade editorial	34
II.2.2.2. Público-alvo e periodicidade	35
II.2.2.3. Apresentação gráfica.....	37
II.2.3. Recolha e tratamento de dados.....	38
II.2.3.1. Indicadores bibliométricos.....	38

CAPÍTULO II.3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	41
II.3.1. Análise da produção	41
II.3.2. Análise temática	46
II.3.3. Análise da autoria.....	52
II.3.3.1. Cargos na Mocidade Portuguesa.....	56
II.3.3.2. Ilustradores.....	57
II.3.4. Um olhar de conjunto	59
Conclusão.....	63
Bibliografia	65
Lista de Quadros	74
Lista de Gráficos.....	76
Lista de Figuras.....	78
Lista de Tabelas	80
APÊNDICES	i
Apêndice A.....	iii
Apêndice B.....	v
Apêndice C.....	vii
Apêndice D.....	ix
Apêndice E	xi
ANEXOS	xv
Anexo A.....	xvii
Anexo B.....	xix
Anexo C.....	xxiii
Anexo D.....	xxv
Anexo E.....	xxix
Anexo F	xxxi
Anexo G.....	xxxiii

LISTA DE ABREVIATURAS

CDU – Classificação Decimal Universal.

CI – Ciências da Informação.

DSDA – Direção de Serviços de Documentação e de Arquivos.

IFLA – *International Federation of Library Associations and Institutions*

ISBD – *International Standard Bibliographical Description*.

MARC – *Machine Readable Cataloging*.

ME – Ministério da Educação.

MEC – Ministério da Educação e Ciência.

MESGBH – Biblioteca Histórica da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência.

MPF – Mocidade Portuguesa Feminina.

OMEN – Obra das Mães para a Educação Nacional.

PORBASE – Base Nacional de Dados Bibliográficos.

RPC – Regras Portuguesas de Catalogação.

SGMEC – Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência.

SIBME – Sistema Integrado de Bibliotecas do Ministério da Educação.

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*.

TESE – *Thesaurus Europeu dos Sistemas Educativos*.

UNIMARC – *Universal Machine Readable Cataloging*.

URL – *Uniform Resource Locator*.

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como propósito apresentar as atividades desenvolvidas no estágio realizado na biblioteca da Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência, bem como refletir sobre um conjunto de problemas mais vastos, de índole técnica e teórica, que se levantam a partir do trabalho prático e que é possível analisar nesta sede de escrita, e que equacionaremos em detalhe nesta introdução.

As atividades biblioteconómicas desenvolvidas foram, primeiramente, a catalogação de registos analíticos da publicação periódica *Guião: revista para graduados*, publicação do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, seguidamente, elaborou-se um estudo bibliométrico dos dados recolhidos e quantificados.

O trabalho levado a cabo permitiu a quantificação de 333 registos analíticos correspondentes à totalidade da produção editorial desta publicação. A divulgação e disseminação formal da metainformação dos registos analíticos encontram-se desde já disponíveis em linha no Catálogo do Sistema Integrado de Bibliotecas do Ministério da Educação – SIBME. Foram ainda elaborados vários pontos de acesso para que a informação seja mais facilmente recuperável.

Motivação

A biblioteca da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência foi, efetivamente, a opção para concretizar as nossas motivações provenientes da prática profissional ali realizada anteriormente, ainda na parte curricular do mestrado. Entre estas, destaca-se a larga experiência da equipa desta Biblioteca, ao nível do tratamento documental e da disseminação da informação relativa à educação em Portugal, o que constituiu mais uma oportunidade concreta de desenvolver as nossas competências biblioteconómicas.

Uma outra motivação a destacar foi a análise massiva de metadados provenientes da catalogação analítica, sendo esta um tratamento documental profundo, que permite uma recuperação da informação muito mais pertinente e seletiva para um público especializado. A análise qualitativa da publicação periódica *Guião: revista para graduados*, a nível da estrutura editorial, tais como das secções da revista, funções de

autores e áreas temáticas relevantes, vai permitir um paralelo entre os seus conteúdos e o contexto histórico da sua publicação.

A possibilidade de desenvolver uma abordagem bibliométrica dos dados recolhidos foi a motivação derradeira para o conhecimento efetivo da referida publicação, uma vez que a elaboração de índices quantitativos e tabelas afins, resultantes do tratamento documental, viabilizaram o estudo bibliométrico a partir de indicadores unidimensionais para a análise diacrónica dessa publicação da Mocidade Portuguesa.

Objetivos

Esta investigação pretende examinar, por meio do tratamento documental analítico, a publicação periódica *Guião: revista para graduados* da Mocidade Portuguesa, com o objetivo de descrever o conteúdo documental das partes componentes dos seus 22 volumes publicados entre março 1949 a fevereiro de 1953, de forma a recuperar os principais elementos bibliográficos de diferentes tipologias (assuntos, autores e outras responsabilidades secundárias), aprofundando-o através do tratamento bibliométrico.

Esta prática irá incidir sobretudo na apresentação de indicadores de produção, de autoria e de análise temática. Para a concretização deste objetivos propomos conhecer:

- As possibilidades de quantificar metadados provenientes da catalogação analítica de publicações periódicas;
- Os autores, assuntos e elementos editoriais mais relevantes na publicação periódica *Guião: revista para graduados*.

Numa primeira instância, uma das nossas preocupações é, pois, o domínio da catalogação analítica e conseqüente representação de metadados daí proveniente. Outra preocupação é a análise quantitativa – bibliométrica – dos índices provenientes da análise de dados, tais como, quantificação de autores, assuntos e um vasto conjunto de elementos editoriais.

Estrutura do relatório

A estrutura intelectual desta investigação está centrada em duas partes. A primeira parte consta de dois capítulos. No primeiro capítulo apresentamos, de modo geral, a Instituição onde foi efetuado o estágio, e, em particular, a Biblioteca e o seu acervo documental. No segundo capítulo descrevemos as atividades desenvolvidas durante o estágio, o processo de tratamento documental da publicação periódica em estudo. Por último apresentamos propostas ao tratamento documental, com base numa reflexão profissional.

A segunda parte é inteiramente dedicada ao estudo bibliométrico da publicação periódica investigada, onde são quantificados os dados provenientes da elaboração de índices. Em primeiro lugar, e para uma melhor contextualização teórica do presente estudo, foi desenvolvida uma breve revisão da literatura. Seguidamente apresentamos a revista – estrutura formal e editorial – quantificamos e analisamos os metadados provenientes dos registos analíticos dos 333 artigos tratados. Terminaremos com as devidas conclusões.

PARTE I: O ESTÁGIO NA BIBLIOTECA DA SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

O estágio foi realizado na biblioteca da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência, doravante designada por SGMEC, sob a supervisão do técnico superior Doutor Pedro Maximino. A carga horária foi de 120 horas, distribuídas por sessões descontínuas, com início a 18 de março e término a 30 de maio de 2015 (ver: Apêndice A)

CAPÍTULO I.1. A INSTITUIÇÃO E O ACERVO

A biblioteca da SGMEC está integrada na Direção de Serviços de Documentação e Arquivo, doravante designada por DSDA. Para melhor compreensão da missão da biblioteca do Ministério da Educação e Ciência é necessário caracterizar esta instituição estatal e respetiva estrutura orgânica.

I.1.1. O Ministério da Educação e Ciência

O atual Ministério da Educação e Ciência sucedeu ao extinto Ministério da Educação¹, assumindo as suas atribuições e agregando atualmente no mesmo departamento governamental também as atribuições do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

O Ministério da Educação e Ciência é uma instituição governamental e tem a missão de controlar e implementar políticas nacionais de educação, ciência e tecnologia (Cf. Decreto-Lei 125/2011, art.1º). Para levar a cabo esta missão, este Ministério, entre várias atribuições, elabora políticas de difusão da informação e de educação com o objetivo de fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico (Cf. Decreto-Lei n.º 125/2011, art.2º, alínea “u”).

¹ “A história institucional deste Ministério remonta a 7 de Julho de 1913, quando é criada a primeira lei que oficializa em definitivo o Ministério da Instrução Pública. Desde então, várias modificações ocorreram na sua estrutura orgânica, e na sua denominação, decorrentes das diversas mudanças de governo e das diferentes conjunturas políticas ao longo destes anos. Durante o Estado Novo o Ministério da Instrução Pública passa a denominar-se Ministério da Educação Nacional, de acordo com a Lei de 11 de abril de 1936” (CARVALHO, 1986, p. 760). Durante este período a designação deste Ministério manteve-se até o fim do regime, isto é, de 1936 a 1974, sendo este o período mais longo da sua denominação.

I.1.2. A Secretaria Geral

A Secretaria Geral faz parte dos Serviços Centrais do Ministério da Educação e Ciência e está integrada na Administração Direta do Estado. São oito os Serviços Centrais que integram a Administração Direta do Estado (ver: Apêndice B). Por sua vez, a Secretaria Geral tem a missão de assessorar juridicamente os membros do Governo em vários contextos e também assume a incumbência de gerir os recursos patrimoniais, tecnológicos, financeiros e humanos deste Ministério, sendo responsável ainda pela qualidade da informação e sua divulgação (Cf. Decreto-Lei n.º 125/2011, art. 10.º, parágrafo 1º).

De entre as atribuições da Secretaria Geral, a que se refere à gestão do espólio documental do Ministério da Educação e Ciência diz respeito ao dever desta Secretaria salvaguardar e divulgar o património histórico da educação e da ciência, “nas vertentes arquivísticas, bibliográficas e museológicas”² (Cf. Decreto-Lei n.º 125/2011, art. 10º, Parágrafo 2, alínea “g”).

Neste contexto organizacional são definidos responsáveis pela sistematização dos acervos da biblioteca, do arquivo e de museologia. Estes organismos são geridos pela DSDA, uma das dez direções de serviço da Secretaria Geral (ver: Apêndice C).

A Secretaria Geral é composta por dez direções de serviços nucleares, regendo-se cada uma, *per si*, por competências específicas e coordenadas por diretores de serviços, que possuem cargos de direção intermédia de 1.º grau. A DSDA é a responsável pela gestão de todo o fundo documental da Secretaria Geral, a nível de biblioteca, arquivo e museologia, para além da administração do Teatro *Thalia*.

A DSDA prossegue as atribuições da Secretaria Geral para a concretização da sua missão, no entanto, com competências específicas, das quais se destacam:

² Estas atribuições já constavam da Lei Orgânica do Ministério da Educação desde 2006, (Cf. Decreto-Lei n.º 213/2006), onde está explícito que a Secretaria Geral incluía, além das três vertentes mencionadas, a arquitetónica.

Quadro 1. Competências da DSDA
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recolha, tratamento, conservação e comunicação do espólio museológico e biblioteconómico, assim como dos arquivos que deixam de ser de uso corrente.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Seleção, recolha, tratamento, conservação, inventariação e digitalização das coleções bibliográficas, arquivísticas e museológica.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atualização do acervo bibliográfico do MEC.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Acesso ao seu espólio documental, garantido tanto aos gabinetes ministeriais quanto ao público em geral, quer seja presencial ou em linha.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gestão do <i>teatro Thalia</i>, utilizado para encontros e palestras proferidas maioritariamente por personalidades portuguesas ligadas à área da educação, para além de encontros culturais diversos.

Fonte: Adaptado (Cf. Portaria n.º 150/2012, art.10º, alíneas “a-i”).

A partir das atribuições da DSDA descritas no Quadro 1 fica caracterizada a tríade biblioteca/arquivo/museu, que comporta o património histórico da educação da Secretaria Geral. Cada uma destas áreas documentais utiliza técnicas específicas no tratamento de dados, mas com objetivos comuns, na gestão e divulgação do seu acervo documental.

A DSDA gere estas três vertentes documentais, por tal, faz uso de importantes instrumentos de gestão, a saber: O *Plano Anual de Atividades* (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, 2015) e a *Carta da Qualidade* da DSDA (ver: Anexo A). No que diz respeito ao primeiro, contribui para a análise e (re)orientação das atividades dos serviços documentais e permite uma melhoria significativa na qualidade dos serviços prestados, sem deixar de lado a *Carta da Qualidade* que é o documento que espelha a excelência dos serviços da DSDA.

I.1.3. A Biblioteca

As atribuições da biblioteca³ da SGMEC podem ser definidas a partir das atribuições da Secretaria Geral e das competências específicas da DSDA. Entende-se, assim, que a biblioteca da SGMEC tem como objetivo tratar e divulgar informação referente a todo o acervo bibliográfico do Ministério da Educação e Ciência.

Para levar a cabo a sua missão⁴, a Biblioteca assume a *cadeia documental*⁵ nas suas rotinas diárias. Para uniformizar modelos de gestão foi criado em julho de 2003 o grupo de trabalho para o Sistema Integrado de Bibliotecas do Ministério da Educação e reativado em 2014, com o objetivo de definir uma política integrada de gestão da documentação do então Ministério da Educação. Desta forma padronizaram-se procedimentos com a finalidade de (i) reorganizar serviços prestados aos núcleos documentais; (ii) elaborar propostas de acessibilidade; (iii) divulgar as coleções através de exposições; (iv) e, finalmente, dar formação a especialistas da área da documentação.

Quanto à tipologia do seu acervo, a biblioteca da Secretaria Geral é especializada⁶ em educação, não só pelas características *sui generis* do mesmo, mas também pela instituição estatal a que serve – Ministério da Educação e Ciência. Na medida em que preserva, organiza e divulga o património histórico da educação, é também uma biblioteca de cariz histórico e de características patrimoniais.⁷

I.1.3.1. O acervo e as coleções

O acervo da biblioteca da SGMEC é constituído por documentação proveniente dos: (i) Serviços do Ministério da Educação, (ii) Espólios de escolas, (iii) Espólios de

³A Biblioteca está localizada no edifício da SGMEC, na Avenida 5 de Outubro, n.º 107, R/C. Cód. Postal: 1069-018. Lisboa. O seu horário de funcionamento é de segunda-feira a sexta-feira das 09.00 horas às 17.00 horas.

⁴ Para conhecer a missão da biblioteca da SGMEC, revestiu-se de extrema importância conhecer as competências da DSDA, à qual está subordinada. Partindo deste conhecimento, chegámos também à caracterização dos seus objetivos e do seu público potencial.

⁵“Conjunto composto por uma série sucessiva de actividades, que começam com a redacção de uma obra ou documento até à sua disponibilização aos leitores e/ou utilizadores.” (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 182)

⁶ “Biblioteca organizada sobre disciplinas ou áreas específicas do conhecimento.” (CUNHA e CAVALCANTE, 2008, p. 51)

⁷ “Designação atribuída às bibliotecas nacionais, pelo facto de lhes competir um serviço público que assenta na garantia da salvaguarda e do acesso às colecções nacionais e às principais publicações sobre as diferentes áreas do saber.” (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 156)

particulares (iv) e Fundo geral. A Biblioteca Histórica da Educação da Secretaria Geral⁸ é constituída por estas coleções, exceto o fundo geral.⁹

Quadro 2. Coleções da biblioteca da SGMEC	
i	Serviços do Ministério da Educação
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Biblioteca e Museu do Ensino Primário ▪ Construções Escolares (em tratamento) ▪ Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação ▪ Grupo de Trabalho M.E. para Comemoração Descobrimentos Portugueses ▪ Instituto António Aurélio da Costa Ferreira ▪ Bibliotecas Populares ▪ Ministério da Instrução Pública ▪ <i>Mocidade Portuguesa</i> *
ii	Espólios de escolas
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escola Afonso Domingues ▪ Escola Marquesa de Alorna ▪ Escola Secundária David Mourão-Ferreira ▪ Escola Rodrigues Sampaio
iii	Espólios particulares
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Espólio António Ginestal Machado ▪ Espólio Faria de Vasconcelos ▪ Espólio José Baptista Martins
iv	Fundo geral
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Áreas da educação e outras ▪ Doações de benfeitores ▪ Doações dos gabinetes ministeriais ▪ Programas

Fonte: Elaboração própria.

⁸ O acervo da Biblioteca Histórica da Educação está reservado no 1º piso do edifício da Secretaria Geral e no depósito de Camarate.

⁹ O fundo geral está em livre acesso na sala de leitura da Biblioteca da SGMEC..

O fundo geral é enriquecido através de doações várias, este acervo bibliográfico está em livre acesso e disponibiliza várias áreas nucleares de educação. Ressalta-se que a publicação periódica *Guião*, objeto de nosso estudo, foi retirada do acervo da Biblioteca Histórica da Educação, mais especificamente da coleção Mocidade Portuguesa, como se verifica no Quadro 2, sendo este acervo de acesso restrito, por razões de preservação patrimonial.

I.1.3.2. A coleção Mocidade Portuguesa

O acervo bibliográfico da coleção patrimonial Mocidade Portuguesa, doravante podendo ser designada apenas por Mocidade, disponibiliza um vasto conjunto documental, contabilizando 370 monografias e 21 publicações periódicas, todas disponíveis na base de dados SIBME¹⁰, da Secretária Geral.

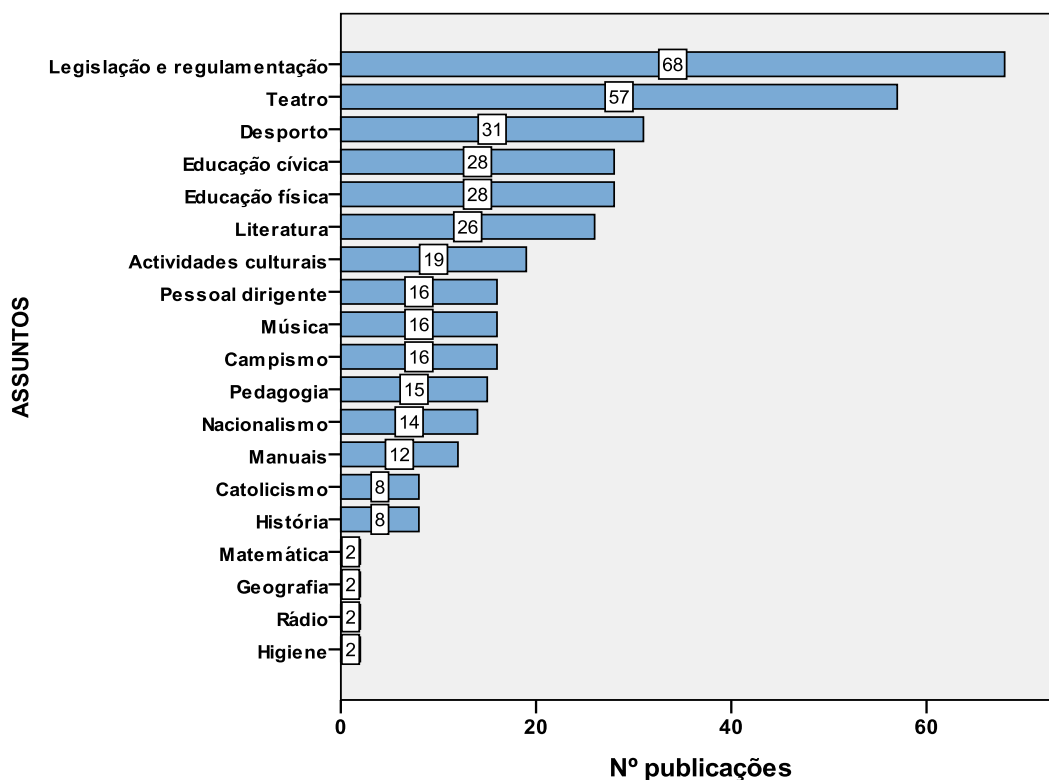
No que diz respeito à proveniência da coleção Mocidade Portuguesa, cabe referir que o Decreto-Lei n.º 459/74 (Cf. Decreto-Lei n.º 459/1974) determinou que todos os bens das extintas Mocidade Portuguesa e Mocidade Portuguesa Feminina ingressassem no património do Estado e que o então Ministério da Educação e Cultura assumisse, com efeitos a partir da data da sua extinção, os direitos e obrigações dos referidos organismos. Desta forma, a SGMEC tornou-se a depositária deste espólio documental.

Na sequência da criação do *Arquivo Histórico do Ministério da Educação*, em 1989, a documentação da Mocidade Portuguesa, então considerada de conservação permanente, foi transferida para a atual DSDA da Secretaria Geral a fim de ser tratada arquivisticamente, com vista à sua preservação e comunicação. A transferência da documentação arquivística, museológica e biblioteconómica foi efetuada a 30 de junho de 1989 (Ver: Anexo B).

No Gráfico 1 apresentamos os assuntos da coleção Mocidade Portuguesa.

¹⁰O SIBME é o catálogo *on line* do Ministério da Educação e Ciência e integra a coleção das seguintes bibliotecas: Direção Geral da Educação; Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares; Direção Serviços Região Alentejo; Direção Serviços Regionais Algarve; Direção Serviços Região Centro; Direção Serviços Região Norte; Inspeção Geral da Educação e Ciência; Secretaria Geral; Biblioteca Geral e Biblioteca Histórica da Educação. Pode ser consultado em: <http://sibme.sec-geral.mec.pt>.

Gráfico 1. Distribuição das publicações da coleção da Mocidade Portuguesa pelos descritores do *Thesaurus TESE*



Fonte: SIBME (Biblioteca da SGMEC)

Os assuntos mais representativos da coleção Mocidade Portuguesa da Biblioteca Histórica da Secretaria Geral do Ministério da Educação e Ciência (MESGBH) – constantes dos descritores usados na indexação – são a “legislação/regulamentação” com frequência absoluta de 68 e o “teatro” com 57, seguidos do “desporto” com 31, da “educação física” com 28, da “educação cívica” com 28 e da “literatura” com 26. Embora se tenha verificado a existência de outros assuntos, tais como “atividades culturais”, “música”, “pedagogia”, etc., a sua relevância não é significativa, registando-se uma frequência absoluta de apenas 2 publicações sobre “matemática”, “geografia”, “rádio” e “higiene”.

O autor mais representativo da referida coleção é a Mocidade Portuguesa, enquanto autor coletivo e editor literário, este publica 45% dos títulos da coleção. Atendendo ao Gráfico 1, verifica-se que 18,4% da coleção é constituída por *legislação/regulamentos*. Assim sendo, não estranhamos que o autor (coletividade – autor) mais representativo seja o Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa.

CAPÍTULO I.2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO

Passa-se a descrever o tratamento documental da publicação periódica *Guião: revista para graduados*, sendo esta uma das 21 publicações que, como já referido, compõe a coleção Mocidade Portuguesa da Biblioteca Histórica da Educação da SGMEC.

A revista *Guião* é composta de 22 fascículos ricamente ilustrados. O primeiro número data de 28 de Maio de 1949 e termina em fevereiro de 1953. Toda esta análise formal será detalhada mais adiante. A sua importância histórica torna imprescindível o seu tratamento documental a fim de dar a conhecer autores, assuntos e conteúdos diversos.

O tratamento documental efetuado constou da catalogação, indexação e registo de autoridade. Na catalogação foi utilizada a linguagem UNIMARC, que, segundo Margarida Lopes (LOPES, 2007, p. 2), tem o objetivo de “identificar corretamente a informação, de modo a que a sua recuperação seja a mais correta possível e que os sistemas informáticos indexem precisamente, e sem ruído, toda a informação disponível”.

A indexação parte da análise de conteúdos da publicação e exige do indexador um conhecimento aprofundado da coleção e dos assuntos indexados. Nesta esteira, a indexação foi efetivada a partir da escolha de descritores específicos provenientes do *Thesaurus TESE*, por ser a prática seguida na biblioteca da SGMEC.

I.2.1. Métodos e instrumentos normativos

No tratamento documental foram usados instrumentos normativos, tais como, as RPC – Regras Portuguesas de Catalogação (SOTTOMAYOR, 2008); ISBD – *International Standard Bibliographical Description* (IFLA, 2012); as diretrizes da IFLA para a catalogação de analíticos (IFLA, 2003); os Manuais UNIMARC, bibliográfico (IFLA, 2008) e autoridades (IFLA, 2011); o *Thesaurus TESE – Thesaurus Europeu dos Sistemas Educativos* – (EURYDICE, 2008), aplicando-se os descritores numa indexação pré-coordenada; as recomendações da RUSA/ALA (ALA, 2010) e o Manual de Tratamento Documental da Divisão de Documentação da DSDA (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2003).

A catalogação do acervo da Secretaria Geral é feita utilizando a versão atualizada do sistema integrado de gestão bibliotecária – *Horizon 7.5.2*¹¹, que permite, entre outras potencialidades, a gestão de múltiplos índices.

I.2.2. Descrição do tratamento documental

Para começar o tratamento técnico, propriamente dito, analisou-se a forma e conteúdo da publicação periódica da Mocidade Portuguesa, com o objetivo de conhecer, *a priori*, as áreas e conteúdos da referida revista, pois, só assim seria possível um tratamento documental rigoroso. Esta exegese de conteúdos, das várias áreas do conhecimento do *Guião*, permitiu aprimorar a escolha dos descritores do *thesaurus* para a indexação.

I.2.2.1. Catalogação analítica

A catalogação¹² é uma das técnicas biblioteconómicas que simplifica, racionaliza e unifica todos os recursos bibliográficos impressos e/ou virtuais. Com o desenvolvimento das Ciências da Informação, doravante designada CI, a catalogação tornou-se um elemento essencial da cadeia documental para a criação de plataformas de pesquisa e disseminação da informação.

A catalogação analítica, na sua especificidade, é uma modalidade de descrição documental feita com vista à elaboração de múltiplos pontos de acesso de análise biblioteconómicos, ou seja, “assenta na seleção de certas partes de uma monografia ou de partes insertas em publicações periódicas como notas, artigos, notícias, etc.” (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 224) e (IFLA, 2013).

Muitas bibliotecas, nacionais e internacionais, têm vindo a apostar na valoração dos seus catálogos através da catalogação mais amíúde, a analítica. Veja-se por exemplo o caso da biblioteca central da Fundação Getulio Vargas, no Brasil:

¹¹ “O software Horizon, desenvolvido pela Ameritech Library Services, hoje Epixtech [...]. O Horizon é um sistema em ambiente gráfico com arquitetura cliente/servidor que utiliza um banco de dados relacional SQL. O formato de catalogação utilizado pelo Horizon é o padrão internacional MARC.” (CHATAIGNIER e SILVA 2001, p. 7)

¹² “Elaboração, segundo princípios normalizados, de uma notícia bibliográfica sinalética, analítica ou descritiva de um documento, tendo em vista a criação e atualização do catálogo.” (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 224)

“Para que se possa atingir o controlo sistemático da Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais, através do Bibliodata, basta uma participação efetiva das bibliotecas e órgãos de documentação em Ciências Sociais, principalmente em relação à catalogação analítica dos artigos de periódicos brasileiros no campo, a exemplo do que já vem realizando a Biblioteca Central da FGV.” (MONTE-MÓR, 1987, p. 16)

A própria SGMEC também tem apostado nesta forma de difusão de informação, no que diz respeito à área da educação. Efetivamente, o tratamento analítico amplia as modalidades de pesquisa bibliográfica. Após tal tratamento documental é disponibilizada no catálogo a descrição de todo o conteúdo formal da revista, tornando, assim, possível o seu acesso holístico. Assim sendo, o tratamento analítico integrará dados quantitativos e qualitativos relevantes para o domínio biblioteconómico, tendo também um forte potencial para a elaboração de estudos bibliométricos.

A catalogação analítica da publicação periódica *Guião: revista para graduados* da Mocidade Portuguesa comprova, em si mesmo, esta vantagem, ao permitir a recuperação e acesso a informações da história contemporânea portuguesa, nomeadamente, da classe dirigente do Estado Novo.

Passamos a apresentar os aspectos mais significativos no que diz respeito ao tratamento dos analíticos e às opções tomadas na SGMEC relativamente aos diferentes blocos do formato UNIMARC. Para isso, tomamos como exemplo o registo 188131, Figura 1, assim identificado no campo 001, onde o sistema gera um número único, de forma automática.

Figura 1. Registo bibliográfico analítico (*GUIÃO*, 1949 – 1953)

Estado: uc		Criado a: 24-04-2015 16:47:00 por: severino.farias		Exemplares: 0	
Pertence a: Não definido		Alterado a: 08-05-2015 19:59:00 por: severino.farias			
Campo: Etiqueta de registo [Opcional]					
Etiqueta de registo	000				n a a _ _ _
Identificador do registo	001				188131
Dados gerais de processamento	100				\$a 20150424 d 1952 _ _ _ k m _ _ y 01 03 _ _ _ ba
Língua da publicação	101	0			\$a por
País de publicação ou produção	102				\$a PT
Campo codificado: Material textual - Atributos físicos	106				\$a r
Título e menção de responsabilidade	200	1			\$a «A »(4*)»4* »dimensão \$f Carlos da Silva Lima \$g il. F.L.
Nível de conjunto	461		1		\$t <i>Guião</i> \$c Lisboa \$b <i>Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa</i> , \$v N. 20, (out./nov 1952) \$p p. 6-7
Título desenvolvido	532	1	1		\$a «A »quarta dimensão
Nome comum usado como assunto	606				\$a <i>Matemática</i> \$2 TESE
Nome comum usado como assunto	606				\$a <i>Educação formal</i> \$2 TESE
Nome comum usado como assunto	606				\$a <i>Organização juvenil</i> \$2 TESE
Autor-pessoa física (resp. intel. principal)	700		1		\$a <i>Lima</i> , \$b <i>Carlos da Silva</i>
Autor-pessoa física (resp.e intel. secundária)	702		1		\$a <i>Lima</i> , \$b <i>Fernando</i>
Fonte de origem	801		0		\$a PT \$b ME \$g RPC

Fonte: Horizon 7.5.2 (Biblioteca da SGMEC)

O campo 100 é obrigatório em todos os registos bibliográficos e deve conter a data de entrada do registo, no sistema informático. Segue a ordem de AAAAMMDD (ano, mês e dia). Este facto reveste-se de extrema importância, pois, para além de

certificar a entrada da catalogação, serve de “livro de registo”, ou seja, de entrada de documentos na instituição. Para além desta gestão biblioteconómica – entrada de aquisições –, este campo, em \$d, descreve a data certa da documentação, ou, por aproximação em \$f.

O campo 200 é obrigatório em todos os registos, por tal, deve conter o título próprio e a informação de outros títulos, seguida das menções de responsabilidade. Os subcampos utilizados são o título (\$a), obrigatório, e o subtítulo (\$e) e a primeira menção de responsabilidade (\$f), seguidamente, descreve-se outras menções de responsabilidade (\$g).

Por vezes foi necessário desenvolver e criar outros pontos de acesso para os títulos dos artigos, nomeadamente para garantir a pesquisa pela forma extensiva dos numerais, através do campo 532. Como é visível no exemplo que estamos a seguir o título do analítico é “A 4.^a dimensão”. Fazemos ainda notar que sempre que o título ou subtítulo começam por artigo, este deve ser colocado entre aspas. Os numerais também seguem as mesmas etapas, devendo ser desdobrados entre parêntesis para possibilitar a alfabetação mecânica.

A primeira menção de responsabilidade descrita no campo 200 é Carlos da Silva Lima e a segunda o ilustrador F. L. Estes dados catalográficos são descritos em \$f e em \$g, por se tratar de um autor principal e um autor secundário, respetivamente. Assim sendo, estes metadados serão pontos de acesso do bloco 700, o autor no campo 700_1\$a e o ilustrador, com o nome agora desenvolvido (Fernando Lima) surge no campo 702_1_\$a, com o código de função \$4440. Os indicadores a preencher no campo 700 são: espaço seguido do indicador 1. Esta sucessão indica que o nome é um ponto de acesso relevante e a entrada UNIMARC é efetuada pelo apelido/nomes próprios – este procedimento é universal.

O bloco 400 é dedicado às entradas relacionadas, sendo por isso fundamental quando se estão a descrever analíticos. O campo 461 é usado para a ligação entre a parte analítica e o periódico no qual está incluído. Ou seja, liga o subconjunto ao conjunto, respeitando a hierarquia destes níveis. Este campo correlaciona as partes com o todo, ou seja, o analítico é “ligado” à própria publicação periódica.

Explicitando com o exemplo da publicação periódica *Guião*, em 461_1\$t descreve-se o título da publicação à qual a parte analítica está ligada, neste caso o

Guião. Em \$c (lugar de publicação) deve indicar-se o lugar de publicação da parte analítica, neste caso Lisboa. Seguidamente, em \$b descreve-se a menção de responsabilidade, neste caso o Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, finalmente, em \$v (colação) deve conter os elementos que indiquem a (co)relação da parte analítica com a publicação periódica, nomeadamente o número do volume, mês e ano de publicação. Finalmente, em \$p indicam-se as páginas.

No caso de *Guião* muitos analíticos foram da responsabilidade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, como consta no campo 200 (\$f) (Figura 2). Nestes casos, por se tratar de uma entidade coletiva, deve optar-se pelo campo 710, para criar o ponto de acesso, sendo a coletividade descrita por ordem hierárquica, conforme se verifica na Figura 2 (veja-se: 710 01\$a Portugal. \$b Mocidade Portuguesa. \$b Comissariado Nacional).

Figura 2. Analítico de autoridade/coletividade (*GUIÃO*, 1949 – 1953)

Etiqueta de registo	000	n a _ _ _ _
Identificador do registo	001	187189
Dados gerais de processamento	100	\$a 20150324 d 1949 _ _ _ k m _ y 0 por y 01 03 _ _ _ ba
Língua da publicação	101	0 _ \$a por
País de publicação ou produção	102	_ _ _ \$a PT
Campo codificado: Material textual - Atributos físicos	106	_ _ _ \$a r
Título e menção de responsabilidade	200	1 _ _ \$a «O nosso concurso quem descobre? \$e orgânica \$f [Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa]
Nível de conjunto	461	_ 1 \$t <i>Guião</i> \$c Lisboa \$b Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, \$v N. 1, (mai. 1949) \$p p. 7
Nome comum usado como assunto	606	_ _ _ \$a Concurso \$2 TESE
Nome comum usado como assunto	606	_ _ _ \$a Actividades culturais \$2 TESE
Nome comum usado como assunto	606	_ _ _ \$a Organização juvenil \$2 TESE
Coletividade-autor (resp. intel. principal)	710	0 1 \$a Portugal, \$b Mocidade Portuguesa, \$b Comissariado Nacional
Fonte de origem	801	_ 0 \$a PT \$b ME \$g RPC

Fonte: Horizon 7.5.2 (Biblioteca da SGMEC)

I.2.2.2. Indexação

A indexação é uma das operações do processo de tratamento documental que permite o acesso a conteúdo de recursos de informação, sendo a recuperação da informação um dos objetivos centrais no trabalho dos documentalistas. É fundamental que a análise do conteúdo dos documentos seja realizada com o recurso a linguagens controladas que assegurem objetividade e uniformidade. Outra forma de organizar a informação é, pois, a Classificação Decimal Universal (CDU), que não é utilizada na SGMEC. Segundo PALOMANEZ RODRIGUES (2008, p. 161) o objetivo da indexação é a análise do conteúdo intelectual do documento, tendo em vista a descrição do mesmo e a sua recuperação em sistemas de informação, através dos descritores selecionados.

A biblioteca da Secretaria Geral entende a indexação como o trabalho de organização da informação com o objetivo de organizar e disseminar conteúdos de educação. Como bem sabemos, a indexação pode seguir um rumo exaustivo, descrevendo os conteúdos de forma abrangente, ou seletiva, centrando-se nos conteúdos temáticos principais. Este segundo caso é o seguido pela Biblioteca, na medida em que procura a relevância entre documentos/utilizadores. Para além disso, a Biblioteca desenvolve uma indexação pré-coordenada.

Na linguagem de indexação pré-coordenada estabelece-se a relação entre os assuntos representados no documento, sendo o primeiro mais importante. Numa indexação pós-coordenada lançam-se as pistas dos assuntos e o utilizador estabelece, em texto livre e conhecendo os índices de pesquisa, a sua própria expressão de pesquisa.

Os sistemas pré-coordenados estabelecem a coordenação dos vários tópicos referentes a um assunto composto no momento da indexação e determinam uma prioridade na citação desses elementos, a partir da importância que os conceitos representam para os utilizadores (BOCCATO 2008, p. 273) e (MENDES e SIMÕES 2002, p. 29).

Figura 3. Indexação pré-coordenada (*GUIÃO*, 1949 – 1953)

Estado: uc		Criado a: 25-03-2015 12:47:00 por: severino.farias		Exemplares: 0	
Pertence a: Não definido		Alterado a: 08-05-2015 20:40:00 por: severino.farias			
Campo: Etiqueta de registo [Opcional]					
Etiqueta de registo	000	n	a	---	---
Identificador do registo	001	187219			
Dados gerais de processamento	100	---	\$a	20150325 d 1949	___ k m _ y 0 por y 01 03 ___ ba
Língua da publicação	101	0	---	\$a	por
País de publicação ou produção	102	---	---	\$a	PT
Campo codificado: Material textual - Atributos físicos	106	---	---	\$a	r
Título e menção de responsabilidade	200	1	---	\$a	Ordem de Serviço \$f [Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa]
Nível de conjunto	461	---	1	\$t	Guião \$c Lisboa \$b Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, \$v N. 1, (ma. 1949) \$p p. 18
Nome comum usado como assunto	606	---	---	\$a	Regulamentação \$2 TESE
Nome comum usado como assunto	606	---	---	\$a	Estrutura administrativa \$2 TESE
Nome comum usado como assunto	606	---	---	\$a	Organização juvenil \$2 TESE
Colectividade-autor (resp. intel. principal)	710	0	1	\$a	Portugal, \$b Mocidade Portuguesa, \$b Comissariado Nacional
Fonte de origem	801	---	0	\$a	PT \$b ME \$g RPC

Fonte: *Horizon* 7.5.2 (Biblioteca da SGMEC)

Como se verifica na Figura 3, o bloco 600 está reservado para a indexação. No campo 606, o mais usual, descrevem-se os assuntos comuns, sendo repetível. O primeiro descritor reflete o assunto principal, sendo que os seguintes são subassuntos. Na biblioteca da Secretaria Geral foi definido o limite máximo de cinco descritores por cada registo bibliográfico, no caso dos analíticos de *Guião* não sentimos necessidade de ir além dos quatro descritores, opção que foi rara.

Como podemos verificar na Figura 3, os descritores são todos nomeados no campo 606 e pesquisados no *Thesaurus* TESE. Neste caso são utilizados três descritores, sendo o primeiro o mais específico: 606__ \$aRegulamentação\$2TESE / 606__ \$aEstrutura administrativa\$2TESE / 606__ \$aOrganização juvenil \$2TESE.

Nesta indexação com três descritores destacam-se dois pontos, a saber: a insuficiência de um descritor – Organização juvenil –, usado para representar a Mocidade Portuguesa, na medida em que o *thesaurus* não reflete a realidade histórica portuguesa. O segundo ponto a destacar é a leitura a que obriga a pré-coordenação, que deve ser interpretada assim: Legislação da Administração da Mocidade Portuguesa.

“Outro assunto a ser lembrado é que a análise de assunto feita com base unicamente na linguagem do sistema poderá apresentar problemas para a verdadeira representação do conteúdo; um dele é a incompatibilidade entre a terminologia empregada no documento e a linguagem do sistema.” (SILVA e FUJITA, 2012, p. 135)

De acordo com os referidos autores, não raras vezes existe incompatibilidade entre o conteúdo do documento e a linguagem controlada. Como verificamos, o *thesaurus* usado pela biblioteca da Secretaria Geral, apesar de ser especializado tematicamente, também é generalista na medida em que se aplica à realidade europeia no seu todo.

I.2.2.3. Ficheiro de autoridade

A biblioteca da Secretaria Geral recorre a diversas bases de dados bibliográficas¹³ para a descrição do ficheiro de autoridade. No *Guião* todos os redatores são portugueses, assim sendo, para a elaboração do ficheiro de autoridade respetivo recorreu-se, prioritariamente, à Base Nacional de Dados Bibliográficos da Biblioteca Nacional (PORBASE, 2015), sem menosprezar outras bases de dados, como as das Bibliotecas Nacionais de França e de Espanha (fazem referência a publicações em língua portuguesa).

A principal função do ficheiro de autoridade é, acima de tudo, possibilitar uma maior precisão na recuperação da informação.

¹³ As bases de dados mais comumente consultadas para a descrição do ficheiro de autoridade são: PORBASE (2015) – Base Nacional de Dados Bibliográficos (Portugal); *BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE* (2015) – *Catalogue Général*; BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPANHA (2015) Catálogo – de Autoridades e LIBRARY OF CONGRESS (2015) – *Library of Congress Authorities*, podendo ser consultadas outras quando oportunas.

“El control de autoridades es un proceso que consiste en el establecimiento de una sola forma autorizada para los puntos de acceso en un catálogo, y en la explicitación de las relaciones que vinculan a los puntos de acceso entre sí. En el entorno tecnológico actual aplicar control de autoridades en un catálogo significa dotar al usuario de herramientas que le permitan recuperar información con precisión, reunir los puntos de acceso con información similar y navegar satisfactoriamente por los resultados de su búsqueda.” (BOERIS, 2011, p. 2)

Na descrição de autoridade não há distinção entre publicações monográficas, periódicas ou analíticas. O importante é identificar com precisão o nome do autor, pessoa física ou coletiva, dados biográficos e atividade intelectual. Não menos importante é, sem dúvida, registar as fontes usadas para tais descrições.

Os campos principais para descrever o registo de autoridade foram: campo 100, 102, 152, 200 ou 210 para coletividade, além do 340, 400 e 810.

Figura 4. Ficheiro de autoridade (*GUIÃO*, 1949 – 1953)

Estado: ns		Criado a: 20-04-2015 17:48:00 por: severino.farias		(Uso Múltiplo)
Pertence a: Não definido		Alterado a: 22-04-2015 15:09:00 por: severino.farias		Bibs: 4
Campo: Etiqueta de registo [Opcional]				
Etiqueta de registo	000		n x 3	
Identificador do registo de autoridade	001		187250	
Dados gerais de processamento	100	--	\$a 2015 04 20 a por y 01 03 ___ ba	
Nacionalidade da entidade	102	--	\$a PT	
Regras	152	--	\$a RPC	
Cabeçalho - Nome de pessoa	200	- 1	\$a Costa, \$b José Manuel Neves da	
Nota biográfica e de actividade	340	--	\$a Redator da revista <i>Guião</i> , Comandante de Bandeira.	
Pista de referência ver - Nome de pessoa	400	- 1	\$a Costa, \$b J. M. Neves da	
Fonte de informação dos dados	810	--	\$a <i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P., N. 16, (nov./dez. 1951)	

Fonte: Horizon 7.5.2 (Biblioteca da SGMEC)

No campo 100 descreve-se a data da entrada do registo de autoridade, este campo é obrigatório, qualquer alteração que possa ser feita ao registo não altera esta data. O campo 200, por sua vez, é o ponto de acesso da autoridade. Como verificamos na Figura 4, a autoridade é descrita assim: 200_1 \$aCosta,\$bJosé Manuel Neves da. O indicador _ (espaço) 1 (um) adverte-nos para uma entrada UNIMARC pelo apelido do autor. Para além de \$a e \$b, no \$f deve ser colocada a data de nascimento e morte.

O campo 340 é específico para o registo dos pormenores biográficos e/ou históricos da entidade registada no campo 200, em \$a aparece a nota biográfica da autoridade, em \$b a atividade da autoridade e em \$p devem constar o nome do grupo a que a autoridade está filiada.

Como se pode verificar na Figura 4, no campo 340 é descrito os dados biográficos e a atividade intelectual, assim: _ \$a Redator da revista *Guião*. Comandante

de Bandeira. Esta é uma prática da SGMEC, na qual não se faz distinção entre a nota biográfica e a nota da atividade.

O campo 400 deve conter as variações do nome da autoridade, repetível sempre que necessário. No caso da figura acima aparece uma variação do nome em 400 _ 1 \$a Costa, \$b J. M. Neves da. Finalmente, no campo 810 descreve-se a referência da informação dada no campo 340, neste caso: 810_ _\$a Guião: revista para graduados da M.P., n. 16, nov./dez. 1951. Quando os dados da autoridade são encontrados na BNP acresce-se as iniciais desta biblioteca ao número do registo de autoridade retirado da base de dados PORBASE (2015)

I.2.3. Difusão e disseminação da informação

O tratamento técnico despertou grande interesse na biblioteca da Secretaria Geral, sobretudo no que diz respeito ao impacto de autores e responsáveis secundários da publicação periódica analisada. A partir dos resultados desta investigação a publicação periódica *Guião* passou a ser divulgada pela instituição e por nós no blogue – Património do Ensino & da Educação –, da DSDA da SGMEC, através das seguintes publicações:

- Estruturas da revista *Guião*: revista para graduado da Mocidade Portuguesa. (2015/08/12).
- Silveira Ramos fala sobre o *Guião*: revista para graduados da Mocidade Portuguesa (2015/09/23).
- *Guião*: revista para graduados da Mocidade Portuguesa – Depoimento de Severino de Santana Filho - Parte III – (2015/09/09).
- *Guião*: revista para graduados da Mocidade Portuguesa – Depoimento de Severino de Santana Filho - Parte II – (2015/09/02).
- *Guião*: revista para graduados da Mocidade Portuguesa – Depoimento de Severino de Santana Filho - Parte I – (2015/08/26).

Para além das referidas divulgações, o trabalho elaborado no decurso do tratamento documental acrescentou ao catálogo da Biblioteca novos autores e títulos, a partir dos 333 registos bibliográficos provenientes da catalogação analítica do *Guião*.

Neste momento, os ilustradores Fernando da Silva Lima e Júlio Gil são objeto de estudo editorial por alguns técnicos da referida instituição que, desde já, planeiam

exposições virtuais. Para além destes resultados, apresentamos algumas propostas para a gestão documental do acervo bibliográfico.

I.2.4. Propostas para a gestão documental

Findo o trabalho de tratamento documental relativo à catalogação, indexação e elaboração de registos de autoridade das partes componentes da revista *Guião*, fazemos uma breve reflexão sobre a nossa experiência, apresentando algumas breves propostas.

Em termos técnicos, a nível do ficheiro de autoridade, o campo 810 é dado como fonte de acesso apenas com a URL (Uniform Resource Locator). Sendo este dado muito efémero, pelo que se sugere que se usem outros elementos complementares, tais como autores e datas. Sugere-se ainda que na elaboração do respetivo ficheiro se sigam, amiúde, as indicações do Manual UNIMARC Autoridades. O UNIMARC determina que a nota biográfica do autor seja descrita em _ \$a e, por sua vez, a atividade é descrita em _ \$b. Pois bem, na biblioteca da Secretaria Geral é tudo descrito em _ \$a, sem distinção metodológica entre biografia e/ou atividade intelectual do autor. Por outro lado, pensamos, deveriam ser dadas pistas de acesso para os subtítulos que ocorreram no *Guião*.

Relativamente à indexação, pareceu-nos que o uso exclusivo do *Thesaurus TESE* limita em demasia a escolha de assuntos, principalmente quando se trata de obras muito ligadas a contextos específicos nacionais, como aconteceu com o tratamento da revista *Guião*, sugerindo-se que se pondere a possibilidade de se construir uma lista mais alargada de descritores, que extravasem a incidência estrita da área da educação.

Em termos gerais, para facilitar a análise de metadados provenientes do sistema informático *Horizon* propõe-se a agilização da exportação de dados para folhas Excel ou outras afins. Este procedimento obviaria a elaboração de índices e consequente quantificação dos diferentes elementos bibliográficos representados no catálogo.

PARTE II: ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DO *GUIÃO: REVISTA PARA GRADUADOS (1949-1953)*

A bibliometria é uma das áreas da CI, que aplica métodos estatísticos e matemáticos para analisar quantitativamente diversos aspetos da informação documentada.

Na atualidade, a bibliometria é vista como um meio para difundir a literatura científica sobre um tema específico e que pode ser divulgada pelos meios científicos, a partir de um levantamento feito com base na *performance* da investigação, no que tange a revisão qualitativa que os pesquisadores porventura venham a fazer.

A bibliometria enquanto modelo de investigação quantitativa para a produção de conhecimento científico será, pois, um processo a desenvolver no Capítulo 3, onde será detalhado o estudo bibliométrico propriamente dito, precedido da revisão da literatura e apresentação formal e editorial da publicação periódica em estudo.

CAPÍTULO II.1. REVISÃO DA LITERATURA

A bibliometria começou a ser aplicada a nível prático por Cole e Eales em 1917, quando quantificaram a informação sobre a produção científica em Anatomia, entre o período de 1553 – 1860. Com esta análise comparada determinaram-se as áreas com mais relevo intelectual em cada época. Sete anos mais tarde, Wyndham Hulme esboça um termo composto – *bibliografia estatística* –, o qual viria a estar na origem do conceito de bibliometria, como bem notou THANUSKODI (2010, p. 77).

Gross e Gross, no icónico artigo de 1927, já tinham a noção de que a elaboração de tabelas cruzadas e outras afins poderiam abrir caminhos a investigações no contexto da bibliometria. Sem que usassem tais conceitos, na prática foram pioneiros na análise de citações e seu impacto. Ou seja, GROSS e GROSS (1927) quantificaram as referências do *The Journal of the American Chemistry Society*, a fim de identificar as principais publicações na área de química.

Eugene Garfield, conhecedor das publicações de Gross e Gross, foi impulsionado a ampliar as suas investigações no campo da *análise de citações*. Em 1951 abraçou a área das CI, quando se associou ao projeto da *Welch Library da John Hopkins University School of Medicine*, que tinha como objetivo examinar problemas

básicos da recuperação de informação médica e a aplicação de novos métodos na indexação. O próprio Garfield, no artigo “Science Citation Index – a new dimension in indexing”, define a sua metodologia para a recuperação e disseminação de informação, método este que faz parte da história e do futuro da bibliometria (GARFIELD, 1964, p. 528).

É precisamente neste contexto epistemológico que Garfield, em 1964, funda o Institute of Scientific Information (*ISI, hoje Thomson Reuters*), uma instituição pioneira na indexação, produção e gestão de informações científicas, que contribuiu para a criação de boa parte dos índices que medem e estabelecem padrões de produtividade que surgiram com o desenvolvimento da cientometria. Na sua génese, estes índices foram estabelecidos para prever quais os documentos que os investigadores iriam usar no futuro, através da análise de citações e da identificação dos autores que constituem a frente de pesquisa em cada área. A análise de citações reside no número de citações que os documentos publicados recebem pela comunidade científica. Cumpre sublinhar que até aqui, apesar do grande avanço nas aplicações de tratamento quantitativo da documentação científica, os conceitos estritamente ligados à bibliometria ainda não tinham sido totalmente generalizados no mundo anglo-saxónico.

O termo bibliometria, ou mais precisamente *Bibliometrie*, foi usado pela primeira vez em 1934, por Paul Otlet, na sua obra *Traité de Documentation*, como lembrou Edson Nery da Fonseca (FONSECA, 1973, p. 6). No tratado de Otlet, recentemente reeditado em versão *fac simile*, podemos ler a sua definição do conceito:

“En toute ordre de connaissance, la mesure est une forme supérieure que prend la connaissance. Il y a lieu de constituer en un ensemble coordonné les mesures relatives au livre et au document, la Bibliométrie.
Les mesures sont celles relatives aux objets, aux phénomènes ou faits, aux relations ou lois. Elle concerne le particulier (métrie proprement dite) ou les ensembles (statistique) ; elle concerne ce qui est ou ce qui devrait être (unité et standardisation).” (OTLET, 2015, p. 13).

Como verificamos, Otlet define a bibliometria como um conjunto de medidas relativas a livros e documentos, medidas estas que apresentavam uma normalização e coordenadas estatísticas.

Em 1969, Alan Pritchard popularizou este conceito em língua inglesa, substituindo-se definitivamente o conceito “Statistical bibliography” por *Bibliometrics* (PRITCHARD, 1969, p. 348). Neste artigo, o grande mérito de Pritchard foi repensar os conceitos usados por Hulme – “Statistical bibliography” – e, desta forma, interrogar-se

se estamos ante investigações de estatística bibliográfica ou perante uma ciência nova, desde há muito a irromper – a designada bibliometria (GROSS e GROSS, 1927, p. 388).

Atualmente, os estudos bibliométricos constituem uma área fundamental e muito produtiva no seio das CI a nível internacional. Como prova disso, bastará ver o lugar cimeiro ocupado pela principal revista da especialidade – *Scientometrics* –, que apresenta o maior número de artigos publicados em CI, no contexto das revistas indexadas no JCR¹⁴ (2014). Este facto torna demasiado extensa a tarefa de fazer uma revisão geral destas abordagens. Para isso, tome-se como referência o trabalho realizado por Judith Bar-Ilan (BAR-ILAN, 2008), numa perspetiva de tempo longo.

Segundo MAXIMINO (2008, p.74), FERREIRA (2010, p.1) e VANZ (2012, p. 5) são várias as potencialidades dos estudos bibliométricos:

- Determinar quais os documentos mais usados nos trabalhos científicos;
- Determinar a obsolescência bibliográfica da coleção;
- Determinar se existe uma prioridade das fontes mais próximas e acessíveis;
- Conhecer o que usam os investigadores de uma determinada área do saber;
- Definir as políticas de aquisições tendo em conta os novos ambientes digitais;
- Constatar empiricamente o uso de informação a partir de um enfoque local;
- Antecipar as possíveis solicitações dos leitores;
- Detetar como um determinado grupo de leitores desenvolveu os seus hábitos de consulta e utilização das fontes disponíveis;
- Aplicar estatísticas ao uso e criação de um documento;
- Estudar quantitativamente a produção dos documentos e o seu reflexo nas bibliografias atuais.

Para além da mais comum aplicação da bibliometria ao universo científico¹⁵, tal como foi exposto anteriormente, esta disciplina apresenta um leque amplo noutros campos. Segundo a definição de PRITCHARD (1969, p. 349), a bibliometria pode ter uma aplicação muito mais abrangente do que a análise da documentação científica: “it is to be hoped that this term bibliometrics will be used explicitly in all studies which seek to quantify the processes of written communication”.

¹⁴ Na edição de 2014 do JCR, contabilizam-se 338 artigos para a revista *Scientometrics*, face a 214 publicados na segunda revista mais produtiva desta área, *Journal of the American Medical Informatics Association* (THOMSON REUTERS, 2015).

¹⁵ “Apesar de ser uma área ainda em fase de afirmação entre os especialistas em CI em Portugal, os investigadores ligados à informação em contexto académico já lhe dão bastante atenção, no que toca a aplicação dos indicadores bibliométricos à avaliação da ciência.” (COSTA et al., 2012).

Não obstante a abrangência inicial do conceito, a esmagadora maioria dos estudos é aplicada à ciência. Uma das exceções é, sem dúvida, o estudo levado a cabo por Pulgarin Guerrero e Herrera Morillas (PULGARIN GUERRERO e HERRERA MORILLAS, 2009, p. 273), onde é proposta a aplicação de técnicas bibliométricas ao estudo de coleções de livros antigos. Pretenderam estes investigadores, demonstrar a eficácia de indicadores de produção, tais como, distribuição de fundo: por anos de edição, autores, impressores, distribuição temática, idioma, etc.

Um outro exemplo, ainda que dentro da documentação científica, mas numa abordagem menos usual por não se restringir às revistas científicas, que têm sido o objeto preferencial da bibliometria, é a análise elaborada por Judite de Freitas sobre a biblioteca do Professor José Matoso, doada ao Campo Arqueológico de Mértola. Este estudo tem a finalidade de revelar preferências temáticas e, para tal, a investigadora faz uso da bibliometria para quantificar a coleção. Para além desta identificação, quantificam-se as tipologias documentais da coleção e a utilidade para futuros estudos medievais. (FREITAS, 2012).

Um outro estudo, num patamar de investigação estritamente biblioteconómico, foi elaborado por Pedro Maximino (MAXIMINO, 2006) na sua investigação de doutoramento, realizada na Universitá de Barcelona, sobre a realidade portuguesa: a preocupação essencial é a análise bibliométrica como método de avaliação de coleções biblioteconómicas. Se a análise das colecções pode ser perspectivada na análise da coleção e na análise dos leitores, a bibliometria é, pois, uma técnica baseada diretamente no uso que os leitores fazem da coleção.

Os estudos bibliométricos, apesar de escassos em Portugal, contam com algumas investigações doutorais como é caso da investigação realizada por Ana Maria Martinho (MARTINHO, 2011).

A investigação desenvolvida teve como objetivo a análise de revistas jurídicas nacionais e internacionais com a finalidade de fazer uma comparação de padrões quanto à qualidade editorial, capacidade de comunicação e de difusão internacional dos seus conteúdos jurídicos. Com essa metodologia concluiu que as revistas nacionais precisam de melhoria editorial para serem introduzidas em bases de dados internacionais e dessa forma garantir a sua projeção externa. Seguidamente usou a bibliometria para avaliar duas revistas nacionais através de indicadores quantitativos, tais como, produtividade

versus qualidade. Pretendeu avaliar os conteúdos jurídicos para entrecruzar e comparar dados, promovendo, desta forma, parâmetros bibliométricos: quantificação de autores e respetivos níveis de produtividade que delineassem tendências temáticas a nível do Direito em treze anos.

Um outro trabalho a destacar é a investigação de Filipa Medeiros (MEDEIROS, 2014) sobre historiografia medieval portuguesa, orientada na perspetiva das Ciências Documentais, com a finalidade de alcançar uma compreensão interdisciplinar. Com esta finalidade utilizou a metodologia triangular: método qualitativo, entrevistas e, por fim, a bibliometria.

A investigação, num primeiro momento, recai num *grupo focal*, através de entrevistas a docentes e investigadores medievalistas. Trata-se de um método muito utilizado em Ciências Sociais e Humanas, cuja finalidade é a recolha de dados de teor qualitativo, que dificilmente se conseguiriam reunir de outro modo. Através da bibliometria foi efetuada uma análise documental de carácter quantitativo (estatística descritiva) à produção científica dos *curricula vitae* de docentes e investigadores medievalistas entre 2000-2010.

A junção de metodologias, quantitativa e qualitativa, possibilitou à autora uma visão mais completa e aprofundada da historiografia medieval portuguesa no período em análise. De facto, a triangulação de dados revelou-se a opção metodológica mais adequada a esta investigação, permitindo cruzar abordagens diferentes mas complementares.

CAPÍTULO II.2. FONTES DE INFORMAÇÃO E MÉTODO

No entender de André Cellard (CELLARD, 2008, p. 300), antes de se iniciar qualquer processo de análise documental, o investigador deve conhecer o contexto histórico-social em que a documentação foi produzida. No nosso caso procedemos à análise documental de todos os fascículos de *Guião: revista para os graduados*, com a finalidade de conhecermos o seu contexto editorial.

Segundo ARDANURY BARÓ (2012, p. 7) para efetuar qualquer tipo de estudo bibliométrico é indispensável o uso dos elementos da referência bibliográfica completa. Esta informação é normalmente colhida em bases de dados internacionais, como sejam a *Web of Science* e a *Scopus*, onde toda a informação secundária dos seus registos fica acessível para ser exportada de forma automatizada. No entanto, como bem sabemos, estas bases tratam exclusivamente de publicações científicas de impacto internacional (ZULUETA, 2006, p. 124), o que está longe de ser o caso da revista que pretendemos analisar – uma revista destinada a graduados da Mocidade, editada por um Organismo Estatal do Estado Novo português.

A abordagem efetuada, na sua essência, é quantitativa para melhor compreender o objeto desta investigação. Ainda assim, foi indispensável descrever dados qualitativos, tais como o contexto ideológico, a missão e objetivos de o *Guião* para melhor se selecionar informação quantitativa pertinente do nosso estudo.

II.2.1. Organização Mocidade Portuguesa

A Mocidade Portuguesa, mentora da revista em análise, veio a ser uma das organizações mais importantes do Estado Novo, caracterizando-se pela sua estrutura paramilitar, ao serviço do Regime e da manutenção da sua ideologia.

A ideia de criar uma organização juvenil surge desde a formação ministerial em 1933, aquando da nomeação do Ministro da Instrução Pública Gustavo Cordeiro Ramos que, segundo Irene Pimentel (PIMENTEL, 1998, p. 161), sugere perentoriamente a Salazar a formação de uma Liga Nacional da Mocidade Portuguesa que, deveria ter como objetivo despertar na juventude o amor pela pátria e tradições a partir do desenvolvimento de suas capacidades físicas e formação do carácter, tendo inspiração na organização militar. Apesar de esta ideia ter surgido no início dos anos 30, a Organização Nacional Mocidade portuguesa apenas é instituída em 1936 na gestão do

Ministro da Educação Nacional António Faria Carneiro Pacheco pelo Decreto – Lei n.º 26 611, de 19 de Maio de 1936¹⁶.

Os símbolos da Mocidade Portuguesa eram a bandeira nacional e a bandeira de D. João I, bem como as figuras de D. Nuno Alvares Pereira e o Infante D. Henrique. Existia igualmente um hino e uniformes da Mocidade Portuguesa. Na juventude era estimulado o gosto pela ordem, disciplina, deveres morais e cívicos.

O Regulamento da Mocidade Portuguesa instituía que todos os jovens e crianças dos 7 aos 14 anos, escolarizados ou não, deviam obrigatoriamente estar filiados, podendo permanecer voluntariamente, até à data do alistamento militar, nunca para além dos vinte e seis anos (Cf. MOCIDADE PORTUGUESA, 1957, p. 18).

II.2.1.1. Estrutura hierárquica

Entender a estrutura hierárquica da Mocidade Portuguesa é de suma importância para compreender os vetores editoriais e formais do nosso objeto de estudo. Esta Organização distinguia os dirigentes a partir da posição hierárquica que ocupavam, desde os mais altos postos até os menos significativos. Os filiados da Mocidade Portuguesa estavam divididos por escalões etários e eram organizados em Quinas, Castelos, Bandeiras e Falanges, como podemos verificar no Quadro 3, este agrupamento de rapazes nada mais era do que uma estrutura pratico-pedagógica.

Quadro 3. Formação dos Filiados da Mocidade Portuguesa	
Falange	2 Bandeiras
Bandeira	3 Grupos de Castelos
Grupo de Castelo	4 Castelos
Castelo	5 Quinas
Quina	5 filiados com 1 chefe

Fonte: MOCIDADE PORTUGUESA (1957, p. 21)

¹⁶Decreto-Lei n.º 26 611, de 19 de Maio de 1936 – “É instituída, em cumprimento da base XI da lei n.º 1941, a organização nacional denominada Mocidade Portuguesa, que abrangerá toda a juventude, escolar ou não, e se destina a estimular o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à Pátria, no sentimento da ordem, no gosto da disciplina e no culto do dever militar. É criado no Ministério da Educação Nacional o Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, órgão destinado a dirigi-la superiormente, por delegação do Ministro.” (Cf. MOCIDADE PORTUGUESA, 1941, p.5)

Paralelamente, existia uma estrutura de graduados – a quem se dirigia a revista *Guião* –, para dar resposta prática à formação de filiados. (RODRIGUES, 1950, p. 7). Para Ferrugento Gonçalves (GONÇALVES, 1950, p. 5) o graduado da Mocidade Portuguesa “é o chefe, em toda a aceção da palavra, dos filiados que lhe são confiados, e que constituirão o seu reflexo”.

Quadro 4. Estrutura dos Graduados da Mocidade Portuguesa	
Comandante de Falange	Comanda 2 Bandeiras
Comandante de Bandeira	Comanda 3 Grupos de Castelos
Comandante de Grupo	Comanda 4 Castelos
Comandante de Castelo	Comanda 5 quinas
Comandante de Quina	Chefia 5 filiados

Fonte: MOCIDADE PORTUGUESA (1957, p. 21)

Como verificamos no Quadro 4, segundo *Regulamentos e diretivas: assistência nacional para a formação moral e religiosa* (MOCIDADE PORTUGUESA, 1957, p. 21), a estrutura de graduados era composta por cinco cargos de chefia: Chefe de Quina; Comandante de Castelo; Chefe de grupo de Castelo, Comandante de Bandeira e, finalmente, Comandante de Falange. Esta hierarquia sofreu assinaláveis alterações desde o Decreto-Lei n. 26, de 19 de maio de 1936. Ficam, pois, mais explícitos os cargos da Organização com o Decreto n. 37.76, de 25 de fevereiro de 1950 (Cf. MOCIDADE PORTUGUESA, 1957, p 17).

Como veremos, a estrutura de graduados foi de extrema importância para a gestão de informação da publicação periódica *Guião: revista para graduados*, pois nesta os autores eram, na sua esmagadora maioria, os redatores e responsáveis por conteúdos intelectuais e formais.

II.2.2. Publicação periódica: *Guião*

“Façamos de cada português um agente consciente, disciplinado e persistente da política que convém à Nação. Façamos de cada português um devotado em tudo e por tudo, do interesse nacional. Dessa maneira é que a Mocidade Portuguesa desempenhará o seu papel.” (CAETANO, 1952, p. 11)

Segundo Fialho Rico, (RICO, 1949, p. 11), esta publicação periódica, de superiores para superiores, surge por iniciativa de um grupo de “bons graduados” com o intuito de prolongarem as ações da Escola de Graduados¹⁷ através de uma revista (i.e. *Guião*: revista para graduados), e, desta forma, promove-se o diálogo “uniformizado” entre leitores, dispersos em todo o país. A este respeito RIBEIRO VIANA (1949, p. 4) e a MOCIDADE PORTUGUESA (1949, p. 2) corroboram com a ideia interdialogal entre graduados. Assim mesmo, Simões Alberto (ALBERTO, 1951, p.12) relata a conceção de *Guião* da seguinte forma idealista:

“Certo dia, que tão distante parece já reuniram-se em volta de uma mesa uma boa meia dúzia de graduados com o fim secreto e misterioso de dar corpo a uma iniciativa que vinha ao encontro dos desejos de todos os que sentem a responsabilidade das insígnias que usam. Mas, do que se tratava? Nem mais nem menos do que difundir por todo o lusitano orbe uma revista dos graduados da nossa Organização. A ideia era grande e a responsabilidade tremenda, mas o ardor dos nossos verdes anos não permitiu que o temor se apoderasse de nós e lá fomos em frente. Apareceu o *Guião* [...]” (ALBERTO, 1951, p. 12)

O aparecimento desta publicação periódica provocou interesse na imprensa local, o próprio *Diário da Manhã* de 1 de junho de 1949 (DIÁRIO DA MANHÃ, 1949, p. 1), apresenta na primeira página a fotografia dos redatores do *Guião* e elogia sua apresentação gráfica, ao afirmar que esta tem “uma capa expressiva, otimista, sadia e um formato simpático, atraente a guardar muita coisa que interessa realmente aos rapazes”. (ver: Anexo C)

O autor Eduardo Ferrugento Gonçalves (GONÇALVES, 1950a, p. 10) afirma que o nome da revista – *Guião* – foi inspirado no Guião da Escola de Graduados, sendo esta última uma bandeira rubra que os futuros graduados recebem ao ingressar na Escola Central, assim sendo, esta revista também deve ser um símbolo para os graduados como era a “bandeira” para os iniciados da Escola Central. Dito de outro modo, tal como a referida bandeira refletia os ideais da Mocidade Portuguesa, o *Guião* também o deveria refletir ao mais alto nível.

¹⁷ A Escola Central de Graduados era a instituição responsável pela formação de Comandantes de Castelo e Comandante de Bandeira, o posto de Comandantes de Falange era adquirido por mérito que lhes era atribuído pelo Comissário Nacional (MOCIDADE PORTUGUESA, 1941, p. 134).

O Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa (MOCIDADE PORTUGUESA, 1949, p. 2) afirma que a revista *Guião* é, sem dúvida, uma oportunidade de aprendizagem para a juventude, na medida em que divulga altos ideais, tal como bandeira da Escola Central deve ser erguida ao alto, sem vergonha e com garbo. Segundo Eduardo Ferrugento Gonçalves, o *Guião* tem como objetivo instrumentalizar a continuidade da doutrina adquirida nas Escolas de Graduados: é mesmo uma “Escola de Graduados por correspondência” (GONÇALVES, 1950b, p. 20).

A publicação periódica *Guião* é vocacionada para a formação técnica e ideológica de graduados, funcionando como continuidade da formação adquirida na Escola e, para além desta característica, os conteúdos esclarecem os problemas vivenciados nas atividades dos Centros da Mocidade. A referida publicação é, por assim dizer, um espaço de ideias e intercomunicação entre dirigentes. Segundo Ferrugento Gonçalves, (GONÇALVES, 1951, p. 20) a escolha de conteúdos da referida revista para os graduados está diretamente interligada com os seus interlocutores. Partindo deste princípio, Fialho Rico (RICO, 1950, p. 5) afirma que a nossa revista era o “*órgão complementar* das Escolas de Graduados” e tinha a finalidade de apresentar aos dirigentes as soluções politico-pedagógicas dos problemas quotidianos. Segundo o mesmo autor (RICO, 1951 p. 4), a publicação periódica *Guião* deveria corroborar com a missão e formação dos graduados além de primar pelo fortalecimento e pureza da juventude, contribuindo sobremaneira para a formação destes “apóstolos da Mocidade”.

Neste contexto corporativista, Ribeiro Viana (VIANA, 1949, p. 4) declara que a revista *Guião* foi publicada com o objetivo de estreitar laços de camaradagem entre graduados, consolidando a vida académica e sociopolítica (GONÇALVES 1950a, p. 10), (MOCIDADE PORTUGUESA, 1949, p. 2), (AGUIAR, 1950, p. 16) e (RICO, 1949, p. 11). Esta união é uma forma de “consolidar laços de amizade” e possibilitar o intercâmbio entre os graduados, mesmo entre os mais distantes. Esta noção esconde, em si mesmo, a forma rígida da Mocidade Portuguesa controlar as condutas e conteúdos políticos das pedagogias usadas em todo o País.

Mais recentemente, Sampaio da Nóvoa (NÓVOA, 1993, p. 495) afirma que a publicação periódica *Guião* foi criada com a intenção de possibilitar aos graduados da Mocidade Portuguesa uma formação técnica e ideológica da Organização, fornecendo também uma preparação pedagógica adequada às suas funções. Segundo este

investigador, a referida publicação estrutura-se nos seguintes vetores: a formação ideológico-doutrinária; a uniformização dos aspetos técnicos e normas de atuação dos graduados; a divulgação das atividades culturais da Mocidade e a formação religiosa tanto a nível doutrinário como a nível de formação pedagógica.

Tomando os objetivos anteriores como ponto de partida, Ferrugento Gonçalves (GONÇALVES, 1951, p. 20) faz parte do grupo responsável pela seleção de artigos para a nossa revista, assente em quatro critérios principais, a saber: o **assunto** teria de ser adequado à finalidade da revista; o **noticiário** deveria abranger a ação dos graduados, sem desprezar comemorações das grandes datas nacionais ou a atividades especiais da Organização. Outro critério a considerar foi, pois, o **estilo** simples, jovem e de fácil disseminação e, finalmente, toda a **correspondência** deveria ser enviada à secção de Intercâmbio do *Guião* – Palácio da Independência – Lisboa.

II.2.2.1. Responsabilidade editorial

A Organização Nacional da Mocidade Portuguesa é, em parte, a grande responsável intelectual pela publicação periódica *Guião: revista para graduados*. Da primeira à décima primeira edição temos a indicação, na contra capa, que o editor é a Organização Nacional Mocidade Portuguesa. Como já verificamos, esta revista nasce na Escola Central de Graduados, não obstante, a responsabilidade literária pertence sempre à Organização¹⁸.

Os diretores desta publicação periódica foram António Castelo Branco, desde maio 1949 até junho de 1951¹⁹, depois deste assume a direção Carlos da Silva Lima, até fevereiro de 1953, *terminus* da publicação.

Desde as primeiras edições do *Guião*, mais precisamente a partir da edição do número dois, publicada em agosto de 1949, a secção "Intercâmbio"²⁰ dedica um espaço exclusivo para correspondentes. Estes responsáveis eram os olhos e a voz do *Guião*, no sentido em que "filtravam" reações e objetivos de conteúdos. Segundo o Comissariado

¹⁸ A redação do *Guião* em 1949 ocupava o espaço da Casa da Mocidade, na rua de Almeida Brandão, N. 59, em Lisboa. A partir de Janeiro de 1950 passa a funcionar no Palácio da Independência, no Largo São Domingos, N. 11, também em Lisboa. O processo formal, a composição e impressão, a princípio, era efetuado nas oficinas gráficas da Imprensa Barreiro, na Rua Victor Bastos, N. 51. Lisboa. A partir de dezembro de 1949 passa a ser impressa na Gráfica de E. M., na Travessa de São Pedro, N. 9, em Lisboa.

¹⁹ Este facto histórico é apresentado por António Sampaio da Nóvoa (NÓVOA, 1993, p. 494) de forma equívoca.

²⁰ As secções do *Guião* estão descritas mais adiante, na análise da produção, no Capítulo 3.

Nacional da Mocidade Portuguesa (MOCIDADE PORTUGUESA, 1949a, p. 17) estes elementos são uma presença indispensável nos Centros de Instrução Geral²¹.

Entre os correspondentes e a direção havia uma estreita ligação de parceria, a missão dos correspondentes ia para além da divulgação desta publicação do *Guião*, pois também tinham o controlo dos filiados e das suas atividades. Esta relação está bem definida no Regulamento²² dos Correspondentes, apresentado por Centeno Fragoso (FRAGOSO, 1949, p. 21) e Centeno Fragoso (FRAGOSO, 1950, p.18).

II.2.2.2. Público-alvo e periodicidade

Como se depreende do seu subtítulo – *revista para graduados* – este é bem revelador do público-alvo: os que pertenciam às fileiras dos graduados da Mocidade Portuguesa. Ainda assim, este subtítulo sofre algumas vicissitudes durante a sua publicação, e com elas os destinatários da revista também se alargam. Estas ocorrências estão pormenorizadas no Quadro 5.

Quadro 5. Variações de subtítulo e periodicidade (<i>GUIÃO</i>, 1949-1953)			
Título/Subtítulo	Número	Periodicidade	Ano
<i>Guião</i> : revista para graduados	1	mai.	1949
<i>Guião</i> : revista para graduados	2	ago./set	1949
<i>Guião</i> : revista para graduados	3	out./nov	1949
<i>Guião</i> : revista para graduados	4	dez.	1949
<i>Guião</i> : revista dos graduados	5	Jan./fev.	1950
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	6	mar./abr.	1950
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	7	mai./jun	1950
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	8	jul./ago	1950
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	9	set./out.	1950

²¹ “Art. 2º - Os Centros de Instrução Geral compreendem todos os filiados e a sua atividade destina-se à formação moral, cívica e física. § 1.º A frequência destes Centros é obrigatória”. (MOCIDADE PORTUGUESA, 1941, p 33).

²² Regulamento dos Correspondentes – “a) A Direção e Correspondentes são duas esferas vivas que reciprocamente se auxiliam e orientam. O Redator estuda a doutrina e a técnica para depois as fazer chegar, através das páginas da Revista, até às mãos dos rapazes; o Correspondente, por sua vez, observa e anota as reações dos rapazes – as suas queixas ou as suas concordâncias – para as transmitir à Direção.” (FRAGOSO, 1950, p. 18)

<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	10	nov./dez.	1950
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	11	Jan./fev.	1951
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	12	mar./abr.	1951
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	13	mai./jun.	1951
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	14	jul./ago.	1951
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	15	set./out.	1951
<i>Guião</i> : revista dos graduados da M. P.	16	nov./dez.	1951
<i>Guião</i> : revista da M. P.	17	abr.	1952
<i>Guião</i> : revista da M. P.	18	mai.	1952
<i>Guião</i> : revista da M. P.	19	jun.	1952
<i>Guião</i> : revista da M. P.	20	out./nov.	1952
<i>Guião</i>	21	dez.	1952
<i>Guião</i>	22	fev.	1953

Fonte: Elaboração própria

A revista em análise apresenta vicissitudes de subtítulo ao longo dos 22 volumes existentes conforme se verifica no Quadro 5. A variação mais significativa a sublinhar é a de 1952, quando deixa de se referir exclusivamente aos graduados e passa a referir-se à Mocidade Portuguesa, em geral. Este facto dá-se devido à mudança de Comissário Nacional em dezembro de 1951 (Luís Pinto Coelho é substituído por António Gonçalves Rodrigues). O novo Comissário amplia o conteúdo desta publicação, que deixa de ser dos/para os graduados e passa a ser para toda a Mocidade Portuguesa Masculina.

Esta nova estrutura editorial implica, conseqüentemente, mudanças políticas de conteúdo, ou seja, ganha uma preponderância generalista, voltada para a grande massa de filiados da Organização (RODRIGUES, 1952, p. 3).

As novas diretrizes alteraram completamente os objetivos iniciais do *Guião*, pois a partir deste carácter generalista que pode ser verificado no subtítulo, a revista vai passar nas últimas edições, sem subtítulo definido, e conseqüentemente sem uma definição de especificidade, figurando apenas como *Guião*. A publicação periódica *Guião* deixa de existir em formato de revista e, em maio de 1953²³, surge em formato de jornal, mantendo-se este redirecionado para a Mocidade Portuguesa de modo geral.

²³ A partir do número 22 a revista passa a ser jornal e assume um novo formato, com uma maior dimensão e passa ao formato 40x28 cm e também apresenta variações do subtítulo significativas ao longo dos anos. Do número 1 desta nova série ao número 19, aparece como *Guião*: jornal para rapazes, do número 20 ao número 49 aparece apenas como *Guião* e do número 50 ao 88 aparece como *Guião: cristandade*,

A periodicidade do *Guião* foi irregular, quer enquanto revista, quer enquanto jornal. Mais uma vez, podemos verificar no Quadro 5 que a referida publicação teve na maioria das suas edições uma tiragem bimestral e consecutiva desde jan./fev. de 1950 até nov./dez. de 1951, para além do mês de out./nov. de 1952. As restantes edições foram mensais.

II.2.2.3. Apresentação gráfica

Quanto às questões de formatação e paginação, a revista *Guião* não obedece a uma forma rígida, ou seja, alguns artigos não são apresentados na íntegra de forma contínua – o mesmo artigo, por vezes, está publicado em páginas separadas e, conseqüentemente, os autores apenas são identificados na última página. Por outro lado, os artigos pequenos estão na mesma página, simplesmente separados por um pequeno traço a negrito, este define o *términus* de um artigo e o começo do seguinte²⁴. Apesar da nossa revista não possuir sumário em nenhum dos seus números, apresenta dois índices remissivos, nas edições de março/abril de 1951 (ver: Anexo D) e fevereiro de 1953 (ver: Anexo E.)

Tal como já foi notado por Sampaio da Nóvoa (NÓVOA, 1993, p. 495) a publicação periódica *Guião* possuía características gráficas de grande qualidade, enriquecidas por ilustrações e fotografias notáveis.

Na edição de junho de 1952, o *Guião* (LIMA, 1952, p. 18) deixa transparecer indícios bem visíveis de mudanças estruturais, quer a nível de conteúdos, quer a nível gráfico. A partir desta edição muitas áreas pedagógicas deixaram de aparecer, começando a antever-se o fim desta publicação no seu formato original²⁵.

Em suma, a revista em estudo é essencialmente um instrumento de formação técnica e ideológica da Mocidade Portuguesa para a reeducação dos graduados na ideologia da Organização corporativista.

lusitanidade e ordem social. A periodicidade do jornal é inicialmente quinzenal, todavia a mesma não é regular.

²⁴ Este caso está explícito no *Guião*, N.º 2 (1949, p. 4)

²⁵ Passados seis anos, uma publicação com as características de o *Guião* reaparece, em abril de 1958, com o título *Talha-mar: jornal dos graduados*. Esta é idealizada com objetivos idênticos a *Guião*, por também se afirmar, como bem pontua Ferreira de Almeida (ALMEIDA, 1958, p. 3), “como instrumento de intercâmbio entre graduados de todo o país.”

Além disso, *Talha-mar* publica matérias com as mesmas características do *Guião*: formativas, técnicas e culturais. Para além deste fato, os títulos são idênticos aos do *Guião*, como por exemplo: “para ser um chefe”, “dos 4 ventos”, “rumo à claridade”, “circuitos campistas”, “ordem de serviço”, entre outros.

II.2.3. Recolha e tratamento de dados

A história editorial do *Guião* foi de suma importância, tanto para a indexação, como para a recolha e tratamento dos dados provenientes do tratamento documental. A partir dos metadados provenientes dos 333 registos analíticos da revista *Guião*, foram elaboradas duas tabelas de recolha de dados, onde constam dois índices: títulos e autores.

O primeiro índice contém metadados referentes a seis grandes variáveis biblioteconómicas: (i) título; (ii) área temática; (iii) descritores; (iv) artigos ilustrados; (v) ano de publicação e (vi) número. No segundo foram contabilizadas quatro variáveis que consta de dados referentes a: (i) autor; (ii) responsabilidade na revista; (iii) cargo na Mocidade Portuguesa e (iv) função na revista (ver: Apêndice D).

A depuração e uniformização dos dados dos índices possibilitaram a realização do estudo bibliométrico.

II.2.3.1. Indicadores bibliométricos

O tratamento dos metadados provenientes do tratamento documental foi realizado através de indicadores bibliométricos selecionados *ad hoc*. Este estudo abrange uma quantificação de três grupos de indicadores bibliométricos:

1. Análise de produção (toda a produção publicada na revista *Guião* e tratada ao nível dos registos analíticos, numa perspectiva diacrónica);
2. Análise temática (as grandes áreas temáticas escolhidas a partir dos descritores selecionados no *Thesaurus* TESE, bem como todos os assuntos selecionados ao longo da indexação, a partir dos descritores escolhidos no mesmo *thesaurus*);
3. Análise de autoria (todos os autores que publicaram na revista *Guião*, a sua caracterização segundo os cargos ocupados na Mocidade Portuguesa e as funções ocupadas na revista para além da identificação dos ilustradores que assinaram peças na revista);

A sistematização e análise dos dados foi efetivada com recurso à estatística descritiva e, para tal, foi utilizado o programa Microsoft Excel 2007 e também o SPSS²⁶.

²⁶ Versão: IBM SPSS statistics 19.

CAPÍTULO II.3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

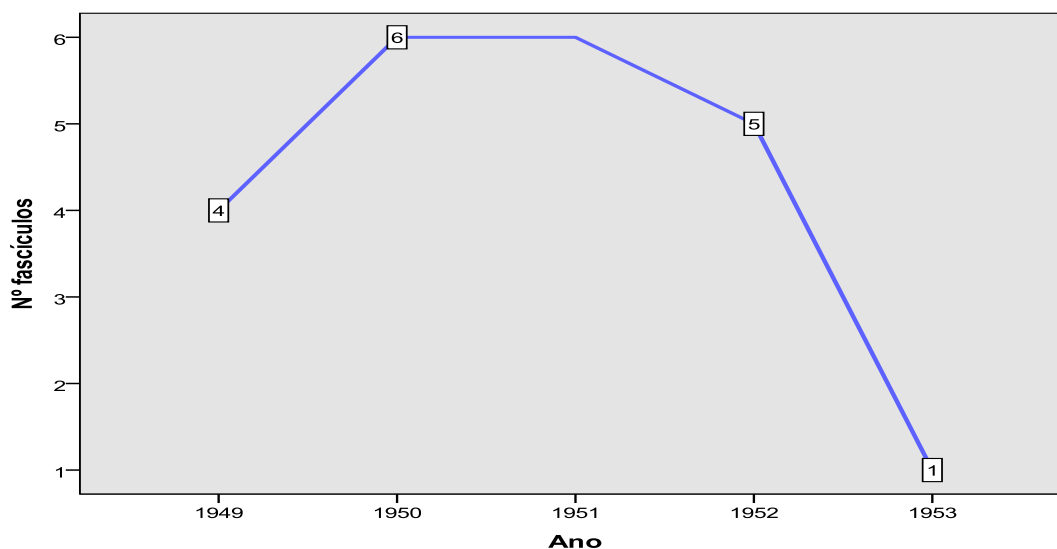
Numa primeira abordagem é efetuada a análise da produção, ou seja, serão quantificados o número de fascículos por ano; o número de artigos por ano; o número de artigos por fascículo e as secções da revista. Posteriormente, o foco do estudo bibliométrico centra-se na análise temática que apresenta as grandes áreas da revista e os assuntos mais significativos, e na análise da produtividade dos autores e ilustradores, caracterizando-os quanto a cargos e funções.

II.3.1. Análise da produção

O número de publicações é o indicador da produção mais simples, possibilitando, assim, o levantamento quantitativo de dados referentes à produção editorial. Este indicador baseia-se na contagem do número de publicações e vai refletir características da produção e não do conteúdo (MALTRÁS BARBA, 2003, p.121). Na nossa análise da produção começamos por avaliar o número de fascículos nos respetivos 5 anos.

A partir da leitura dos 22 fascículos, donde resultaram 333 registos bibliográficos quantificamos a informação segundo os vetores anteriormente delineados. A quantidade de fascículos por ano na publicação periódica *Guião* é apresentada com o objetivo de expor a regularidade das publicações. A partir da análise do Gráfico 2 é efetuada uma leitura da linha da produção editorial do *Guião*.

Gráfico 2. Distribuição absoluta do n.º de fascículos/ano (*GUIÃO*, 1949 - 1953)

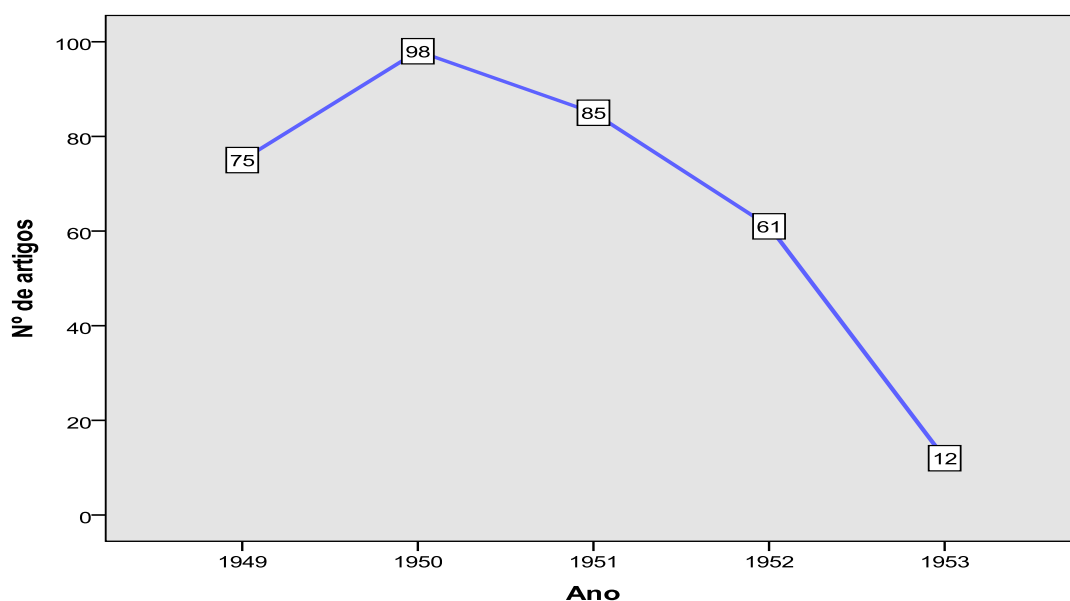


A publicação periódica *Guião* surge em março de 1949 e termina em fevereiro de 1953. No primeiro ano apresenta uma frequência absoluta de apenas 4 fascículos. Os anos de 1950 e 1951 apresentam frequências similares, como se verifica no Gráfico 2, sendo publicados 6 fascículos, o que denota uma afirmação desta revista, por conseguir aumentar o número de fascículos e mantê-los por dois anos. Em 1952, assistimos a uma ligeira descida destes valores, que se fixam em 5 fascículos. Em 1953, ano de término da publicação em análises, a sua última tiragem é em fevereiro e, conseqüentemente, apenas apresenta uma frequência absoluta.

Esta análise revela que a nossa publicação periódica apresenta uma periodicidade irregular. Como podemos verificar no Quadro 5 do Capítulo 2.2, o *Guião* apresenta uma periodicidade bimestral, grosso modo, desde agosto/setembro de 1949 até novembro/dezembro de 1951.

Para analisar a evolução da publicação em estudo a um nível mais profundo – o número total de artigos por ano –, veja-se o Gráfico 3.

Gráfico 3. Distribuição absoluta do n.º de artigos por ano (*GUIÃO*, 1949 - 1953)

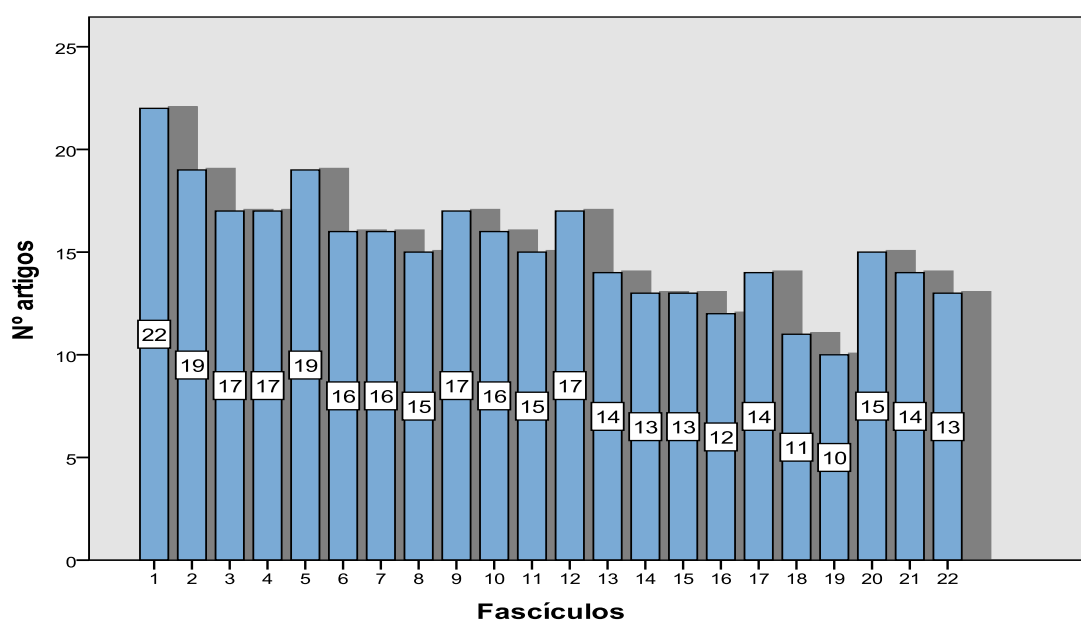


Entre o primeiro e o segundo ano, observa-se um aumento do número de artigos. Note-se, no entanto, que, no seu primeiro ano, a referida revista teve início apenas em março, o que justifica o valor inicial mais baixo. A partir de 1951, apesar de ter conseguido manter o número de fascículos, é visível uma linha descendente do número de artigos, muito acentuada no último ano, em 1953.

Esta queda editorial em 1951 pode ser decorrente de mudanças na política editorial do *Guião*, em novembro. Como já verificamos no capítulo anterior, o então Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa é substituído pelo Professor Doutor António Gonçalves Rodrigues que estabelece novas diretrizes editoriais. Este facto, no nosso entendimento, influenciou a produção editorial desta revista.

Do confronto entre o Gráfico 2 e o Gráfico 3, pode ver-se que a evolução do número de fascículos e do número de artigos publicados por ano não foi exatamente paralela, por isso interessa também analisar a distribuição do número de artigos por fascículo no Gráfico 4.

Gráfico 4. Distribuição do n.º de artigos por fascículo (*GUIÃO*, 1949 - 1953)



Conforme se verifica no Gráfico 4, a quantidade de artigos por fascículo apresenta uma certa irregularidade, com uma tendência decrescente, que se acentua a partir do fascículo n.º 13, subindo outra vez, mas já não para os valores iniciais, entre os fascículos n.º 20 e n.º 22. Os fascículos do número 18 e 19 são os menos representativos provavelmente devido à mudança de política editorial do *Guião*, anteriormente referida. Denotamos uma dispersão de valores que vão desde 22 artigos, no primeiro fascículo, a 10 artigos, no fascículo n.º 19, onde a média a assinalar é de 15 artigos por revista.

O fascículo do número 1 é o mais representativo, provavelmente por ser o número de lançamento, que reúne todas as motivações em volta da nova publicação: artigos múltiplos e de interesses variados. Começa com a apresentação pelo diretor

António Castelo Branco, tratando, de seguida, de assuntos de interesse geral, tais como, “nacionalismo”, “educação cívica”, “estrutura administrativa”, “troca de informação”, etc.

Finalmente, apresentamos a análise da evolução e frequência das secções da revista analisada. Estas secções do *Guião* foram criadas com o objetivo de cumprir a sua política editorial, ou seja, fornecer aos graduados elementos para a instrução e formação dos filiados e orientar padrões de comportamento, nos moldes da Mocidade Portuguesa. A Tabela 1 quantifica a frequência absoluta da publicação nas diversas secções:

Tabela 1. Distribuição das secções da revista por fascículos (GUIÃO, 1949 - 1953)	
Título das secções	Frequência por fascículos
Intercâmbio	15
Dos 4 ventos	10
Meu caro Comandante de Castelo	7
Ordem de serviço	7
Filatelia	6
Efemérides	5
Manta de retalhos	5
Formações e evoluções	4
A vida dos símbolos	4
Acerca das festas dos Centros	3
Circuitos campistas	3
Jogos	3
As nossas entrevistas	3
10 minutos de conversa	2
Alturas	2
Higiene	2
Orgânica	2
Orientação e topografia	2
Problemas educativos	2
Sobre a sede do Centro	2
Vamos acampar	2

Como se verifica na Tabela 1, são 4 as secções mais representativas, num universo de 21 secções. A secção “Intercâmbio” na revista *Guião* apresenta 15 frequências absolutas, seguida da secção “Dos 4 ventos”, com 10 frequências. As secções menos representativas, com apenas 2 frequências absolutas são: “10 minutos de conversa”; “Alturas”; “Higiene”; “Orgânica”; “Orientação e topografia”; “Problemas educativos”; “Sobre a sede dos Centros” e “Vamos acampar”.

A secção “Intercâmbio”, como verificamos, é a mais representativa, com ocorrência em 68% dos fascículos. Esta secção foi criada com o objetivo de promover a comunicabilidade entre graduados, consolidando o espírito de interajuda, estimulando a troca de informação entre organizações juvenis. Este intercâmbio foi além-fronteiras, ou seja, estabelecia relações entre Portugal e o estrangeiro²⁷ (MOCIDADE PORTUGUESA, 1949b, p.20).

Por sua vez, a secção “Dos 4 ventos” é a segunda mais representativa, com ocorrência em 45% dos fascículos. Esta secção aborda informações gerais de todas as regiões do país. Refere-se a celebrações da Organização, reuniões dos dirigentes, informes sobre os obituários e os concursos, como forma de promover o sentimento de unidade nacional e de pertença à pátria, a Portugal como um todo (BRITO, 1952, p. 20).

As secções “Meu caro Comandante de Castelo” e “Ordem de serviço” apresentam ambas 7 ocorrências no *Guião*.

A primeira destas duas secções tende a responder às solicitações dos Comandantes de Castelo endereçadas a esta publicação periódica e, desta forma, esclarecer dúvidas relativamente às questões regulamentares do Castelo e às principais atividades por eles desenvolvidas. Além disso também traz esclarecimentos quanto às funções e competências do Comandante de Castelo (RICO, 1950a, p. 4). A segunda secção é, por assim dizer, exclusiva para a apresentação de todas as ordens de serviços da Organização planeadas mensalmente (MOCIDADE PORTUGUESA, 1951, p. 20).

Estão secções são de cunho formativo e informativo: cumprem os objetivos da nossa revista na medida que levam aos graduados informações da Organização e instruem estes elementos na sua conduta formativa.

²⁷ Os países com que o *Guião* mantinha intercâmbio no estrangeiro eram: Espanha, França, E.U.A., Brasil, Canadá, Marrocos, Argentina, etc. (MOCIDADE PORTUGUESA, 1949b, p. 20)

As secções “Filatelia”; “Efemérides”; “Manta de retalhos”; “Formações e evoluções”; “A vida dos símbolos”; “Acerca das festas dos Centros”; “Circuitos campistas”; “Jogos”; “As nossas entrevistas”, etc., apresentam conteúdos generalistas e dão ao *Guião* uma perspetiva multifacetada.

As secções menos significativas, ao longo da existência editorial do *Guião*, com apenas 2,2%, foram: “10 minutos de conversa”; “Alturas”; “Higiene”; “Orgânica” e “Orientação e topografia”. Estas dimensões têm, por assim dizer, um carácter lúdico ou de interesse geral.

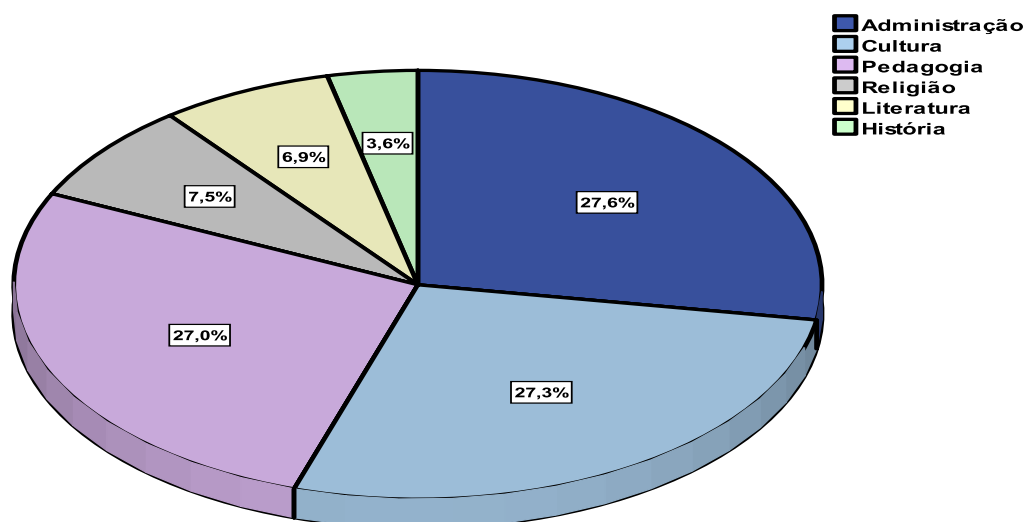
O resultado da análise da produção do *Guião* confirma os indícios da irregularidade na sua periodicidade nos três níveis de análise: número de fascículos por ano; número de artigos por ano e número de artigos por fascículo. Também se verifica irregularidades a nível das secções do *Guião*.

II.3.2. Análise temática

A análise temática consistiu na quantificação dos principais temas da publicação periódica *Guião*, identificados no contexto do seu tratamento documental, quando se fez a indexação dos registos bibliográficos, com recurso ao *Thesaurus* TESE. Foram estabelecidos dois níveis de análise, ambos representados através de descritores do referido *thesaurus*: um mais generalista, com recurso a seis grandes categorias temáticas, que foram aplicadas apenas para o tratamento bibliométrico dos dados; outro de maior profundidade e mais pormenorizado, com recurso ao grupo dos descritores selecionados na indexação pré-coordenada, que diz respeito aos assuntos mais significativos.

O Gráfico 5 representa as grandes áreas temáticas do *Guião*. Esta análise vai permitir uma visão mais abrangente dos principais assuntos da referida revista (a identificação das áreas obedece estritamente às orientações do *Thesaurus* TESE).

Gráfico 5. Distribuição relativa dos artigos por áreas temáticas (*GUIÃO* 1949 – 1953)



As principais áreas temáticas da publicação periódica *Guião* são: “administração”, com frequência relativa de 27,6%, “cultura”, com 27,3% e “pedagogia” com 27,0%. Estas três dimensões representam 81,9% dos assuntos publicados na referida publicação. As três dimensões subsequentes, “religião”, “literatura” e “história” representam os restantes 18,1% de frequência relativa.

Compreende-se a predominância da área “administração”, pelo facto de a publicação se dirigir à classe dos graduados, gestores da Organização. Gestores, no sentido em que estes ocupavam cargos de comando, nomeadamente: Comandantes de Falange, Bandeira, Castelo e Comandante de Grupo.

A área “cultura” é abrangente, na medida em que engloba os assuntos “campismo”, “jogos”, “cerimónias”, “música”, etc., pois incentiva os filiados à prática de atividades diversas em que o espírito de grupo pudesse ser desenvolvido. Ao abordar a questão do corporativismo da Mocidade Portuguesa a historiadora Irene Pimentel (PIMENTEL, 1998, p. 162) afirma que esta Organização foi idealizada pelo Ministro Carneiro Pacheco com base na formação nacionalista e na educação corporativa, onde a ideia de grupo deveria ser fomentada. Enquadrado nestes parâmetros de educação a Organização Mocidade Portuguesa estaria formando uma nova mentalidade, com base nos ideais do Regime - os conteúdos do *Guião* estavam voltados para o cumprimento destes ideais.

O tema “pedagogia” apresenta uma frequência de 27,0%. Esta área didática é, pois, de interesse relevante para a formação dos graduados, englobando assuntos tais como, “educação cívica”, “educação formal” e “intercâmbio”.

Sobre os temas mais recorrentes do *Guião*, Fialho Rico (RICO, 1949, p.11) afirma que esta revista tem a finalidade de apresentar conteúdos de carácter técnico cultural e formativo. Para uma análise mais pormenoriza, na Tabela 2 apresentamos a distribuição temática dos 24 assuntos indexados:

Tabela 2. Lista da frequência de assuntos nos artigos (<i>GUIÃO</i> , 1949 – 1953)	
Assuntos <i>GUIÃO</i>	N.º Artigos
Educação cívica	59
Troca de informação	36
Estrutura administrativa	30
Catolicismo	23
Campismo	22
Desporto	17
Jogo	16
Publicação periódica	14
Conto	13
Geografia	12
Poesia	12
História de Portugal	11
Cerimónia	9
Higiene	9
Música	8
Concurso	8
Regulamentação	8
Nacionalismo	7
Cartografia	5
Entrevista	5
Organograma	3
Pedagogia	3
Teatro	2
Matemática	1
Total	333

O tema que mais se destaca é “educação cívica”. Num universo de 333 artigos publicados, a “educação cívica” destaca-se com 59 artigos. Seguidamente o assunto “troca de informação” apresenta uma frequência absoluta significativa de 36, e “estrutura administrativa” com uma frequência de 30.

Os artigos que versam sobre “catolicismo” e “campismo”, apresentam resultados muito próximos (23 e 22 artigos, respetivamente), seguidos de perto por temáticas ligadas ao “desporto” (17 artigos) e “jogo” (16). Os assuntos menos representativos são a “pedagogia”, o “teatro”, e a “matemática”, esta última apenas com um artigo.

As temáticas ligadas à “educação cívica”, “troca de informação”, “estrutura administrativa”, “catolicismo”, “campismo”, “desporto” e “jogo” apresentam as frequências absolutas mais representativas e o conjunto destes 7 assuntos abrange 203 artigos do *Guião*, correspondendo a 61% da totalidade de artigos.

A “educação cívica”, como já referi é o assunto mais representativo, facto este que, por si mesmo, personifica o carácter nacionalista da revista analisada, visto tratar-se de uma publicação voltada para os graduados da Mocidade Portuguesa. Sendo a principal função desta publicação formar cidadãos disciplinados e obedientes aos seus superiores, neste contexto histórico, a educação cívica forma para o patriotismo e para a cidadania. O próprio regulamento da Mocidade Portuguesa de 4 de dezembro de 1936 (Cf. MOCIDADE PORTUGUESA, 1941) corrobora com esta ideias ao estabelecer, desde os fundamentos da Organização, as linhas mestras da estrutura formativa da juventude, ao afirmar que a Mocidade Portuguesa deveria promover a educação moral e cívica, física e pré-militar dos filiados.

Os Centros Escolares da Mocidade Portuguesa também se destinavam à formação moral, cívica e física dos seus filiados (MOCIDADE PORTUGUESA, 1941, p.35). Neste contexto a educação cívica estava mais voltada para a formação de padrões de comportamento e obediência e não para a formação de cidadãos críticos, pois, como pontua de forma clara Marcelo Caetano (CAETANO, 1952, p. 161) o individualismo português devia ser combatido no seio da Organização, este era visto como inimigo da ordem cívica e social, ao invés, o comportamento de coletividade dignificava a pessoa.

A “troca de informação”, por sua vez, induzia uma linha de ideais corporativista que veiculava entre graduados. A noção de intercâmbio era muito familiar à Mocidade

Portuguesa de maneira que, entre as 11 Direções de Serviços da Organização Mocidade Portuguesa²⁸ existia uma Direção de Serviços de Intercâmbio, apontando para o grande interesse que devotavam a esta prática. Para além deste facto, havia um departamento responsável por todos os assuntos de intercâmbio da juventude portuguesa com o estrangeiro, nomeadamente com a França, Espanha, E. U. A., Brasil, entre outros (MOCIDADE PORTUGUESA, 1949b, p. 20).

A “estrutura administrativa” reporta-se à própria organização interna da publicação periódica da Mocidade Portuguesa em análise, e engloba temáticas diversas, tais como, “educação formal”, “publicação periódica”, “formação pedagógica”, entre outros tipos de atividades da Organização. Sendo assim, a estrutura administrativa engloba vários assuntos que, a seu modo, são elementos didáticos do *Guião*, sem esquecer, porém, sua própria estrutura editorial.

O “catolicismo” personifica a ação da Igreja dentro da Mocidade Portuguesa com o objetivo de angariar filiados dentro de uma preparação judaico-cristã da Mocidade. Neste contexto, no II Congresso Nacional da Mocidade Portuguesa fica definido que deveria ser elaborado um regulamento específico para a formação moral e religiosa da juventude portuguesa. Este Regulamento é constituído inclusive por um capítulo com a bênção apostólica do Papa Pio XII²⁹ (Cf. MOCIDADE PORTUGUESA, 1957, P. 71)

O “campismo” reflete, por assim dizer, uma das principais atividades culturais da Mocidade Portuguesa. No campismo era instituído um ambiente formativo de disciplina rigorosa, com obediência a atividades e horários. A resistência físico-moral era outro objetivo do campismo: nos acampamentos fomentavam-se as marchas, exercícios, repousos e pernoita de modo a que o espírito de grupo fosse um ideal comum, o da Mocidade Portuguesa (CAETANO, 1952, p. 154). As dimensões

²⁸ “Direções de serviços: I – Direção dos Serviços Culturais e de Formação Nacionalista; II – Direção dos Serviços de Formação Moral; III – Direção dos Serviços de Saúde e Higiene; IV – Direção dos Serviços de Educação Física e Desporto; V – Direção dos Serviços de Instrução de Graduados; VI – Direção dos Serviços de Instrução Náutica; VII – Direção dos Serviços de Instrução Aeronáutica; VIII – Direção dos Serviços de Intercâmbio; IX – Direção dos Serviços de Instrução Geral; X – Direção dos Serviços Administrativos; XI – Direção dos Serviços de Publicidade e Propaganda.” (MOCIDADE PORTUGUESA, 1941, p.18)

²⁹ “Ao ter conhecimento de certas atividades, levadas a cabo na M. P., através da Assistência Nacional, Sua Santidade Pio XII, muito reconhecido pelo preito de amor filiado, dignou-se conceder à Organização, como testemunho da Sua benevolência e penhor de copiosas graças do Céu, a *Sua Paternal Bênção Apostólica* [...] fazendo votos pelos melhores frutos na reta e sã formação da Juventude de Portugal.” (MOCIDADE PORTUGUESA, 1957, p. 71)

“desporto” e “jogo” ainda fazem parte da estrutura mais representativa de assuntos e ambas se referem a atividades culturais da juventude portuguesa.

As dimensões “publicações periódicas” (14), “contos” (13), “geografia” (12), “poesia” (12) e “história de Portugal” (11) são assuntos relevantes do *Guião*, pois, são atividades culturais e de cultura geral que complementam os assuntos mais representativos.

Na ausência de parâmetros de comparação entre conteúdos da Mocidade Portuguesa Masculina, usa-se as investigações dos historiadores Irene Pimentel, Simon Kuin e Fernando Rosas para elucidar e contrapor assuntos de interesse geral da Organização.

Irene Pimentel (PIMENTEL, 1998, p. 163) refere-se, muitas vezes, às diferenças existentes entre as atividades físicas e o desporto da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF), em relação à masculina. Segundo a autora, desde o início da sua criação a Mocidade Feminina tinha um carácter diferenciado da masculina. No que diz respeito às atividades físicas e ao desporto, refere que a Mocidade Feminina deveria estar afastada de competições ou de exibições atléticas, limitando-se a alguns desportos que não fossem prejudiciais à sua frágil “missão natural de mulher”, como por exemplo a natação e o ténis.

Segundo a autora, no entender do Comissário Nacional Nobre Guedes, era necessário fazer o “homem mais homem” através das atividades culturais e do desporto, enquanto a mulher não deveria praticar desportos que desvirtuassem a condição feminina (PIMENTEL, 1998, p. 166).

Já para Simon Kuin (KUIN, 1993, p. 555) a sociabilização política da juventude portuguesa por intermédio da transmissão da cultura (no nosso estudo: a “educação cívica”, a “troca de informação” e a “educação formal”) era um dos instrumentos ideológicos que o Estado Novo utilizava para a “canalização da juventude nos moldes político-sociais aceitáveis, quer para um envolvimento ativo na vida política da sociedade, quer para um comportamento de passividade política”.

Quanto à influência ativa do catolicismo durante o Estado Novo, Fernando Rosas (ROSAS, 2001, p. 1052) afirma que a igreja Católica é “participante essencial no processo de afirmação ideológica do regime”, revelando este facto a significativa ocorrência de assuntos sobre o catolicismo no *Guião*.

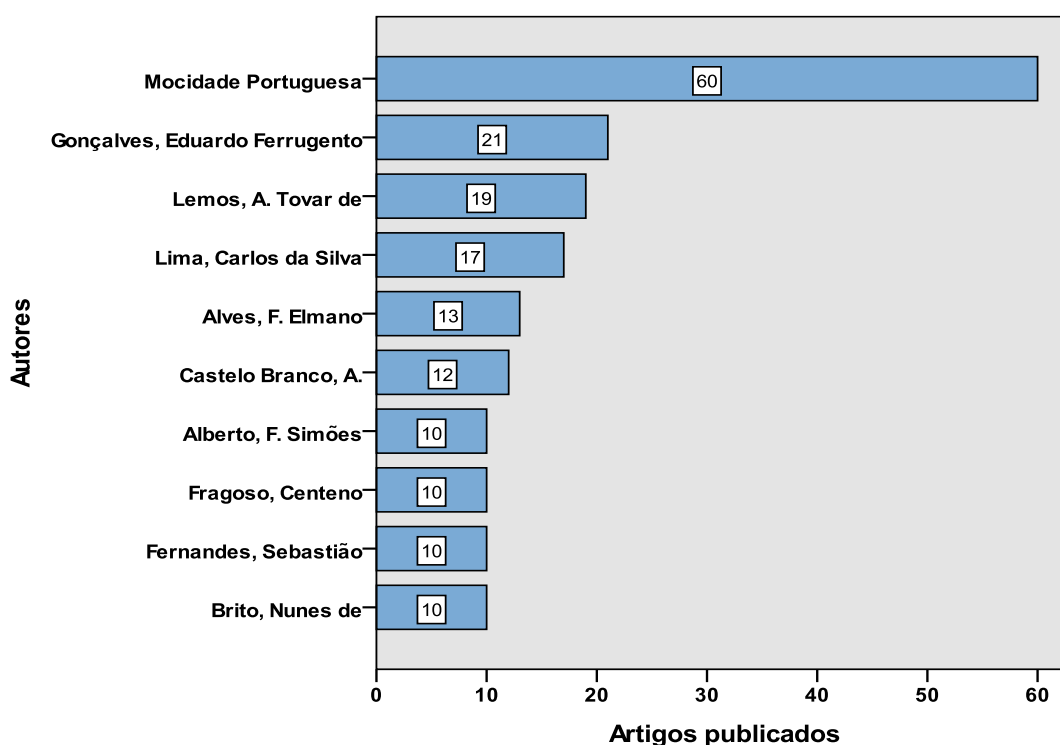
Como se pode verificar, esta perspetiva nacionalista do *Guião* inscreve-se nos ideais do Estado Novo e está bem definida em todo o tipo de literatura. A exemplo disso, (ROSAS 2001, p. 1036) aponta para o discurso político proferido pelo próprio Salazar em Braga na comemoração do 10.º aniversário do 28 de Maio, momento este em que ressalta a autoridade do Estado, e o valor atribuído ao “homem novo” como trabalhador, cumpridor dos seus deveres e obediente à Pátria. Este é o carácter do Regime e este é o objetivo pedagógico da revista objeto de nosso estudo.

II.3.3. Análise da autoria

Passamos à análise da autoria da revista *Guião*, a partir da quantificação dos seus 81 autores (ver: Apêndice E), individuais e coletivos, da sua caracterização funcional, da análise da sua produtividade e da incidência temática das suas publicações.

No que se refere à produtividade dos autores, optamos por analisar com mais pormenor os autores mais representativos, dito de outro modo, os que apresentaram uma frequência de 10 ou mais artigos publicados no *Guião* (Gráfico 6), com frequência de 56 % de artigos. As restantes frequências e, respetivas dimensões, ou seja, os autores com publicações inferiores a 10 artigos são descritos no referido Apêndice E.

Gráfico 6. Autores com 10 ou mais publicações (*GUIÃO*, 1949-1953)



O Gráfico 6 demonstra que a Mocidade Portuguesa é o autor/coletividade responsável intelectual do *Guião*, ao publicar 60 artigos (18% da totalidade). Como já referi no capítulo que versa sobre a história da revista, a Mocidade Portuguesa é, em parte, a grande responsável intelectual pela publicação periódica *Guião*. Esta Organização versa sobre assuntos variados que vão desde a “troca de informação”³⁰, sendo este o assunto mais recorrente desta autoria, passando por “educação cívica”, “estrutura administrativa”, “campismo”, indo até ao “conto” sendo este o assunto com menor frequência.

Como se verifica no Gráfico 6, Eduardo Ferrugento Gonçalves é o segundo autor mais produtivo no *Guião*, sendo responsável por 21 publicações, ou seja, 6,3% da totalidade. A sua primeira publicação foi “A sede do Centro” (GONÇALVES, 1950c, p. 4), quando assume funções na *Direção Cultural* da referida revista. A partir da edição do número 10 de 1950, este passa a *Chefe da Secção de Intercâmbio*, até ao número 16 de 1951, ano em que termina sua participação nesta publicação periódica. O principal tema abordado pelo autor é “educação cívica”³¹, para além de “troca de informação” e a “estrutura administrativa”, facto este que se deve à posição hierárquica de Ferrugento Gonçalves – Comandante de Falange na Mocidade Portuguesa.

António Tovar de Lemos, igualmente Comandante de Falange, é o terceiro autor mais representativo e aparece com 19 artigos publicados (5,7% da totalidade). Tovar de Lemos publica desde a primeira edição de o *Guião* – de 28 de maio de 1949 – com o artigo “O acampamento com os Chefes de Quina” (LEMOS, 1949, p. 14). O autor passa à função de *Diretor Técnico* do *Guião* a partir do fascículo número 5 de 1950, assumindo esta função até à edição do número 10, chegando a *Subdiretor* da referida revista a partir da vigésima até à última edição, em 1953. Este autor debruça-se essencialmente sobre o “campismo”³², para além deste assunto, também versa sobre a “educação cívica”, “troca de informação”, “regulamentação” e “higiene”.

O autor Carlos da Silva Lima, Comandante de Falange na Mocidade, é responsável pela publicação de 17 artigos do *Guião* (5,1% da totalidade). Este autor começa a publicar no *Guião*, desde a sua primeira edição em 28 de maio de 1949, com

³⁰ Cf. “Intercâmbio” (MOCIDADE PORTUGUESA, 1949b, p.20) e “Dos 4 ventos” (MOCIDADE PORTUGUESA, 1951a, p.14)

³¹ Cf. “Ser graduado” (GONÇALVES, 1950, p. 5) e “A nossa responsabilidade” (GONÇALVES, 1951a, p.6).

³² Cf. “Vamos acampar” (LEMOS, 1950, p.9) e “O machado no campo” (LEMOS, 1951, p. 10).

os artigos “28 de maio” e “Actividade cultural” (LIMA, 1949, p. 5). O assunto mais abordado por este autor é “publicação periódica”³³, não obstante, também se dedica a outro tipo de assuntos: “educação cívica”, “estrutura administrativa”, “cerimónia”, “campismo”, “história de Portugal” e o “nacionalismo”. Assume a função de *Chefe da Secção Cultural* da referida revista a partir da edição do número 6 de 1950 e passa à *Direção Técnica* a partir da edição do número 11 de 1951. Na edição seguinte assume a função de *Subdiretor* e termina como *Diretor* do *Guião* a partir da edição do número 14 de 1951 em substituição a António Castelo Branco, como referido no Capítulo II.2. – Fontes de informação e método.

Francisco Elmano Alves, Comandante de Bandeira, é responsável por 13 artigos que correspondem a 3,9% das publicações do *Guião*. Este autor assumiu a função de *Chefe da Redação* desde a sua primeira edição, tendo sido um dos idealizadores desta publicação. Numa entrevista ao jornal *Diário da Manhã*, Elmano Alves esmiúça as motivações para a escolha do nome da nossa revista: público-alvo e a ideologia da Mocidade Portuguesa (DIÁRIO DA MANHÃ, 1949, p. 2). As publicações deste autor são prioritariamente sobre “educação cívica”³⁴, ainda assim, existem outros assuntos a salientar como o “campismo”, “catolicismo”, “geografia” e “história de Portugal”.

António Castelo Branco, Comandante de Falange na Mocidade Portuguesa, é autor de 12 artigos, ou seja, 3,6% das publicações do *Guião*. Foi o primeiro *Diretor* desta revista, de 1949 a 1951, tendo sido substituído por Carlos da Silva Lima. O seu primeiro artigo, logo no primeiro fascículo, intitulou-se “Orientação e topografia” (CASTELO BRANCO, 1949, p. 18). O autor escreve predominantemente sobre geografia³⁵ e “topografia”.

Segue-se, dentro deste grupo onde destacamos os autores mais produtivos, um conjunto de 4 autores, cada um responsável por 10 artigos: Nunes de Brito, Sebastião Fernandes, Miguel Centeno Fragoso e Fernando Simões Alberto.

O autor Nunes de Brito, Comandante de Bandeira, inicia as suas publicações no *Guião* com o artigo “Boas festas” (BRITO, 1950, p. 5) e “Dos 4 ventos” (BRITO, 1950a, p. 20). Faz parte da *Direção Cultural* a partir da edição do número 11 de 1951, e passa a *Chefe da Redação* a partir da edição do número 14 até a edição do número 20.

³³ Cf. “O mesmo *Guião*” (LIMA, 1950, p.11) e “Os nossos jornais” (LIMA, 1949a, p. 5)

³⁴ Cf. “Marcha de camaradagem” (ALVES, 1949, p. 12) e “A vida dos símbolos” (ALVES, 1950, p. 17)

³⁵ Cf. “Topografia” (CASTELO BRANCO, 1950, p.8) e o “Sentido de orientação” (CASTELO BRANCO, 1949a, p. 9)

Escreveu sobretudo sobre “atividades culturais”³⁶, além de “educação cívica”, “troca de informação” e “geografia”.

Sebastião Fernandes, Comandante de Falange, teve a sua primeira participação no *Guião* com os artigos “1º de dezembro de 1640” e “1º de dezembro de 1649” (FERNANDES, 1949, p. 3). A partir da edição número 5 de 1950 assume a função *Técnica* desta revista, após vários cargos, e termina como *Chefe da Secção de Intercâmbio* (ao substituir Eduardo Ferrugento Gonçalves a partir da edição do número 17 até ao número 19). O autor escreve predominantemente sobre “nacionalismo”³⁷, além de contemplar a “estrutura administrativa”, “troca de informação” e “higiene”.

Centeno Fragoso, Comandante de Bandeira na Mocidade Portuguesa, foi um dos primeiros autores a intervir intelectualmente no *Guião* com o artigo “A carta roubada” (FRAGOSO, 1949, p. 15). A única função que assume na referida revista é na *Instrução* a partir da edição do número 11 de 1951. Centeno Fragoso dedicou a sua escrita a temas como o “jogo”³⁸. Para além deste assunto, refere-se também à “educação cívica” e à “troca de informação”.

Por fim, Fernando Simões Alberto, Comandante de Falange na Mocidade Portuguesa, é também um dos pioneiros do *Guião*, pois publica desde a sua primeira edição com o artigo “Formações e evoluções” (ALBERTO, 1949, p. 6). A partir da edição do número 5 o autor aparece com a função de *Chefe da Redação* da referida revista e assume esta função até junho de 1951. Este autor publica predominantemente sobre “educação cívica”³⁹, contemplando também os assuntos “publicação periódica” e “estrutura administrativa”.

Considerando o *corpus* detalhado até aqui, verifica-se que os principais autores da publicação periódica assumem funções na Mocidade Portuguesa e na nossa revista, logo podemos afirmar que esta espelha a hierarquia interna da Mocidade, com diretrizes concretas e fechadas ao exterior na sua concepção ideológica e estrutura editorial. Apesar de se ter verificado a presença de alguns autores exteriores à Organização, estes defendiam a mesma ideologia. A revista *Guião* segue uma linha condutora que se subentende relativamente à seleção de autores, onde a presença de mulheres é excluída,

³⁶ Cf. “Boas festas” (BRITO, 1950, p. 5) e “A chama” (BRITO, 1951, p. 10)

³⁷ Cf. “O dia da Mocidade” (FERNANDES, 1951, p. 8) e “1º de Dezembro de 1949” (FERNANDES, 1949, p.3)

³⁸ Cf. “A carta roubada” (FRAGOSO, 1949, p. 15) e “Os jogos na praia” (FRAGOSO, n. 14, 1951, p. 7)

³⁹ Cf. “Formações e evoluções” (ALBERTO, 1950, p.15) e “Não recuar” (ALBERTO, 1950a, p. 9)

plasmando a estrita separação entre os sexos desejada para as atividades desenvolvidas pela Mocidade Portuguesa, com as suas secções masculina e feminina.

II.3.3.1. Cargos na Mocidade Portuguesa

Como pudemos observar no grupo de autores mais produtivos, a grande maioria dos autores da publicação periódica *Guião* era de graduados e dirigentes da Mocidade Portuguesa. A Mocidade Portuguesa distinguia os seus dirigentes a partir da posição hierárquica que ocupavam, desde os postos ocupados pelos altos dirigentes da Organização⁴⁰ até aos cargos de graduados e outros menos significativos, por ordem hierárquica.

Na Tabela 3 passa-se a apresentar os cargos ocupados pelos autores individuais da publicação periódica *Guião* no contexto da Mocidade Portuguesa.

Tabela 3. Cargos ocupados pelos autores na Mocidade Portuguesa (GUIÃO, 1949 – 1953)	
Cargos	N.º Artigos
Comandante de Falange	99
Comandante de Bandeira	59
Comandante de Castelo	13
Assistente Nacional	9
Assistente Quadro Geral	8
Inspetor Quadro Geral	8
Subinspector Quadro Geral	8
Comissário Nacional	7
Comissário Nacional Adjunto	7
Assistente Quadro de Saúde	6
Comandante de Grupo	3
Diretor Serviços Culturais	2
Delegado Frente da Juventude	1
Inspetor Formação Artística	1
Inspetor	1

⁴⁰ Os altos Dirigentes da Mocidade Portuguesa ocupavam os cargos de: “ (i) Comissário Nacional; (ii) Comissário Nacional adjunto; (iii) Directores de Serviço; (iv) Inspectores; (v) Subinspectores e (v) Instrutores.” (Cf. MOCIDADE PORTUGUESA, 1941, p.15).

Conforme se verifica na Tabela 3, são três os cargos mais representativos que a grande maioria dos autores do *Guião* exerciam na Mocidade Portuguesa: Comandante de Falange; Comandante de Bandeira e Comandante de Castelo.

Os autores da referida revista com o cargo de Comandantes de Falange apresentam 99 frequências absolutas. Seguidamente, os Comandantes de Bandeira apresentam 59 frequências absolutas. Por sua vez, os autores com o cargo de Comandantes de Castelo apresentam 13 frequências absolutas. Os menos representativos são os cargos de Delegado da Frente da Juventude, Inspetor de Formação Artística e Inspetor, com apenas 1 frequência absoluta.

Cerca de 30% dos artigos publicados no *Guião* são redigidos por Comandantes de Falange. Os Comandantes de Falange eram nomeados pelo Comissário Nacional e recebiam esta nomeação na cerimónia de 1 de Dezembro, dia da Mocidade Portuguesa.

Os *Comandantes de Bandeira* são responsáveis por 17,7% das publicações no *Guião*. Os Comandantes de Bandeira eram os principais responsáveis pela formação dos filiados na Escola Central dos Graduados.⁴¹

Os autores com o cargo de Comandante de Castelo apresentam uma frequência relativa de 4%. A este graduado era dedicada a secção “Meu caro comandante de castelo”.

Os autores com função de Comandante de Falange, Comandante de Bandeira e Comandante de Castelo são responsáveis por 51% das publicações da nossa revista.

II.3.3.2. Ilustradores

O *Guião* é uma revista rica em ilustrações, como convinha numa publicação dirigida a um público juvenil, estas ilustrações estavam sempre relacionadas com o tema dos artigos, no entanto, a grande maioria das ilustrações não eram assinadas. A Tabela 4 quantifica os artigos ilustrados e assinados.

⁴¹ A Revista dedica uma secção aos Comandantes de Castelo, intitulada “*Meu Caro Comandante de Castelo*” com o objetivo de orientar estes graduados à formação dos filiados.

Tabela 4. Distribuição do n.º de artigos ilustrados e assinados (GUIÃO 1949 -1953)	
Ilustradores	N.º de artigos ilustrados
Lima, Fernando	20
Gil, Júlio	17
Vieira, Nuno	16
Vieira, João	4
Vicente, Carlos G.	3
Fragoso, M. Centeno	2
Vidal, Dário	2
Cid, Augusto	1
Modesto, Ribeiro	1
Total de Ilustradores	9
Total de artigos Ilustrados	66

No universo de 333 analíticos analisados, 83% são ilustrados, não obstante, apenas 20% são assinados. Como se verifica na Tabela 3, os ilustradores mais significativos são:

- Fernando Lima (Comandante de Bandeira), com 30% artigos assinados;
- Júlio Gil (Assistente do Quadro Geral), com 26% artigos assinados;
- Nuno Vieira (Comandante de Castelo), com 24% artigos assinados.

O ilustrador Fernando Lima tem 20 frequências absolutas no *Guião*, ou seja, era responsável por 30% das ilustrações assinadas na referida revista. As suas ilustrações versavam diversos temas. O nosso ilustrador inicia funções nesta revista a partir da edição de janeiro/fevereiro de 1951 e integra a *Secção de Fotografia e Desenho*, além de ilustrador Fernando Lima também era redator. No ano de 1958 Lima aparece como *Diretor* de uma outra publicação da Mocidade Portuguesa, o jornal *Talha mar*⁴².

⁴² O *Talha-mar* é uma das publicações da Mocidade Portuguesa e compõe a coleção da Biblioteca Histórica da SGMEC. A primeira publicação do Talha-mar: jornal dos graduados data de 5 de abril de 1958.

Júlio Gil⁴³ é responsável por 26% das ilustrações assinadas do *Guião*. Este ilustrador assume funções nesta revista na edição de outubro/dezembro de 1949, na *Secção de Desenho*. A partir de janeiro/outubro de 1951, integra também a *Secção de Desenho* e a de *Fotografia*.

Nuno Vieira é responsável por 24% das ilustrações assinadas sobre diversos temas. Este ilustrador inicia a sua participação no *Guião* a partir da edição de julho/agosto de 1951, com funções na *Secção de Fotografia e Desenho* (tem uma curta duração neste cargo).

De forma complementar, denotamos que as capas da nossa revista eram ricamente ilustradas, ora com fotografias (45%), ora com ilustrações (55%). Os principais ilustradores das capas do *Guião* eram Carlos Vicente e Dário Vidal. (ver: Anexos F e G).

II.3.4. Um olhar de conjunto

Realizamos, agora, uma súmula para apresentarmos um olhar de conjunto sobre a investigação realizada. A catalogação analítica do periódico selecionado resultou em 333 registos bibliográficos, dos quais 8 são peças musicais, 12 são poesias e 313 registos de conteúdos diversos.

A partir dos metadados provenientes do tratamento documental foram elaboradas duas tabelas de recolha de dados, onde constam dois índices, o primeiro dos quais contém metadados referentes a seis grandes variáveis biblioteconómicas: (i) título; (ii) área temática; (iii) descritores; (iv) artigo ilustrado; (v) ano e (vi) número. O segundo índice contabiliza quatro variáveis referentes a: (i) autor; (ii) responsabilidade na revista (iii) cargo na Mocidade Portuguesa e (iv) função na revista. Dos metadados reunidos e quantificados da catalogação de analíticos foi possível apurar:

1. A análise da produção revela que 68% dos fascículos do *Guião* saíram com periodicidade bimestral e os restantes 22% foram mensais. O ano de 1951 teve uma queda de 13% nas publicações de artigos/ano, quando comparados com o ano de 1950, esta diminuição acentua-se ainda mais em 1952, há um decréscimo de 28% a

⁴³ “Em Fevereiro de 1945, num catálogo da exposição de desenhos do filiado Júlio Gil escrevia-se: ilustrador de grande merecimento, dotado de uma maneira muito pessoal, revolucionária e presente, tem ilustrado centenas de assuntos, criando, inventando, desenhando às mãos cheias por livros, jornais e revistas (MOCIDADE PORTUGUESA, 1957, p. 7)”.

assinalar. Denotamos assim uma dispersão de valores que vão desde 2 a 10 artigos por fascículo, onde a média a assinalar é de 15 artigos por fascículo. Em suma: 42,5% das secções que mais se repetiam no *Guião* nos 5 anos de publicação são as seguintes: “Intercâmbio”, com 16,5% das ocorrências; “Dos 4 ventos”, com 11% das ocorrências; “Meu caro Comandante de Castelo”, com 7,5% das ocorrências e “Ordem de serviço”, com 7,5% das ocorrências.

2. A análise da **produtividade de autores** revela que os autores mais significativos são: Mocidade Portuguesa com 18% dos artigos publicados no *Guião*; Eduardo Ferrugento com 6,3%; A. Tovar de Lemos com 5,7% dos artigos publicados; Carlos da Silva Lima com 5,1%; F. Elmano Alves com 3,9% dos artigos publicados; A. Castelo Branco com 3,6%; Nunes de Brito com 3% dos artigos publicados; Sebastião Fernandes com 3%; Centeno Fragoso com 3% dos artigos publicados e F. Simões Alberto com 3% .

A análise das funções dos autores na Mocidade revela que 70% dos autores mais representativos do *Guião* eram Comandantes de Falange enquanto 30% eram Comandantes de Bandeira.

No universo de 333 analíticos analisados, 83% são ilustrados, não obstante, apenas 24% são assinados. Os ilustradores mais representativos são: Fernando Lima (Comandante de Bandeira), com 30% artigos assinados; Júlio Gil (Assistente do Quadro Geral), com 26% artigos assinados; Nuno Vieira (Comandante de Castelo), com 24% artigos assinados.

3. No que diz respeito à **análise temática**, numa perspectiva mais generalista, as três grandes áreas temáticas mais relevantes da publicação periódica *Guião* são: a “administração” com 27,6%, a “cultura” com 27,3%, e a pedagogia com 27,0%. Em suma, estes temas correspondem a 81,9% dos grandes temas do *Guião*. Num segundo nível de análise, conseguido através de 24 descritores temáticos, apuramos que a “educação cívica” representa 18%, dos assuntos da referida revista, a “troca de informação” 11%, a “estrutura administrativa” 9%, o “catolicismo” 7%, o “campismo” 6%, o “desporto” e o “jogo”, ambos com frequência relativa de 5%. Em suma, estes assuntos representam 61% dos assuntos do *Guião*.

No fim da nossa investigação, estamos convictos de que as conclusões obtidas despertarão interesse à comunidade de investigadores da história da educação e outras áreas afins.

CONCLUSÃO

O estágio, realizado na biblioteca da DSDA, consistiu na gestão documental do *Guião: revista para graduados*, desde a sua descrição ao apoio prestado na sua difusão. Primeiramente procedeu-se à catalogação analítica de 22 fascículos, resultante de 333 analíticos, à sua indexação pré-coordenada com recurso aos descritores do *Thesaurus TESE* (ca. 1000 descritores utilizados), bem como à elaboração de 81 registos de autoridade, utilizando sempre o Manual UNIMARC.

Face ao potencial informativo que resultou da descrição das suas partes componentes, quisemos explorar as potencialidades de uma análise bibliométrica desta publicação da Mocidade Portuguesa. Exportados para uma tabela Excel os metadados do sistema informático *Horizon*, estes deram origem a dois índices, um de autores e outro de títulos, a partir dos quais foram quantificados os dados bibliográficos disponíveis para o estudo bibliométrico.

Concluída a recolha e o tratamento dos dados, desenvolvemos um perfil bibliométrico da revista em estudo através de três dimensões principais: a análise de produção, a análise temática e a análise de autoria.

No que diz respeito ao primeiro objetivo proposto – avaliar a possibilidade de quantificar metadados provenientes da catalogação analítica – verificamos que é plausível, ainda que a exportação dos registos tenha de ser feita de forma parcelar, por meio de dois índices distintos, um de autores e outro de títulos, o que implica que o cruzamento dos dados para a análise bibliométrica tenha de ser feito manualmente.

Após tal procedimento de recolha de dados, propusemo-nos saber quais os autores, assuntos e elementos editoriais mais relevantes na referida publicação periódica. Desta forma, verificamos que os autores mais representativos da nossa investigação são a coletividade-autor Mocidade Portuguesa, o que confirma claramente o carácter institucional da referida revista. São nove os autores individuais mais representativos: Eduardo Ferrugento Gonçalves; António Tovar de Lemos; Carlos da Silva Lima; Francisco Elmano Alves; António Castelo Branco; Alberto F. Simões; Centeno Fragoso; Sebastião Fernandes e Nunes de Brito.

Verificamos também que os autores mais representativos desta publicação periódica assumem simultaneamente funções na Mocidade Portuguesa e no *Guião*, o

que reforça o peso hierárquico e caracter endógeno da autoria. Os autores com cargos de Comandante de Falange, Comandante de Bandeira e Comandante de Castelo são responsáveis por 51% das publicações do *Guião*.

As principais áreas temáticas da publicação periódica *Guião* são: a “administração”, “cultura” e a “pedagogia”. Estas três áreas representam 81,9% dos assuntos publicados na referida revista.

Numa análise temática pormenorizada verificamos que os assuntos mais representativos são os seguintes: “educação cívica”, “troca de informação”, “estrutura administrativa”, “catolicismo”, “campismo”, “desporto” e “jogo”. Estes assuntos representam 61% dos assuntos em geral.

Esta análise quantitativa da produção editorial da nossa revista, dia após dia, veio despontando interesse académico, quer ao nível dos serviços técnicos da Biblioteca, quer ao nível da Faculdade – Faculdade de Ciências Sociais e Humana/UNL –, sendo mais explícito, foram elaborados vários artigos de opinião para o blogue – Património do Ensino & da Educação – do Ministério da Educação e Ciência; foram aceites várias propostas para a reorganização da coleção *Mocidade Portuguesa*; elaboraram-se dezenas de ficheiros de autoridades novos; contribuiu-se para o enriquecimento do catálogo SIBME –, o que facilita o ato de pesquisa e divulgação de conteúdos da história contemporânea e aponta para novas evidências relativas à história da Organização e das estratégias de comunicação da *Mocidade Portuguesa*.

Finalmente, esta investigação espoletou o desenvolvimento de outras investigações bibliométricas sobre partes do acervo da biblioteca da DSDA da SGMEC, nomeadamente, uma análise da revista *Esmeraldo: política & humanismo* (1954-1956), realizada por Suzana Oliveira, e uma análise do espólio particular de José Baptista Martins, atualmente a ser elaborada por Elisabete Rosa.

Ante as conclusões delineadas e os resultados alcançados, pensamos que seria pertinente a existência de novos estudos bibliométricos em bibliotecas especializadas, no sentido em que esta metodologia poderá facilitar a gestão e organização de coleções biblioteconómicas.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Joaquim António de (1950) – Nossa Senhora da Conceição. *Guião: revista para graduados*. N.º 10, p. 16.

ALA: American Library Association (2010) – *Guidelines for the preparation of a bibliography*. [Em linha]. Chicago: RUSA. [Consult. 20 mai. 2015]. Disponível em: <<http://www.ala.org/rusa/sites/ala.org.rusa/files/content/resources/guidelines/biblio-prep-guidelin.pdf> > .

ALBERTO, Fernando Simões (1949) – Formações e evoluções. *Guião: revista para graduados*. N.º 1, p. 6.

ALBERTO, Fernando Simões (1950) – Formações e evoluções. *Guião: revista para graduados*. N.º 5, p. 15.

ALBERTO, Fernando Simões (1950a) – Não recuar. *Guião: revista para graduados*. N.º 8, p. 9.

ALBERTO, Fernando Simões (1950b) – Enquadramento. *Guião: revista para graduados*. N.º 9, p. 10.

ALBERTO, Fernando simões (1951) – Dois anos. *Guião: revista para graduados*. N.º 12, p.12.

ALMEIDA, José Ferreira de (1958) – Corpo Nacional de Graduados. *Talha–Mar: jornal dos graduados*. N.º 1, p. 3.

ALVES, Francisco Elmano (1949) – Marcha de camaradagem. *Guião: revista para graduados*. N.º 3, p. 12.

ALVES, Francisco Elmano (1950) – A vida dos símbolos. *Guião: revista para graduados*. N.º 10, p. 17.

ALVES, Francisco Elmano (1952) – As nossas coordenadas. *Guião: revista para graduados*. N.º 21, p. 12.

ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de; ALVARENGA, Lídia (2009) – Estudos bibliométricos em teses e dissertações brasileiras de 1987 a 2006. *IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. [Em linha]. [Consult. 19 ago. 2015]. Disponível em: <<http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/614/GT%207%20TxT%20%20ARA%C3%9AJ0%2c%20R.F.%20ALVARENGA%2c%20L.%20Estudos%20....pdf?sequence=1>> .

ARDANUY BARÓ, Jordi (2012) – *Breve introducción a la bibliometría*. [Em linha]. Barcelona: Universitat de Barcelona. [Consult. 18 ago. 2015]. Disponível em: <<http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/30962/1/breve%20introduccion%20bibliometria.pdf>> .

BAR-ILAN, Judit (2008) – Informetrics at the beginning of the 21st century – A review. *Journal of Informetrics*. [Em linha]. Vol. 2, p. 2-52. [Consult. 16 ago. 2015]. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1751157707000740>>.

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPANHA (2015) – *Catálogo de autoridades* [Base de dados]. Espanha: B.N.E. [Consult. 13 jun. 2015]. Disponível em: <http://www.bne.es/es/Catalogos/CatalogoAutoridades/> >.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE (2015) – *Catalogue Général Opale Plus*. [Base de dados]. Paris: B.N.F. [Consult. 20 de ago. 2015]. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/jsp/recherchemots_simple.jsp?nouvelleRecherche=O&nouveaute=O&host=catalogue>.

BOCCATO, Vera Regina Casari (2008) – A linguagem documentária como instrumento de organização e recuperação da informação. In HOFFMANN, W. A. M. e FURNIVAL, A. C. (orgs.) - *Olhar: ciência, tecnologia e sociedade*. São Paulo: Pedro e João Editores, p. 269-278.

BOERIS, Claudia E. (2011) – Algunas reflexiones sobre el control de autoridades en Argentina. *VII Encuentro Internacional y III Nacional de Catalogadores, Biblioteca Nacional de la República*. [Em linha]. P. 1-9. [Consult. 13 ago. 2015]. Disponível em: <<http://www.labiblioteca.edu.ar/descargas/catalogadores/encuentro2011/ponencia-boeris.pdf>>.

BRITO, Nunes de (1950) – Dos 4 ventos. *Guião: revista para graduados*. N.º 5, p. 20.

_____ (1950a) – Boas festas. *Guião: revista para graduados*. N. 5, p. 5.

_____ (1951) – A chama. *Guião: revista para graduados*. N.º 11, p. 10.

CAETANO, Marcelo (1952) – *A missão dos dirigentes: reflexões e diretivas sobre a Mocidade Portuguesa*. Lisboa: Mocidade Portuguesa.

CARVALHO, Rómulo de (1986) – *História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELO BRANCO, António Maria (1949) – Orientação. *Guião: revista para graduados*. N.º 1, p. 18.

_____ (1949a) – O Sentido de orientação. *Guião: revista para graduados*. N.º 4, p. 9.

_____ (1950) – Topografia. *Guião: revista para graduados*. N.º 5, p. 8.

CELLARD, André (2008) – *A análise documental: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes.

CHATAIGNIER, Maria Cecília Pragana; SILVA, Margareth Prevot da (2001) – Biblioteca digital: a experiência do Impa. *Ciência da Informação*. [Em linha]. Vol. 30, N.º 3, p. 7-12. [Consult. 10 mar. 2015]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n3/7281.pdf>> .

COLE, Francis Joseph; EALES, Nellie Barbara (1917) – The history of comparative anatomy. Part I: A statistical analysis of the literature. In *Science progress*, Vol. 11, p. 578-596.

COSTA, Teresa, et al. (2012) – A Bibliometria e a avaliação da produção científica: indicadores e ferramentas. *Actas do 11º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*. [Em linha]. [Consult. 25 ago. 2015]. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/429>> .

COVA, Anne; PINTO, António (1997) – O Salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. *Penélope: revista de história e ciências sociais*. [Em linha]. Vol. 17, p. 71-94. [Consult. 13 ago. 2015]. Disponível em: <<file:///C:/Users/acer/Downloads/Dialnet-OSalazarismoEAsMulheres-2656445.pdf>> .

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira (2008) - *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos.

DECRETO-LEI n.º 459/74. *D.G. 1.ª Série*, N. 214 (1974-09-13) p. 97.

DECRETO-LEI n.º 213/2006. *D.R. 1.ª Série*, n.º 208 (2006-10-27) p. 7431-7440.

DECRETO-LEI n.º 125/2011. *D.R. 1.ª Série*. N. 249 (2011-12-29) p. 5498-5508.

DIÁRIO DA MANHÃ (1949) – O *Guião* responde presente. *Diário da Manhã*. Jun. 1949.

EURYDICE. Unidade portuguesa (2008) – *TESE: Thesaurus Europeu dos Sistemas Educativos*. [Em linha]. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. [Consult. 25 mar. 2015]. Disponível em [www: <http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=192&fileName=thesaurus_europeu_2008.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=192&fileName=thesaurus_europeu_2008.pdf)> .

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça (2008) - *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. Lisboa: EDUSP.

FERNANDES, Sebastião (1949) – 1º de dezembro de 1640. *Guião: revista para graduados*. N.º 4, p. 3.

_____ (1951) – O dia da Mocidade. *Guião: revista para graduados*. N.º 16, p. 8.

FERREIRA, Ana Gabriela Clipes (2010) – Bibliometria na avaliação de periódicos científicos. *DataGramaZero*. [Em linha]. Vol. 11, n.º 3, p. 1-9. [Consult. 13 ago. 2015]. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun10/Art_05.htm> .

FONSECA, Edson Nery da (1973) – Bibliografia estatística e bibliometria: uma reivindicação de prioridades. *Ciência da Informação*. [Em linha]. Vol. 2, n.º 1. [Consult. 12 ago. 2015]. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/1625/1234>> .

FRAGOSO, Miguel Centeno (1949) – A carta roubada. *Guião: revista para graduados*. N.º 1, p. 15.

_____ (1949) – Intercâmbio. *Guião: revista para graduados*. N.º 3, p. 21.

_____ (1950) – Intercâmbio. *Guião: revista para graduados*. N.º 5, p. 18.

_____ (1951) – Os jogos na praia. *Guião: revista para graduados*. N.º 14, p. 7.

_____ (1951a) – A bola canadiana. *Guião: revista para graduados*. N.º 12, p. 16.

FREITAS, Judite A. (2012) – A biblioteca particular do Professor José Mattoso. [Em linha]. *Encontro Científico Acervos Patrimoniais: novas perspectivas e abordagens*. P. 1-22. [Consult. 20 ago. 2015]. Disponível em: <<https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3252/1/A%20Biblioteca%20Particular%20do%20Professor%20Jos.pdf>> .

GARFIELD, Eugene (1964) – Science Citation Index: a new dimension in indexing. *Science. New Series*. [Em linha]. Vol. 144, n.º 3619 p. 525-535. [Consul. 25 fev. 2015]. Disponível em: <<http://www.garfield.library.upenn.edu/essays/v7p525y1984.pdf>>.

GROSS, P. L. K.; GROSS, E. M. (1927) – College libraries and chemical education. *Science. New Series*. [Em linha]. Vol. 66, n.º 171, p. 385–389. [Consult. 20 mai. 2015]. Disponível em: <http://www.pilinski.de/Diplomarbeit/Material/grossandgross_science1927.pdf> .

GONÇALVES, Eduardo Ferrugento (1950a) – Espírito Guião. *Guião: revista para graduados*. N.º 10, p. 10.

_____ (1950b) – Intercâmbio. *Guião: revista para graduados*. N.º 9, p. 20.

_____ (1950c) – A sede do Centro. *Guião: revista para graduados*. N.º 5, p. 4.

_____ (1950) – Ser graduado. *Guião: revista para graduados*. N. 6 (1950), p. 5.

_____ (1951) – Intercâmbio. *Guião: revista para graduados*. N.º 11, p. 20.

_____ (1951a) – A nossa responsabilidade. *Guião: revista para graduados*. N.º 15, p. 6.

IFLA: International Federation of Library Associations and Institutions (2003) – *Guidelines for the application ISBDs for the description of Component Parts*. [Em linha]. Washington: Library of Congress. [Consult. 20 abr. 2015]. Disponível em [www: <http://www.ifla.org/files/assets/cataloguing/isbd/component-parts.pdf>](http://www.ifla.org/files/assets/cataloguing/isbd/component-parts.pdf).

_____ (2008) – *Manual UNIMARC: formato bibliográfico*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

_____ (2011) – *Manual UNIMARC: formato autoridades*. Ed. actualizada. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

_____ (2012) – *Descrição bibliográfica internacional normalizada (ISBD)*; trad. Rosa Maria Galvão, Margarida Lopes. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

KUIN, Simon (1993) – A Mocidade Portuguesa nos anos 30: anteprojectos e instauração de uma organização paramilitar da juventude. *Análise social*. [Em linha]. Vol. XXVIII, n.º 122, p. 555-588. [Consult. 12 abr. 2015]. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223291360Q2mKP8gs4Te87DJ5.pdf>>.

LE MOS, Alfredo Tovar de (1949) – O acampamento com os chefes de Quina. *Guião: revista para graduados*. N.º 1, p. 14.

_____ (1949b) – Sinais de pista. *Guião: revista para graduados*. N.º 4, p. 10.

_____ (1949a) – Intercâmbio. *Guião: revista para graduados*. N.º 4, p. 20.

_____ (1950) – Vamos acampar. *Guião: revista para graduados*. N.º 5, p. 9.

_____ (1951) – O machado no campo. *Guião: revista para graduados*. N.º 12, p. 10.

LIBRARY OF CONGRESS (2015) – *Library of Congress Authorities* [Base de dados]. Washington: L. C. [Consult. 20 ago. 2015]. Disponível em: <<http://authorities.loc.gov/>>
LIMA, Carlos da Silva (1949a) – Os nossos jornais. *Guião: revista para graduados*. N.º 2, p. 5.

LIMA, Carlos da Silva (1949) – 28 de maio. *Guião: revista para graduados*. N.º 1, p. 5.

_____ (1950) – O mesmo Guião. *Guião: revista para graduados*. N.º 8, p. 11.

_____ (1951) – O acampamento. *Guião: revista para graduados*. N.º 11, p. 12.

LIMA, Fernando (1952) – Manta de retalhos. *Guião: revista para graduados*. N.º 15, p. 18.

LOPES, Maria Margarida, et al. (2007) – UNIMARC: estudo da sua utilização na Porbase. *Actas do 9º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*. [Consult. 20 jun. 2015]. Disponível em: <<http://www.apbad.pt/Downloads/congresso9/COM34.pdf>>.

MALTRÁS BARBA, Bruno (2003) – *Los indicadores bibliométricos: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia*. Gijón: Trea.

MARTINHO, Ana Maria Figueiredo (2011) – *Contributo das revistas jurídicas para a comunicação e criação de conhecimento: uma perspectiva bibliométrica*. [Em linha]. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá. (Tese de doutoramento). [Consult. 20 ago. 2015]. Disponível em: <http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/9823/Tese_AMM%20Vers%C3%A3o%20Final.pdf?sequence=1> .

MAXIMINO, Pedro (2008) – A Bibliometria e as bibliotecas: projectos de investigação. *Cadernos BAD*. [Em linha]. Vol. 1, p. 67-78. [Consult. 20 ago. 2015]. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/765>>.

_____ (2006) – *Metodología para a avaliação de colecções: estudo aplicado a uma biblioteca portuguesa*. [Em linha]. Barcelona: Universitat de Barcelona. (Tese de doutoramento). [Consult. 13 mar. 2015]. Disponível em: <<http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/35853>> .

MEDEIROS, Filipa (2014) – *A historiografia medieval portuguesa na viragem do milénio: análise bibliométrica (2000-2010) e representação taxonómica*. [Em linha]. Évora: Universidade de Évora. (Tese de doutoramento.) [Consult. 08 ago. 2015]. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/11220>>.

MENDES, Maria Teresa Pinto; SIMÕES, Maria da Graça (2002) – *Indexação por assuntos: princípios gerais e normas*. [Em linha]. Lisboa: Gabinete de Estudos a&b. [Consult. 13 set. 2015]. Disponível em: <<https://eg.sib.uc.pt/bitstream/10316/20805/1/Indexacao%20por%20assuntos.pdf>>.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2003) – *Manual de tratamento documental da Divisão de Documentação*. Lisboa: Secretaria Geral.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2015) – *Plano anual de actividades*. [Em linha]. Lisboa: Secretaria Geral. [Consult. 20 mai. 2015]. Disponível em: <<http://colaborar/DocsGesto/PLANOS%20DE%20ATIVIDADES/PA%202015.pdf>>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL (1989) – *Mocidade Portuguesa*. Lisboa: Secretaria Geral.

MOCIDADE PORTUGUESA (1941) – *Regulamentos*. Lisboa: Casa Portuguesa.

_____ (1949) – Apresentação. *Guião: revista para graduados*. N.º 1, p. 2.

_____ (1949a) – Intercâmbio. *Guião: revista para graduados*. N. 2, p. 17.

_____ (1949b) – Intercâmbio. *Guião: revista para graduados*. N.º 1, p. 20.

_____ (1951a) – Dos 4 ventos. *Guião: revista para graduados*. N.º 15, p. 14.

_____ (1951) – Ordem de serviço. *Guião: revista para graduados*. N.º 16, p. 20.

_____ (1950) – Um ano de vida. *Guião: revista para graduados*. N.º 7, p. 10.

_____ (1957a) – Júlio Gil: um artista da mocidade. *Guião: cristandade, lusitanidade, ordem social*. N.º 66, p. 7.

_____ (1957) – *Regulamentos e directivas: assistência nacional para a formação moral e religiosa*. Lisboa: Mocidade Portuguesa.

MONTE-MÓR, Jannice (1987) – Documentação em ciências sociais. *Ciência da informação*. [Em linha]. Vol. 16, n.º 1, p. 3-12. [Consult. 25 mar. 2015]. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/viewFile/1565/1180>>

NÓVOA, António, et al. (1993) – *A imprensa de educação e ensino: repertório analítico: (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

OTLET, Paul (2015) – *Le livre sur le livre. Traité de documentation: fac-similé de l'édition originale de 1934*. Paris : Les Impressions Nouvelles.

PALOMANEZ RODRIGUES, Maria Tereza (2008) – *Manual básico de formación bibliotecária*. Priego: Asociación para la Defensa del Patrimonio Histórico Documental de Priego.

PIMENTEL, Irene (1998) – A Mocidade Portuguesa Feminina nos dez primeiros anos de vida (1937-47). *Penélope: revista de história e ciências sociais*. [Em linha]. Vol. 19, p. 161-187. [Consult. 13 ago. 2015]. Disponível em: <[file:///C:/Users/acer/Downloads/Dialnet-A%20MocidadePortuguesaFemininaNosDezPrimeirosAnosDeVi-2655741%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/acer/Downloads/Dialnet-A%20MocidadePortuguesaFemininaNosDezPrimeirosAnosDeVi-2655741%20(2).pdf)>.

_____ (1999) – A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40. *Análise Social*. [Em linha]. P. 477-508. [Consult. 13 ago. 2015]. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218799127Z7uLZ4su1Vg14KQ1.pdf>

_____ (2007) – Influências internas e externas na Obra das Mães e na Mocidade Portuguesa Feminina. *Campus Social*. [Em linha]. Vol. 34, p. 19-43 [Consult. 13 jun. 2015]. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1927/artigos1.pdf?sequence=1>

PORBASE (2015) – *Base Nacional de dados bibliográficos* [Base de dados]. Lisboa: Biblioteca Nacional. [Consult. 20 set. 2015]. Disponível em: <http://porbase.bnportugal.pt/> >.

Portaria n.º 150/2012. *D.R. 1.ª Série*, n.º 95 (2012-05-16) p. 2549-2553

PRITCHARD, Alan (1969) – Statistical bibliography or bibliometrics? *Journal of documentation*, Vol. 25 p. 348-349.

PULGARÍN, A.; HERRERA-MORILLAS, J. L. (2009) – Aplicación de la Bibliometría al estudio del fondo antiguo: estado de la cuestión y vías de investigación. *A ciência da informação criadora de conhecimento: Actas do IV Encontro Ibérico EDIBCIC 2009*. [Em linha]. Vol. 2, p. 273-286. [Consult. 25 jun. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3101143> > .

RICO, Fialho (1949) – O Guião e a liga dos antigos graduados. *Guião: revista para graduados*. N.º 2, p. 11.

_____ (1950) – Meu caro Comandante de Castelo. *Guião: revista para graduados*. N.º 9, p. 5.

_____ (1950a) – “Meu caro Comandante de Castelo”. *Guião: revista para graduados*. N.º 7, p.4.

_____ (1951) – Pela E. C. G.. *Guião: revista para graduados*. N.º 12, p. 4.

RODRIGUES, António Gonçalves (1952) – Palavras do Comissário Nacional. *Guião: revista para graduados*. N.º 17, p. 3.

RODRIGUES, Victor Hugo (1950) – Dez minutos de conversa. *Guião: revista para graduados*, N.º 5, p. 7.

SILVA, Maria dos Remédios da; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (2012) – A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. *Transformação*. [Em linha]. Vol. 16, n.º 2. [Consult. 22 fev. 2015]. Disponível em: <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/viewFile/717/697>.

SOTTOMAYOR, José Carlos, et al. (2008) – *Regras portuguesas de catalogação: descrição e acesso de recursos bibliográficos nas bibliotecas de língua portuguesa*. Lisboa: BNP.

THANUSKOD, S. (2010) – Journal of Social Sciences: a bibliometric study. *Journal of Social Sciences*. Vol. 24, n.º 2, p. 77-80.

THOMSON REUTERS (2015) – Journal Citation Reports. *ISI Web of knowledge*. [Base de dados]. [Consult. 22 set. 2015]. Disponível em: < <http://admin-apps.webofknowledge.com/JCR/JCR?PointOfEntry=Home&SID=R1IGmdBF1V5nV4WTcbQ> > .

VANZ, Samile Andréa de Souza (2012) – A bibliometria no Brasil: análise temática das publicações do periódico ciência da informação (1972-2002) [em linha]. *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. [Em linha]. N.º 5. [Consult. 10 ago. 2015]. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/300/ENAN088_Vanz.pdf?sequence=1> .

VIANA, Luís Ribeiro (1949) – Passo em frente. *Guião: revista para graduados*. N.º 1, p. 4.

_____ (1949a) – Agora, ao trabalho! *Guião: revista para graduados*. N.º 3, p. 3.

_____ (1951) – Brado de alerta. *Guião: revista para graduados*. N.º 14, p. 3.

_____ (1951a) – Barcos de vela. *Guião: revista para graduados*. N.º 15, p. 16.

ZULUETA, María Àngeles (2006). Bibliometría y métodos bibliométricos. In LÓPEZ YÉPEZ, José (coord.) - *Manual de Ciencias de la Documentación*. Madrid: Pirâmide, p. 117-136.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Competências da DSDA	7
Quadro 2. Coleções da Biblioteca da SGMEC	9
Quadro 3. Formação dos Filiados da Mocidade Portuguesa.....	30
Quadro 4. Estrutura dos Graduados da Mocidade Portuguesa.....	31
Quadro 5. Variações de subtítulo e periodicidade (<i>GUIÃO</i> , 1949-1953).....	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição das publicações da coleção da Mocidade Portuguesa pelos descritores do <i>Thesaurus TESE</i>	11
Gráfico 2. Distribuição absoluta do n.º de fascículos/ano (<i>GUIÃO</i> , 1949 - 1953).....	41
Gráfico 3. Distribuição absoluta do n.º de artigos por ano (<i>GUIÃO</i> , 1949 - 1953).....	42
Gráfico 4. Distribuição do n.º de artigos por fascículo (<i>GUIÃO</i> , 1949 - 1953)	43
Gráfico 5. Distribuição relativa dos artigos por áreas temáticas (<i>GUIÃO</i> 1949 – 1953)	47
Gráfico 6. Autores com 10 ou mais publicações (<i>GUIÃO</i> , 1949-1953).....	52

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Registo bibliográfico analítico (<i>GUIÃO</i> , 1949 – 1953).....	15
Figura 2. Analítico de autoridade/coletividade (<i>GUIÃO</i> , 1949 – 1953)	17
Figura 3. Indexação pré-coordenada (<i>GUIÃO</i> , 1949 – 1953)	18
Figura 4. Ficheiro de autoridade (<i>GUIÃO</i> , 1949 – 1953).....	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição das secções da revista por fascículos (<i>GUIÃO</i> , 1949 - 1953)..	44
Tabela 2. Lista da frequência de assuntos nos artigos (<i>GUIÃO</i> , 1949 – 1953).....	48
Tabela 3. Cargos ocupados pelos autores na Mocidade Portuguesa (<i>GUIÃO</i> , 1949 – 1953).....	56
Tabela 4. Distribuição do n.º de artigos ilustrados e assinados (<i>GUIÃO</i> 1949 -1953)	58

APÊNDICES

Apêndice A - Cronograma das atividades desenvolvidas no estágio	iii
Apêndice B - Serviços centrais da administração direta do Estado do MEC	v
Apêndice C - Direções de serviços da SGMEC	vii
Apêndice D - Modelo das tabelas de recolha dos dados	ix
Apêndice E - Produtividade de todos os autores <i>GUIÃO</i> (1949 – 1953)	xi

APÊNDICE A

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO													
Atividades/período		março				abril				maio			
		1S	2S	3S	4S	1S	2S	3S	4S	1S	2S	3S	4S
1	Tratamento documental de <i>Guião: revista para graduados</i>												
2	Elaboração de índices												
3	Análise dos dados (estudo bibliométrico)												
4	Divulgação e disseminação da informação.												

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE B

Serviços Centrais da Administração Direta do Estado do MEC

- A Secretaria Geral,
- A Inspeção Geral da Educação e Ciência,
- A Direcção-Geral da Educação,
- A Direcção-Geral do Ensino Superior,
- A Direcção-Geral da Administração Escolar,
- A Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência,
- A Direcção-Geral de Planeamento e Gestão Financeira,
- O Gabinete de Avaliação Educacional.

Fonte: Decreto-Lei n.º 125/2011, art. 4º

APÊNDICE C

DIREÇÕES DE SERVIÇOS DA SGMEC
▪ Direção de Serviços de Planeamento, de Informação e de Sistemas de Gestão,
▪ Direção de Serviços de Assuntos Jurídicos,
▪ Direção de Serviços de Mediação de Conflitos e do Contencioso,
▪ Direção de Serviços de Emprego e das Relações de Trabalho,
▪ Direção de Serviços de Gestão de Recursos Humanos,
▪ Direção de Serviços de Gestão de Recursos Financeiros,
▪ Direção de Serviços de Contratação Pública,
▪ Direção de Serviços de Gestão do Património,
▪ Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo,
▪ Direção de Serviços de Coordenação da Cooperação e das Relações Internacionais.

Fonte: (Portaria n.º 150/2012, art. , alíneas a -j)

APÊNDICE D

MODELO DAS TABELAS DE RECOLHA DOS DADOS

MODELO DE TABELA DE AUTORES – ÍNDICE AUTORES			
AUTOR/ RESPONSABILIDADE SECUNDÁRIA	RESPONSABILIDADE NA REVISTA	CARGO NA MOCIDADE PORTUGUESA	FUNÇÃO NA REVISTA

Fonte: Elaboração própria

MODELO DE TABELA DE TÍTULOS – ÍNDICE TÍTULOS					
TÍTULO	ÁREA TEMÁTICA	DESCRITORES <i>Thesaurus TESE</i> (4 colunas)	ARTIGO ILUSTRADO (assinado e não assinado)	ANO	NÚMERO

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE E

Produtividade de todos os autores <i>GUIÃO (1949 – 1953)</i>	
Autores	Nº Artigos
Mocidade Portuguesa	60
Gonçalves, Eduardo Ferrugento	21
Lemos, A. Tovar de	19
Lima, Carlos da Silva	17
Alves, F. Elmano	13
Castelo Branco, A.	12
Brito, Nunes de	10
Fernandes, Sebastião	10
Fragoso, Centeno	10
Alberto, F. Simões	10
Lima, Fernando	9
Silva, Francisco Maria da	9
Rico, Fialho	8
Teixeira, Quirino	8
Coelho, J. C. Pinto	7
Viana, Luís Ribeiro	7
Ramos, A. C. da Silveira	6
Rosa, Eugénio Ribeiro	6
Rodrigues, Vitor Hugo	5
Coelho, Luís Pinto	4
Costa, José Manuel Neves da	4
Viana, Filipe	4
Costa, João Neves da	3
Pombeiro, J. Arnaut	3
Rodrigues, A. Gonçalves	3
Caetano, Prista	2
Coelho, José Gabriel Pinto	2
Moura, António Lopes de	2
Palmeirim, José	2
Pereira, João Martins	2
Pombeiro, Luís Arnaut	2
Ribeiro, Euclides	2
Ruas, Henrique Barrilaro	2
Vicente, Fernão	2
Agostinho da Cruz	1
Castelo Branco, J. P. de	1
Cerejeira, Manuel Gonçalves	1

Coelho, António	1
Coelho, António L. J.	1
Aguiar, Joaquim A.	1
Elola Elaso, José António	1
Faro, José	1
Gama, Sebastião da	1
Garcia, António Marques	1
Júnior, Amaro José	1
Leça, Armando	1
Lereno, Manuel	1
Lopes, Fernando Cardoso	1
Macedo, José	1
Anónimo	1
Melo, Lopes de	1
Nemésio, Vitorino	1
Neves, Moreira das	1
Paulitos, José alberto	1
Pessanha, Camilo	1
Pessoa, Fernando	1
Pincarilho, Gonçalves	1
Pinto, J. V. Ribeiro	1
Amaro Júnior, José	1
Pratt, António José	1
Queirós, Francisco Alberto	1
Raposo, Hipólito	1
Rego, A. da Silva	1
Ribeiro, José António	1
Ribeiro, Lélío de Almeida	1
Ascensão, Eugénio da	1
Ribeiro, Lourenço Alves	1
Ribeiro, Mário de Sampaio	1
Rosa, Nuno	1
Anónimo	1
Sardinha, António	1
Bispo, António João	1
Sousa, Ernesto Alves de	1
Souza, Baltasar Rebelo de	1
Trindade, Henrique	1
Viana, António Manuel Couto	1
Vicente, Carlos G.	1
Boavida, José Fernandes	1
Vieira, Afonso Lopes	1

Vieira, Nuno	1
Brito, almeida e	1
Total	333

Fonte: *Guião* (1949-1953)

ANEXOS

Anexo A - Carta da Qualidade DSDA	xvii
Anexo B - Descrição arquivística do fundo da Mocidade Portuguesa/SGMEC	xix
Anexo C - Diário da Manhã (1junho 1949).....	xxiii
Anexo D - Índice Guião (1951, nº 12)	xxv
Anexo E - Índice Guião (1953, nº 22).....	xxix
Anexo F - Capa <i>Guião</i> (1949, nº1).....	xxxí
Anexo G - Capa <i>Guião</i> (1949, nº2).....	xxxiii

ANEXO A

Carta da Qualidade da DSDA



SECRETARIA-GERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Carta da Qualidade

Orientação estratégica

Consolidar-se como serviço público de referência, alargando o seu campo de actuação no domínio dos serviços partilhados, com respeito pelos princípios éticos próprios da administração pública.

Princípios de actuação

Existência de normas de conduta articuladas com os valores de referência da organização, que estruturam e caracterizam o seu trabalho e o seu relacionamento com os cidadãos e as entidades públicas e privadas que constituem o seu universo de beneficiários e directos interessados na sua acção.

Objectivos de referência

- ✓ Incrementar a qualidade de serviço no domínio do apoio técnico e administrativo aos gabinetes ministeriais
- ✓ Desenvolver e expandir as áreas dos "serviços partilhados" disponibilizadas às entidades constituintes do Ministério da Educação
- ✓ Contribuir com eficácia para a qualificação dos recursos humanos dos serviços centrais e periféricos
- ✓ Desenvolver e executar programas de identificação, tratamento, conservação e divulgação do património histórico do Ministério da Educação

Audição dos interessados

A realizar de forma continuada através de **Questionário de Satisfação**, disponível em <http://www.sg.min-edu.pt/pt/base-de-dados/questionario>

Livro de Reclamações
Resolução do Conselho de Ministros n.º 189/96, de 28 de Novembro

Centro de Informação e Relações Públicas (CIREP)
Av. 5 de Outubro, 107, 1069-018 Lisboa
Tel : 217811690 / Fax : 217978020
Email : cirep@sg.min-edu.pt

Valores

Profissionalismo	Capacidade de mudança
Cooperação	Sentido de serviço público
Aperfeiçoamento contínuo	

INFORMAÇÃO

<i>Produção de documentos técnicos de suporte</i>	60 dias
<i>Difusão de informação</i>	1 dia
<i>Difusão de inventários/colecções de legislação Património arquivístico</i>	1 - 15 dias
<i>Requisição de Obras a Bibliotecas Externas</i>	1 dia
<i>Serviço de Reprografia</i>	1 dia
<i>Informação sobre o sistema educativo</i>	Imediato - 1 dia
<i>Envio de diplomas para publicação em Diário da República</i>	1 dia
<i>Recepção e encaminhamento de documentos para os Gabinetes e Serviços do Ministério</i>	1 dia

RECURSOS PATRIMONIAIS

<i>Gestão de stocks, da frota automóvel e do património imobiliário</i>	variável
<i>Elaboração do Plano Nacional de Compras do ME</i>	2 dias
<i>Elaboração do Plano de Aquisições do ME</i>	60 dias
<i>Aquisições ao Abrigo de Acordos Quadro</i>	30 dias
<i>Pedido de Excepção ao Ministério das Finanças</i>	5 dias
<i>Preenchimento de Relatórios de Contratação</i>	1 dia
<i>Gestão dos Catálogos Electrónicos</i>	variável
<i>Monitorização de Contratos da UMC</i>	variável
<i>Apoio técnico e administrativo ao Plano Tecnológico da Educação</i>	variável

ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

<i>Organização e apoio à realização de congressos, seminários, reuniões e acções de formação</i>	1 dia
--	-------

RECURSOS HUMANOS

<i>Processamento de vencimentos</i>	3ª ao 10ª dia do mês
<i>Elaboração de declarações, certidões e contagens</i>	1 - 3 dias
<i>Disponibilização de informação sobre processos individuais e assiduidade</i>	Imediato - 1 dia
<i>Elaboração de informação/pareceres da área de Recursos Humanos</i>	1 - 4 dias
<i>Mobilidades</i>	30 - 45 dias
<i>Procedimentos Concursais</i>	90 - 120 dias

SERVIÇOS JURÍDICOS

<i>Registo de Associação de Pais</i>	3 dias
<i>Reconhecimento de Associação de Estudantes</i>	90 dias
<i>Contencioso</i>	variável
<i>Parecer Técnico-jurídico</i>	30 dias
<i>Instrução de processos especiais</i>	90 dias
<i>Realização de estudo</i>	30 dias
<i>Elaboração ou apreciação de Acto Normativo</i>	variável

RECURSOS FINANCEIROS

<i>Elaboração dos projectos de Orçamento</i>	8 dias
<i>Controlo e execução orçamental mensal</i>	3 - 4 dias
<i>Cabimento das aquisições de bens e serviços e Recursos Humanos</i>	1 dia
<i>Pagamentos de facturas</i>	2 - 3 dias
<i>Emissão de pareceres técnicos</i>	3 - 4 dias
<i>Documentação e elaboração das Contas de Gerência</i>	30 dias

INFORMÁTICA

<i>Administração de sistemas</i>	Permanente
<i>Administração de bases de dados</i>	Permanente
<i>Suporte técnico aos utilizadores</i>	1 dia
<i>Apoio às políticas e acções da SG</i>	Permanente
<i>Gestão e administração de projectos no âmbito do SI</i>	Permanente
<i>Gestão e suporte da infra-estrutura tecnológica de voz e dados</i>	Permanente
<i>Optimização do uso dos recursos através de sessões de esclarecimento e formação</i>	Permanente
<i>Gestão e manutenção dos sites internos e externos</i>	1 dia

QUALIFICAÇÃO

<i>Proposta de Formação Externa</i>	2 dias
<i>Proposta de Formação à Medida</i>	5 dias
<i>Acolhimento do Candidato (RVCC nível secundário)</i>	30 dias
<i>Orientações sobre a Autobiografia (RVCC nível secundário)</i>	15 dias

Compromisso com os Resultados

ANEXO B

Descrição arquivística do fundo da Mocidade Portuguesa / SGMEC
(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1989)

MOCIDADE PORTUGUESA

Código de referência

PT/MESG/AAC/MP

Título

Mocidade Portuguesa

Datas

1938-1975

Dimensão

5 m.l. - 27 cx. e 12 mf.

Suporte

Papel

Nível de descrição

Fundo

Nome de produtor

Portugal, Ministério da Educação Nacional, Mocidade Portuguesa

História administrativa

Organização instituída pelo Decreto-Lei n.º 26 611, de 19 de maio de 1936, abrange toda a juventude, escolar ou não, e tem por fim estimular o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à Pátria, no sentimento da ordem, no gosto da disciplina, no culto dos deveres morais, cívicos e militares. O seu Regulamento foi publicado em 4 de dezembro de 1936.

Criada pela Obra das Mães para a Educação Nacional (OMEN), a Mocidade Portuguesa Feminina tem regulamento publicado por Decreto de 8 de Dezembro de 1937, dia da Imaculada Conceição. Este Regulamento apresenta a mesma estrutura e conteúdo do da Mocidade Masculina, com particularidades derivadas da diferença de sexos. Segundo o seu articulado a "organização cultivará nas filiadas a previdência, o



ONMP, cx. 2502, doc. 20

trabalho colectivo, o gosto da vida doméstica e as várias formas do espírito social próprias do sexo, orientando para o cabal desempenho da missão da mulher na família, no meio a que pertence e na vida do Estado".

O objectivo último destas organizações, que reflectiam os valores ideológicos do Estado Novo, era de um modo geral contribuir por todas as formas para a plena realização da educação nacionalista da juventude portuguesa.

História custodial e arquivística

Na sequência da criação do Arquivo Histórico do Ministério da Educação, em 1989, a documentação produzida e recebida pelos organismos da tutela no exercício das suas funções, então considerada de conservação permanente, foi transferida para este serviço, a fim de ser tratada arquivisticamente, com vista à sua preservação e comunicação.

Fonte imediata de aquisição ou transferência

Transferência, d. 1989-06-30.

Âmbito e conteúdo

Uma parte da documentação destes dois organismos encontra-se microfilmada, correspondendo as designações que se seguem, mais do que a verdadeiras séries documentais, a listagens de assuntos, levantados aquando da remessa da referida documentação para a Secretaria-Geral, pela Comissão Liquidatária da Mocidade Portuguesa e da Mocidade Portuguesa Feminina: Actividades culturais, Comissões, Contabilidade, Estabelecimentos de Ensino, Professores, Instruções e informações, Livros de contas correntes, Livros de registo de correspondência, Ordens de serviço, Pessoal, Processos diversos, Processos individuais, Relatórios, Serviços sociais, Vencimentos e descontos. Integra também uma colecção de fotografias.

Condições de acesso

Arquivo de livre acesso. Existe, no entanto, documentação sujeita a condições e a prazos de consulta, nos termos da Lei (Decreto-lei n.º 16/93 de 23 de janeiro: Regime geral de arquivos e do património arquivístico).

Instrumentos de pesquisa

Pré-inventário em suporte papel, acessível localmente

Materiais associados

Colecção de livros e publicações periódicas da Mocidade Portuguesa

[negrito nosso];

Espólio Museológico da Mocidade Portuguesa;
Coleção de fotografias.

Entidade detentora

Portugal, Ministério da Educação e Ciência, Secretaria-Geral, Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo

Portugal, Presidência do Conselho de Ministros, Direção-Geral dos Livros, dos Arquivos e das Bibliotecas, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Data de descrição

1996; 2014-06-18

Fonte: Arquivo da DSDA da SGMEC

O "GUIÃO" RESPONDE "PRESENTE!"

a novas vocações jornalísticas e ao anseio juvenil de continuar para o futuro os rumos da Revolução Nacional

Mocidade significa novidade, espírito sempre novo, sempre renovação, Mocidade significa, antes do mais — e este País tem-no aprendendo agradável e no decorrer da última década — insofrida insatisfação, constante desejo de aperfeiçoamento, de conquista.

Quando as coisas novas que um dia foram surpresa parecem tornar-se rotineiras, quando aquilo que há dez anos se supunha impossível se tornou já, de modo indiscutível, uma realidade quotidiana, os rapazes inventam algo de novo, abrem novas clareiras à sua frente — e efêlos a demonstrar, com o vigor e a audácia das almas de quinze ou dezoito anos, que nem tudo estava feito, que muito havia ainda a fazer.

Tal é, na verdade, o motivo da existência do «Guião», revista dos graduados da Mocidade Portuguesa, cujo primeiro numero se publicou há dias — no «28 de Maio» — graças ao entusiasmo de alguns comandantes de castelos e de «bandeiras», saídos não há muito da Escola Central de Graduados.

O «Guião» — uma capa expres-

siva, optimista, sadia e um formato simpático, atractivo, e guardar muita coisa que interessa realmente aos rapazes — tem como director o comandante de Falange António Pinto Castelo Branco, nome bem conhecido e querido nas fileiras da M. P., entre os camaradas e entre os dirigentes.

Como redactores, todos os graduados que queiram escrever, todos quantos respondam à chamada que lhes foi feita, para, sustentando e arguindo bem alto o «Guião» sustentarem e elevarem ainda mais os princípios da M. P., a legenda que enobrece a Incerta geração e enobrecer Portugal — universalizando-o até ao Infinito: «Honra, Dever, Serviço, Sacrificio».

Se por um lado nos encontramos perante mais um acto de fé da Mocidade no prosseguimento da obra da Revolução Nacional, não há dúvida que esta iniciativa dos rapazes representa, pelo menos da parte de alguns, o delinear de uma vocação jornalística, que não pode



Os rapazes do «Guião» fazem ao «Diário da Manhã»

"Guião" responde "PRESENTE!"

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

deixar-nos indiferentes, nem constitui surpresa. Na na Mocidade lutar para todos — lutar para todas as vocações.

Como jornalista que se prezam os redactores desta revista dos graduados têm o seu chefe de redacção — o comandante de Bandeira Francisco Elmendo da Cruz Alves, aluno da Faculdade de Direito de Lisboa, quase a transpor já os humbrals do primeiro ano.

Procurámos-lo para o ouvir sobre o «Guião». Ouvimos-lo a cle, ao Castelo Branco, ao Carlos Lima, Ouyri-los, foi susculiar as aspirações generosas da geração nascida a-quando ou depois do «28 de Maio» e que sente como que o insulivo dever de reagir contra toda e qualquer tendência de esquecimento do caminho percorrido e das dificuldades do percurso.

Do que ouvimos, aqui deixamos breve apontamento: Não julgue que fazemos uma revista pelo simples prazer de escrever ou pelo gosto de sermos lidos. O «Guião» surge como resposta à pergunta que tantos dos nossos camaradas das Escolas de Graduados constantemente nos faziam: «Porque não prolonga a Escola a sua acção para além dos cursos?» Francisco Elmendo Alves esclarece:

«Com efeito, quando o «Guião» chega à Escola de Graduados vem geralmente cheio de dúvidas e de problemas que, afinal, dentro em pouco se encontram resolvidos, não só porque a matéria dos cursos já os resolve, mas sobretudo porque se criam novos e mais vastos horizontes no nosso espirito. Isto é, desenvolvem-se nele a capacidade de realização e a decisão.

«O pior, intervem Carlos Lima — o pior é, muitas vezes, quando os novos graduados regressam ao contacto com a vida dos Centros.

«Porque o ambiente é, como não podia deixar de ser, diferente daquele em que viveram durante o curso. Aquel além, o entusiasmo, os ambientes difíceis. O graduado sente-se, muita vez, sozinho pe-

rente novas e mais difíceis problemas. E tem quase sempre, desses cursos, de tratar de tudo, desde a como das barracas até, a falta de verba. Nessas condições — e aos que se tornam mais necessário, os graduados encontram-se em meio ao campo de provas. E é então que se torna mais necessário, que busca acarinha-los, dar-lhes todo o estímulo, manter nella o sentimento da força que constitui a nossa unidade, do valor que representa a nossa camaradagem — tudo o que seja, numa palavra, a prolongamento da vida e do clima moral da Escola.

E o «Guião» tem ao encontro dessa necessidade; há-de procurar satisfazê-la o melhor que puder — o melhor dentro do limite das possibilidades — pois não sonhamos com impossíveis.

Pode saber-se como tencionam alcançar esses objectivos? Estamos já a alcançá-los. Graças a Deus, o nosso «Guião», mesmo o primeiro numero, provocou um despertar de energias, que há-de continuar e progredir. O que pretendemos é levantar problemas que interessam à juventude, e chamando os graduados a sua resolução.

«Mas que problemas? Todos os que interessam à juventude. Todos os que se prendem com a «formação integral do cidadão português, isto é com a esfera de acção educativa da Mocidade Portuguesa — esfera bem vasta, a abranger literalmente, como lhe disse, tudo o que for perto da de longo interesse ou de respeito í sente nova.

«Concretamente. Desde os problemas escarrosos do arranjo dos Centros, do melhor aproveitamento da instrução geral ou especializada, da explicação da organização da M. P., até aos grandes problemas de ordem geral, de formação de uma mentalidade imperial, de conhecimento e divulgação da cultura portuguesa, de defesa das coisas portuguesas, de defesa dos rapazes contra os perigos da brevidade de uma sociedade aburguezada, que nos aparece como superficialmente convertida a certas verdades fundamentais da Revolução que criou a Mocidade Portuguesa e que a Mocidade há-de continuar e perpetuar.

«A iniciativa partiu de Lisboa? Sim, mas cedia entre os rapazes de todas as Províncias como Felix da Silva. Além do entusiástico acolhimento dos nossos camaradas, houve o natural interesse de muitos dirigentes. E queremos pedir-lhe para registar um nome — o do nosso instrutor António Paulo Rico, que desde a primeira hora nos ajudou a ter a realidade desta aspiração. E também a altura de la dizer do reconhecimento que devemos ao nosso Comandante Nacional, ao major Ribeiro Vianna, nosso Director de Serviços e ao Inspector Baltazar Rebelo de Sousa. Estamos absolutamente dispostos a honrar a confiança que passaram em nós e a ir para diante, cante o que cante.

«Uma ultima pergunta: qual o raso do título?

«Há durante o curso das Escolas de Graduados dois momentos insequíveis para os rapazes que os frequentam. O mais importante é, sem dúvida, o da entrega das divisas de comandante de castelo ou de bandeira, ao fim de vencidos todos os obstáculos, todas as provas. Mas a entrega do guião da Escola — dessa bandeira rubra que traz em si todo um programa de nobreza de alma e de espirito de bem servir, não fica atras, em significado moral em emoção, e representa verdadeiramente para o futuro graduado o inicio da sua carreira. Por isso escolhemos para o nosso jornal o nome que melhor o poderia distinguir.

«Tem razão. E agora só nos cumpre desejar-lhes que o seu programa se realize em toda a extensão de que são capazes os espiritos sinceros e vibrantes dos nossos graduados da Mocidade.

ANEXO D

ÍNDICE GUIÃO (1951, n.º 12)

ÍNDICE

DOS N.º 1 a 12 (ANOS I e II)

	N.º	Pág.		N.º	Pág.
ACTIVIDADE CULTURAL					
Acerca das festas dos centros	1	11	Se chove.....	11	15
» » » » »	2	6	Sinais de pista	4	10
» » » » »	5	11	Vamos acampar.....	1	17
A chama	11	10	» »	5	9
Boas Festas	5	5	CANTOS ORA		
Columbófilia	5	10	Avante por Portugal	3	15
Festas de encerramento.....	12	8	Balada do Natal.. ..	4	15
Festas do Natal	10	12	Marcho a cantar	1	21
Introdução à actividade cultural .	1	10	O malhão	5	17
Jornais de árvore.....	6	8	Portugal é lindo.....	2	15
Onde se fala dos nossos livros....	4	5	S. João da Serra.....	6	18
Os nossos jornais.....	2	5	CONCURSOS		
» » »	3	17	O nosso concurso	1	7
Pelo mundo dos selos	6	9	» » »	2	4
Quando a chama crepita	7	6	Concurso.....	2	20
Sede do Centro.....	5	4	O nosso concurso.....	3	16
Sobre a sede do Centro	6	11	Os nossos concursos.....	5	17
» » »	7	11	Mais um concurso.	6	16
Teatro da juventude	3	6	CONTOS		
CAMPISMO					
Acampamento com os chefes de	1	14	Buraquinho no tecto	11	17
quina.....	6	10	Folha solta	9	18
Acampamento da Páscoa	11	12	Os nossos contos	5	21
Acampamento - Vida	2	18	» »	6	17
Barraca de quina.....	8	10	Testemunha na noite.....	8	15
Circuitos campistas	9	9	Uma caçada aos gambosinos....	2	8
» »	10	7	DIVERSOS		
» »	7	16	Apresentação	1	2
Fogueiras	9	25	Dois anos	12	12
Ideias práticas	12	17			
» »	6	6			
Marchas.....	11	7			
»	3	18			
Nós e... os «nós».....	12	10			
O machado no campo	8	16			
Pontes.....					

	N.º	Pág.
Mensagem do Delegado Nacional da Frente de Juventudes ...	9	3
Ordem de Serviço.....	1	18
Ordem de Serviço.....	12	12
Pela E. C. G.....	12	5
Rumo certo	12	14
Um ano de vida.....	7	10

FORMAÇÃO

A arte de comandar.....	7	8
Agora, ao trabalho.....	3	3
A vida dos símbolos.....	10	17
Comandantes de Bandeira	2	3
Conhece-te a ti próprio.....	10	6
Enquadramento	9	10
Espírito desportivo	7	10
Espírito Guião.....	10	10
Formação de quadros	9	8
Graduado	11	6
Meu caro Comandante de Castelo	6	4
» » » » »	7	4
» » » » »	8	4
» » » » »	9	5
» » » » »	10	4
» » » » »	11	4
» » » » »	12	4
Mais vida	9	16
Natal em nós	10	3
Novo Guião	1	3
Não recuar	8	9
O mesmo Guião.....	8	11
O Guião e a Liga dos Antigos Graduados	2	11
O Graduado Chefe de rapazes....	9	4
Passo em frente	1	4
Para uma mentalidade M. P.....	3	4
Por São Nuno de Portugal	4	6
Problemas educativos	7	3
» »	8	3
» »	11	3
Quando o chefe manda.....	8	8
Queremos fogo	11	5
Sede da Escola.....	6	3
Ser graduado	6	5
» » - Porquê?.....	12	6
Servir, não servir-se.....	11	8
Tudo pelo Império	5	12
Um ano diferente - Um ano da Mocidade.....	5	3
Vida dos Centros - Enquadramento	3	8
28 de Maio	1	5

FORMAÇÃO RELIGIOSA

	N.º	Pág.
A missa no Acampamento	2	16
As três festas da Páscoa	1	9
Cristandade	3	5
Natal! Natal!	4	7
Nossa Senhora da Conceição.....	10	16
Palavras do Assistente Nacional aos Graduados	12	3

FORMAÇÕES e EVOLUÇÕES

Desfiles	4	4
Formações e evoluções.....	1	6
» » » - maneira de instruir... ..	2	20
Formações e evoluções-tecnologia	5	15

HIGIENE

A água.....	7	14
» »	8	14
Higiene	2	19
»	4	8
»	5	14
» e Festas dos Centros.....	12	13
Introdução à Higiene	1	19
O vinho	9	17
Socorro!	11	14

HISTÓRIAS

A batalha de Aljubarrota	2	12
Efemérides	1	8
»	2	14
»	3	11
»	4	16
»	5	16
O Tratado de Tordesilhas	1	12

INTERCÁMBIO

Intercâmbio	1	20
»	2	17
»	3	20
»	4	21
»	5	20
»	6	21
»	9	20

	N.º	Pág.
Intercâmbio (regulamento de correspondentes)	10	20
Intercâmbio	11	20
»	12	20

JOGOS

A carta roubada	1	15
A lâmpada maravilhosa	2	21
Bola canadiana	12	16
Golf variado	6	14
Por túneis e montes	4	19
O Desporto e a M. P.	12	18

NOTICIÁRIO

Dos 4 ventos	4	18
» » »	7	20
» » »	8	19
» » »	9	22
» » »	11	19
» » »	12	22
Formação imperial	10	22

ORGÂNICA

Centros	10	9
10 minutos de conversa	1	7
» » »	2	4
» » »	5	7
Farda	12	9
Orgânica geral	3	9
» »	4	15
» »	5	8
O regulamento da M. P.	7	15

POESIA

Ao nascimento do Senhor	10	8
Estátua	7	5
O encoberto	3	7
São Gabriel	2	7
Silêncio	11	11

REPORTAGENS & ENTREVISTAS

	N.º	Pág.
A Escola	9	7
As nossas entrevistas	7	7
As nossas entrevistas	8	7
» » »	9	11
A propósito de uma viagem à Suécia	3	19
De longada	9	12
Imagens da 2.ª Marcha de Camaradagem	9	14
Mais um 1.º de Dezembro	10	14
Novos chefes	9	21
Novos Comandantes de Castelo ..	7	18
O Folar do Expedicionário	6	19
1.ª Marcha de Camaradagem	3	12
1.º de Dezembro de 1640 — 1.º de Dezembro de 1949	4	3
Reportagem	8	5
Salão Nacional de Educação Estética	10	11
2.ª exposição de ensaios para figurinos de teatro	2	15

TOPOGRAFIA & ORIENTAÇÃO

Alturas	11	16
»	12	7
A bússola	3	14
As estrelas	8	17
A lua	7	17
Orientação	5	8
»	6	7
Olha para mim, ajudar-te-ei	10	5
O vento	9	6
O sentido de orientação	4	9
Topografia	1	19
»	2	10

TRANSMISSÕES & LIGAÇÕES

Agentes de ligação	4	17
Continuando uma conversa	8	8
As transmissões no acampamento ..	11	9
As transmissões nos iniciados	10	15
As transmissões na festa final	7	9
Sabias que	1	16
Uma ligeira conversa	5	6

ANEXO E

ÍNDICE GUIÃO (1953, n.º 22)

ÍNDICE

DOS N.ºS 13 A 22

	N.º	Pág.		N.º	Pág.
CAMPISMO			O telefone automático 19 8		
Ciclo — Campismo.....	14	9	Palavras do Comissário Nacional	17	3
Cozinhas de campo.....	13	16	Primeiro de Dezembro	20	3
No regresso.....	17	5	Recordação	13	12
Rumo ao campo.....	18	2	Render da Guarda	16	12
Somos precisos!.....	15	5	Uma presença para além da morte	13	4
CANTO CORAL			Teatro da Mocidade.....	21	27
Deixa-me ir falar contigo	15	21	Vamos criar pombos correios ...	22	6
Marcha do campismo.....	17	11	DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA		
Natal	16	9	A idade da Terra.....	22	9
CONCURSOS			As aranhas.....	18	14
Concurso do Natal.....	20	21	As estrelas.....	18	10
» » »	22	20	A quarta dimensão.....	20	6
Qual a melhor Divisão	13	16	Uma corrida que ninguém ganhou	22	7
» » »	14	17	ENSAIO		
CONTO			A História ao serviço da Verdade	18	5
Conto de Natal	16	10	As nossas coordenadas.....	21	12
» »	21	8	Camilo, Eça e o século XIX	17	14
O mistério dos candeeiros	17	12	Uma palavra sobre o Infante.....	17	8
O passeio do menino	20	14	FILATELIA		
Viajar!	14	14	Filatelía	17	16
DIVERSOS			»	18	16
A arquitectura através dos tempos	18	17	»	19	13
A juventude no Ar.....	18	23	»	20	17
Alcácer-Quibir	18	12	»	21	25
A única palavra	21	4	»	22	17
Bem-vindos sejam	22	3	FORMAÇÃO		
Brado de Alerta	14	3	A nossa responsabilidade.....	15	6
Cruzeiros.....	13	18	A vida dos símbolos.....	14	12
Cursos de verão	13	5	» » »	15	8
De novo a Sede da Escola.....	14	5	» » »	19	6
E. C. G.	20	2	Civilização Ocidental e Mentali-		
Façamos um Natal Português ...	16	4	dade Ocidental	17	6
Ginástica... e Matemática.....	21	11	Palavras de ouro	20	24
Guião	20	18	Para ser um Chefe	18	4
Imposição de insígnias	19	2	» » »	19	3
Jogos Olímpicos	18	6	Renovação	15	4
Mãe	21	28	Serviço — Sacrifício	13	6
Melhoremos!	18	8	Sou capaz!	20	9
O mar quer prudentes	13	11	FORMAÇÃO RELIGIOSA		
Ordem de Serviço.....	13	18	Corpo de Deus — Festa Nacional	18	3
» »	14	20	Estrela de Dezembro: a Mãe....	16	3
» »	15	20	Mistério do Natal.....	21	3
» »	16	21	Na descida da montanha	15	3

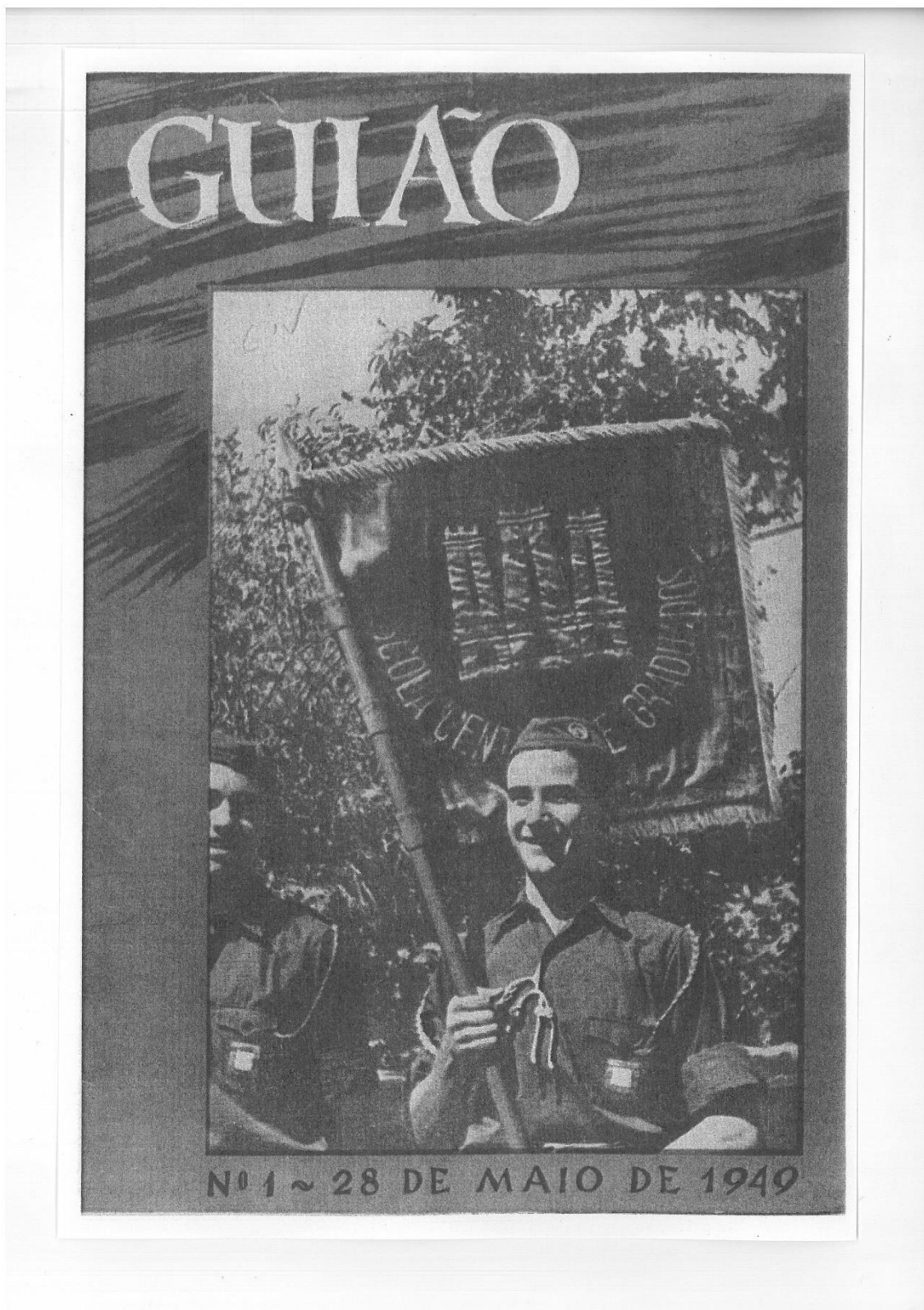
	N.º	Pág.		N.º	Pág.
O caminho do graduado	22	4	Na morte do poeta Sebastião da Gama	22	5
Os mistérios da Semana Santa ..	17	4	Noite de Natal	21	6
Peregrinar... para Fátima!	14	4	O Infante D. Henrique	17	9
Quis Deus e foi Apóstolo das Índias	20	4	Ponta de Sagres.....	17	9
Rumo à claridade... Fátima! ...	13	3	RÁDIO		
FORMAÇÕES E EVOLUÇÕES			Construção de uma galena	22	14
Coisas novas	16	6	O sistema nervoso do teu galena	20	10
HIGIENE			Um problema de trânsito nas válvulas de rádio	21	16
Higiene no campo.....	14	10	REPORTAGENS E ENTREVISTAS		
INTERCÂMBIO			Alguma coisa para contar na Metrópole	22	10
Intercâmbio	13	20	A magia do Cunene	21	10
»	14	18	As nossas entrevistas.....	13	14
»	15	17	Centros que vivem	22	12
»	16	20	Centros que vivem — o 25	20	12
»	18	21	Fátima — Encerramento do Ano Santo.....	16	16
JOGOS			Na Catedral Branca	19	4
Jogos	15	7	Nós subimos a serra!	17	2
»	16	9	O Dia da Mocidade.....	16	8
Os jogos na praia.....	14	7	Oito de Dezembro.....	21	2
Três jogos para a noite de Natal	21	19	Outras estrelas no céu de Portugal	15	12
NOTICIÁRIO			O XXIX Curso de Graduados ...	15	10
A entrega da Bandeira Nacional à Milícia.....	21	26	Partida de Luanda	17	10
Angola de visita à Metrópole.....	22	2	Primeiro de Dezembro	21	14
Dos 4 ventos	14	16	Provas de chefes	20	8
»	15	14	TOPOGRAFIA		
»	17	17	A régua de milésimos	16	14
»	22		Avaliação de distâncias	15	18
ORGÂNICA			Distâncias	13	7
Onde se fala de uma escada misteriosa.....	13	8	VELA		
PASSATEMPOS			A navegação	16	7
Charadas	22	19	Barcos de vela	15	16
Manta de Retalhos	17	18	O Lusito	14	8
»	18	18	Vela.....	13	10
»	19	14	XADREZ		
»	20	20	Xadrez	17	20
»	21	20	»	18	19
POESIA			»	19	15
Em posição.....	20	5	»	20	21
Levanta-te e anda!	14	6	»	21	22
			»	22	16

GUIÃO REVISTA EDITADA PELO COMISSARIADO NACIONAL DA MOCIDADE PORTUGUESA // ANO III - N.º 22

Director: C. Falange CARLOS LIMA / Sub-Director: C. Falange ALFREDO TOVAR DE LEMOS / Chefe da Redacção: C. Bandeira FERNANDO LIMA / Administração: PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA, LISBOA / Composto e impresso nas oficinas gráficas de «E. M. LDA.», Travessa de São Pedro, 9 — LISBOA

ANEXO F

CAPA GUIÃO (1949, N.º1)



ANEXO G

CAPA *GUIÃO* (1949, N.º 2)

